

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Luíza Flôr Coester

**DE COMPANHEIRO A APRENDIZ: AS “VIRADAS” DE FERNANDO
NAGLE GABEIRA AO LONGO DE SUA TRAJETÓRIA**

Porto Alegre

2018

Luíza Flôr Coester

DE COMPANHEIRO A APRENDIZ: AS “VIRADAS” DE FERNANDO NAGLE
GABEIRA AO LONGO DE SUA TRAJETÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao curso de graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof. Dr^a. Claudia Wasserman.

Porto Alegre

2018

Luíza Flôr Coester

DE COMPANHEIRO A APRENDIZ: AS “VIRADAS” DE FERNANDO NAGLE
GABEIRA AO LONGO DE SUA TRAJETÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do
grau de Licenciado em História.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Claudia Wasserman (orientadora)

Prof^ª. Dra. Clarice Speranza

Dra. Mariluci Cardoso de Vargas

Porto Alegre

2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a pessoa que me auxiliou e orientou ao longo destes anos de graduação: minha orientadora Claudia Wasserman. Pelos ensinamentos, paciência e carinho e por ser uma mulher forte e inspiradora. Quero agradecer também aos meus professores Rafael Balardin e Edir Vieira Filho, por terem despertado em mim a vontade de questionar a realidade e o amor pela História.

Agradeço aos professores do departamento de História da UFRGS, que ao longo destes últimos anos me mostraram constantemente que tomei a decisão correta de escolher este curso.

No âmbito familiar, gostaria de agradecer primeiramente a minha irmã Carolina Flor Coester, minha primeira e mais fiel companheira, desde sempre. Por todos os momentos pelos quais passamos. Aprendi a ser adulta junto contigo e sinto que posso passar por todas as dificuldades da vida, se tu estiveres ao meu lado. A minha mãe Suzani Cristina Flor, a mulher que me ensinou a importância de lutarmos não somente pelos nossos sonhos, mas por um mundo melhor, mais igualitário e justo. Tu me ensinastes a não me silenciar perante as injustiças e a não ter medo de discutir e me posicionar quando necessário. Ao meu pai, Marcus Coester, um homem que sempre me serviu de inspiração pela coragem e determinação com a qual enfrenta todos os desafios que aparecem em sua frente. Obrigada por nunca desistir (e por ter me contagiado com o amor pela música). A minha irmã de coração Ananda Burger, que sempre me apoiou e me ouviu, principalmente nos momentos mais difíceis (e estes foram muitos) e por todo o apoio que me destes em relação aos meus sonhos. E ao meu irmão Wesley Coester. Gostaria também de agradecer as minhas avós Elida Adelina Pedde Coester, por ser um exemplo de resiliência e força, uma mulher que enfrentou a vida de cabeça erguida, e a Neli Ricardo Flor, que me amou intensamente e por isso, me ensinou o que significa amar. E aos meus avôs Wilson Flor, por ter sido um avo presente e amoroso, sempre otimista e sorridente, e ao Oskar Coester, uma pessoa idealista que passou a vida

lutando pelos seus sonhos. Gostaria também de agradecer aos meus parentes distantes, mas próximos de coração. Meu dindo, Leandro Barcelos, um homem de natureza questionadora, que me ensinou a não me satisfazer com respostas prontas e estar sempre pensando. Minha dinda Juliana Coester, sempre dedicada e lutadora, que sempre me acolheu quando precisei (e me alimentou). E aos meus priminhos - que são na verdade meus irmãos - Lucca Barcelos e Rafaela Barcelos. Sinto constantemente a falta de vocês. E aos meus amigos Dall, Lúcia, Rafa, Gilmar, Ícaro e Mello, gostaria de agradecer por serem os melhores amigos que alguém poderia pedir e por me mostrarem que família é algo que se constrói.

Gostaria também de agradecer ao Juliano Nakamura, pela paciência que demonstrou com meu nervosismo ao longo deste último semestre (sei que não foi fácil) e por sempre me escutar e me entender.

Obrigada por terem apoiado minha decisão de cursar história.

Gostaria de agradecer as pessoas que me acompanharam ao longo da trajetória acadêmica. Primeiramente, ao Gabriel Borowski, meu amigo e companheiro desde o início do curso. Foram muitas as horas que passamos fazendo trabalho pelo skype, viajando na jambo ou mandando áudios muito longos a respeito dos problemas das nossas vidas. Obrigada por ter estado sempre lá, até mesmo nas piores situações possíveis. A Andressa, pela parceria e companhia. Gostaria também de agradecer aos meus amigos Arthur Maia, Gabriel Pavani, Gabriel Giacomazzi e Tiago Xavier pela amizade ao longo destes anos de curso. E por fim, gostaria de agradecer a três pessoas que me acompanharam nesta reta final e se tornaram indispensáveis. Ao Ângelo, uma das primeiras pessoas com quem falei na faculdade, pelas conversas sem sentido e pelas risadas (temos as melhores ideias juntos). A Kamila, uma pessoa por quem tenho muita admiração. Nossa amizade passou por momentos difíceis (mas está aí firme e forte). E a Roberta, uma pessoa linda, que tem um coração enorme (eu nunca te odiei e só estou me formando em cerimônia por ti).

Ao Alessandro Monteiro, pela paciência e pela enorme ajuda concedida ao longo deste trabalho.

Ao Marcos Machry, amigo querido que acompanhou a minha trajetória dos últimos anos e me encorajou a cursar história.

E, por fim, ao Fábio, pela ajuda com os créditos complementares e por me mostrar, em uma fase muito difícil da minha vida, que existem pessoas maravilhosas por aí.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a trajetória de Fernando Gabeira pela análise de seus relatos de memória e discursos de 1978 até 2018. Com este intuito, foram selecionados sete livros publicados por ele ao longo deste período, além algumas entrevistas. É objetivo do trabalho, também, assinalar as diferenças nos textos produzidos por Gabeira nos diversos momentos de fala, buscando assinalar possíveis “viradas ideológicas”, ou seja, mudanças em seu discurso político e ideológico, ao longo do período analisado.

Palavras-Chave: Fernando Gabeira, virada ideológica, memória, ditadura civil-militar, luta armada.

Lista de Siglas:

MR-8 – Movimento Revolucionário 8 de Outubro

DI-GB – Dissidência Comunista da Guanabara

VPR – Vanguarda Popular Revolucionária

ALN – Ação Libertadora Nacional

PT – Partido dos Trabalhadores

PV – Partido Verde

UDN – União Democrática Nacional

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

MRT- Movimento Revolucionário Tiradentes

PCB – Partido Comunista Brasileiro

MBL – Movimento Brasil Livre

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
Capítulo 1:	12
Pequena Biografia.....	13
Infância.....	18
Aparecimento da política	21
Escolha profissional	23
Como reagiu ao Golpe.....	25
O movimento estudantil e a clandestinidade.....	27
Capítulo 2:.....	32
Marxismo.....	34
Socialismo e esquerda... ..	38
Democracia.....	47
Capítulo 3.....	51
Movimentos Sociais	51
• Anistia.....	51
• Diretas Já.....	53
• Impeachment de Dilma Rousseff.....	57
A luta armada e a militância.....	59
Acerto de contas e lições do passado.....	67
Considerações finais.....	75
Fontes e Bibliografia	77

No momento em que escrevo, ainda estou vivo. Quero dizer que não esgotei meus papéis históricos. Cinquenta anos de vida pública. Não pretendo concluir, apenas fechar um ciclo. “O passado é um país estrangeiro, fazem coisas estranha por lá”, escreve L.P. Hartley no romance *O mensageiro*. Concordo somente com o final: “fazem coisas estranhas por lá”.

Fernando Gabeira,
Onde está tudo aquilo agora?, 2012.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória política e ideológica de Fernando Gabeira no que tange o período de 1978 até 2018. Para este fim, pretendo examinar as obras publicadas por ele a partir de 1979 – quando foi lançado seu primeiro livro de caráter autobiográfico, *O que é isso, companheiro?* – até 2017, além disto, pretendo utilizar, de forma complementar, algumas entrevistas concedidas por ele a jornais e alguns textos de sua autoria.

Fernando Gabeira, nascido em Minas Gerais, era jornalista do Jornal do Brasil quando o golpe que derrubou o presidente João Goulart se instaurou em 1964. Como parte dos jovens – principalmente de classe média - desta geração, ele fez parte do movimento de oposição ao regime militar e esteve inserido no contexto da esquerda brasileira dos anos 1960. Em 1968 ele ingressou na organização Dissidência Comunista da Guanabara¹ (DI-GB). Em 1969, com o decreto do Ato Institucional Número 5 (AI-5) houve um endurecimento do regime, e organizações de esquerda que antes lutavam no âmbito público e político escolheram o caminho da luta armada. Este foi o caso da DI-GB, posteriormente renomeada como Movimento Revolucionário 8 de Outubro² (MR-8). Em setembro deste ano, a organização arquitetou, com o auxílio de outra organização, a Ação Libertadora Nacional (ALN), o sequestro do embaixador americano Charles Elbrick³, ação da qual Fernando Gabeira participou e escreveu a respeito no livro *O que é isso, companheiro?*, de 1979. Este sequestro foi o primeiro do tipo no Brasil e desencadeou uma série de outros sequestros do gênero no país. Após a ação, muitos dos membros do MR-8 foram presos, inclusive Gabeira, cercado em São Paulo pela polícia, tentou resistir a prisão e foi baleado⁴.

Fernando Gabeira permaneceu preso até junho de 1970, quando sua liberdade e a de mais 39 presos políticos foi trocada pelo embaixador alemão Ehrenfried Von

¹ Organização dissidente do PCB, inserida principalmente no contexto universitário do Rio de Janeiro. DA SILVA, Izabel. **De Estudantes a Guerrilheiros: A trajetória da Dissidência Comunista da Guanabara/Movimento Revolucionário 8 de Outubro e a Luta Armada no Brasil nas Décadas de 1960 e 1970**. Revista Taller, v.2, p. 78-89, 2013. Disponível em: <https://revistataller.weebly.com/uploads/2/5/3/2/25328758/silva.pdf>. Acesso em 11 ago 2018.

² O primeiro Movimento Revolucionário 8 de outubro foi um pequeno grupo de militantes que foi desmantelado pela ditadura. De acordo com Izabel Priscila Pimentel da Silva (2013), o nome foi dado a organização pela própria repressão, a partir de um jornal que foi encontrado com os militantes.

³ Diplomata de carreira e embaixador americano no Brasil de 1969 a 1970. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Burke_Elbrick. Acesso em: 15 ago. 2018.

⁴ Experiência contada por ele em: GABEIRA, Fernando. **O que é isso companheiro**, 1979, p. 150.

Holleben, sequestrado no dia 11 de junho de 1970 no Rio de Janeiro pela Vanguarda Popular Revolucionária⁵ (VPR) e pela ALN⁶. Este momento marcou o início de um longo exílio para Gabeira, que só veio a regressar ao Brasil com a Lei de Anistia⁷, que permitiu a volta dos exilados políticos ao Brasil em 1979. Durante o exílio de quase dez anos, Gabeira estudou Marx pela primeira vez⁸ e esteve em diversos países.

O regresso ao Brasil foi seguido das publicações de *O que é isso, companheiro?*, de 1979, *Carta sobre a Anistia, A Entrevista do Pasquim e Conversação sobre 1968*, também de 1979, *O Crepúsculo do Macho*, de 1980 e *Entradas e Bandeiras*, de 1981. Estes livros contavam as experiências do autor quando integrante da luta armada e durante os anos que passou exilado, além de inúmeras reflexões sobre a militância e a esquerda. Foi a partir deste momento que a voz de Fernando Gabeira começou a se destacar e a ser escutada. O sucesso desses livros - principalmente do primeiro, que vendeu até hoje por volta de 300 mil exemplares em 40 edições⁹ - fez com que a mídia começasse a se interessar pelas opiniões do autor. Logo ele começou a ser convocado pela imprensa para falar a respeito de suas experiências como militante e também a dar sua opinião a respeito de diversos temas que permeavam a sociedade brasileira da época. Apesar das críticas à luta armada e às atitudes do passado recente apresentadas em seus livros e em seu discurso, ele acabou se tornando um dos principais rostos associados à resistência à ditadura.

⁵ Surgida em 1968 da fusão entre parcela do MNR com a dissidência paulista da POLOP. BATISTA, Alexandre Blankl. **A trajetória de Paulo Francis na imprensa hegemônica e contra-hegemônica brasileira (1962-1997)**. Porto Alegre: UFRGS., 2015. p.55

⁶ Criada por Marighella em 1968. (BATISTA, 2015, p.54).

⁷ Referente a lei de nº 6.683, promulgada em 28 de agosto de 1970 pelo presidente João Batista Figueiredo, após grande movimentação social, tanto no exterior quanto no Brasil. A lei garantia a reversão das punições aos brasileiros que entre o período de entre 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou tiveram seus direitos políticos suspensos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6683.htm. Acesso em 05 set. 2018.

⁸ Comentado na obra **O crepúsculo do macho**, 1980 p. 59

⁹ Em sua tese de doutorado em letras, Rafael Fonseca Santos afirma: “Em 2015 o livro mais vendido no Brasil, de acordo com o ranking publicado pelo Publish News (2015), vendeu 719 mil exemplares e o segundo lugar chegou a 485 mil. Mas essas obras não são regra. A partir 13º do livro mais vendido, as obras não chegam à tiragem de 100 mil exemplares e este número está bem mais próximo da realidade do mercado editorial brasileiro. Dessa forma, o volume de vendas de “O que é isso, companheiro?” coloca a obra em um patamar de significativa relevância no mercado brasileiro.” SANTOS, Rafael. **Jornalismo literário e cinema: uma análise de O que é isso, companheiro?** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016. p. 29. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/3174/5/Rafael%20Fonseca%20Santos.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018.

Ao longo da década de 1980, Fernando Gabeira chamou bastante atenção da mídia por seu comportamento controverso¹⁰ e por seu afastamento em relação à esquerda tradicional - o que fica bastante evidente em suas críticas à lógica das organizações da esquerda, presente constantemente em seu discurso-. Neste período, Fernando Gabeira envolveu-se no debate pela redemocratização e foi um dos fundadores do Partido Verde (PV), fundado em janeiro de 1986 por jornalistas, ecologistas, escritores e artistas – Alfredo Sirkis¹¹, autor de outro livro de relato de memórias da militância, estava entre eles. Ao examinarmos os discursos de Gabeira desta época, podemos perceber um afastamento do uso do conflito de classes para explicar os acontecimentos e um novo foco em discussões que abordavam gênero, racismo, feminismo e relações de poder, além do debate relacionado ao meio ambiente e a igualdade social. Possivelmente mais relacionado com a *new left*¹². Em 1985 Gabeira concorreu para governador do Rio de Janeiro por uma coligação PT-PV. O sucesso de suas obras, em adição a sua postura polêmica e seu engajamento no processo de redemocratização, acabaram fazendo com que Fernando Gabeira acabasse se tornando uma figura pública.

Contudo, o mesmo Fernando Gabeira que participou do sequestro do embaixador americano, estudou guerrilha em Cuba, lutou pelas Diretas Já e militou em aliança ao PT na redemocratização, hoje tira fotos ao lado de membros do Movimento Brasil Livre (MBL), fala a favor da intervenção militar no Rio de Janeiro - além de manter uma postura de crítica mais intensa e consolidada à esquerda, às antigas posturas e ao PT – e mantém uma postura relativamente neutra em relação a Jair Bolsonaro. Ao começar o estudo do personagem, duas questões me chamaram atenção: primeiramente,

¹⁰ Algumas das atitudes de Gabeira chamaram muita atenção durante a década de 1980. Por exemplo: de acordo com artigo publicado em O Globo, em 27 de julho de 2013, não se falava em outra coisa no verão de 1980 – o primeiro depois da anistia – que não a tanga lilás de crochê que Fernando Gabeira pegou emprestado de sua prima – a também jornalista Leda Nagle - para frequentar o Posto Nove, em Ipanema. Segundo o artigo, a histórica tanga foi guardada em um cofre do Centro Cultural Banco do Brasil vinte anos após o acontecido. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/a-tanga-de-croche-de-fernando-gabeira-marca-comportamento-dos-anos-80-9224227>. Acesso em: set. 2018.

¹¹ Entra na clandestinidade e ingressa na VPR em 1969.(Vanguarda Popular Revolucionária). Disponível em: http://www.sirkis.com.br/interna_biografia_anos60.shtml. Acesso em: 15 set. 2018.

¹² De acordo com categorização feita pela a New Left se refere a um vasto e diverso grupo, porém, algumas bandeiras são comumente citadas, como a liberação, o impulse democratic, a ênfase no aspecto cultural, não ficando somente na análise de classe.“In theoretical terms, the New Left’s major contribution was to a process of revision and diversification within Marxism and related doctrines, especially with regard to concepts of class, agency, ideology, and culture.” Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/New-Left> . Acesso em: 11 set. 2018.

a grande mudança de postura política desde suas primeiras obras e aparições públicas até os dias de hoje e, em segundo lugar uma dúvida – como um personagem que parecia secundário no meio da luta armada e da resistência, às vezes até dando a impressão que foi parar em meio a tudo aquilo sem querer, veio a tomar o protagonismo do movimento e ter sua versão dos fatos amplamente aceitos?

A segunda questão já foi trabalhada e abordada por alguns autores, como é o caso de Denise Rollemberg e Davi Ruschel, respectivamente, nos trabalhos *Esquecimento das memórias*, de 2006 e *Entre risos e prantos: as memórias acerca da luta armada contra a ditadura no Rio Grande do Sul*, de 2011, ambos tratam da memória da luta armada e citam Fernando Gabeira. O trabalho de Rollemberg questiona a razão pela qual, apesar da grande quantidade de relatos de memória produzidos a respeito da luta armada, o de Fernando Gabeira foi o que prevaleceu na memória coletiva. Nas palavras de Rollemberg:

Isto porque há uma *contradição* nesta história. Apesar da grande quantidade de memórias e de sua diversidade, uma alcançou uma espécie de unanimidade na opinião pública a respeito da experiência. Esta versão, *O que é isso, companheiro?*, de Fernando Gabeira, escrito em 1978 e publicado em 1979, mantém-se hoje, passados 25 anos, uma espécie de *senso comum* do que foi a luta armada, renovando-se ante as novas gerações. (ROLLEMBERG, 2006, p.3)

De acordo com Rollemberg, os relatos de memórias da luta armada surgiram primeiramente como um testemunho de resistência, uma memória subterrânea¹³, mas posteriormente, esta versão dos fatos veio a integrar a memória coletiva.

O trabalho de Davi Ruschel (2011), apresentado em forma de mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, analisa as memórias de militantes da esquerda armada do Rio Grande do Sul e as compara com as representadas nos sucessos nacionais de *O que é isso, companheiro?* e *Os Carbonários*, de Alfredo Sirkis. Em uma passagem ele observa: “É interessante notar como, em meio a um grande número de publicações, que apontavam para uma imensa variedade de pontos de vista acerca da luta armada, alguns se tornaram best-sellers (...). Essa versão teria sido a que enfatizava a autocrítica, tendo um papel crucial nesse processo o livro *O que é isso, Companheiro?*” (p.68).

¹³ De acordo com Michael Pollak: “Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional”. POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

Outro trabalho que analisa a memória da luta armada é o de Valesca de Souza Almeida *A luta armada na memória coletiva em tempos de redemocratização*, de 2014. Este texto tem como objetivo examinar o processo de construção e sedimentação da memória coletiva a respeito da luta armada a partir do estudo de livros e filmes da época. Da mesma forma que Rollemberg, Almeida (2014) afirma que estas memórias, primeiramente subterrâneas, vieram a disputar o cenário da memória coletiva e que somente algumas se consolidaram (p.31). A respeito de Gabeira, Almeida comenta que o autor exagera ao falar sobre o despreparo intelectual do MR-8¹⁴ (p.29), além de argumentar que a formação teórica do grupo era pequena, ele apresenta a entrada para a luta armada como aleatória, como algo que resultou da falta de opção ou de conhecimento dos prazeres da vida. Este diagnóstico, de acordo com Almeida, só pode ter sido feito a *posteriori*, depois de se viver a derrota, em uma interpretação retrospectiva, pois as pessoas envolvidas na luta armada não percebiam a revolução como algo sem razão de ser (p.30). Ela comenta que este tipo de análise é enquadrada na memória em um contexto no qual já se sofreu a derrota, portanto, percebe-se essa luta como inútil. De acordo com ela: “(...) o autor mostra também que, diante da derrota, não quer nem mais ouvir sobre ela e chega, inclusive, a negar a própria luta.” (p.30). Ela comenta que havia um motivo político para que alguns relatos a respeito da luta armada, como é o caso do de Gabeira, terem sido aceitos como verdade e outros não:

Dito de outro modo, ainda que houvesse muitos ex-guerrilheiros que não tenham negado a luta e nem a tenham tratado de modo tão pejorativo, o fato de haver algumas declarações que pareciam desqualificá-la era útil naquele contexto de otimismo democrático. E esse aspecto se sobressaiu para que houvesse uma conciliação e um projeto de futuro que reunia em um mesmo lado ex-guerrilheiros e pessoas que, no início, apoiaram a ditadura, mas que, na década de 1970 passaram a fazer-lhe oposição. (SOUZA, 2014, p.31)

Outro trabalho de teor semelhante é o texto de Pedro Telles da Silveira, publicado na Revista Reflexões em 2009: *A memória suturada: discussão sobre os testemunhos dos militantes de esquerda na redemocratização brasileira*. Este trabalho faz parte de uma série de estudos a respeito do papel da memória e dos sujeitos históricos na relação das sociedades com o seu passado. O autor (2009) se propôs a analisar cinco relatos de memória, dentre eles *O que é isso, companheiro?*, com o

¹⁴ Na obra de 1979, Gabeira registra que ninguém do MR-8 teria lido O Capital de Karl Marx ou conhecia detalhadamente outros processos revolucionários.

intuito de identificar características que definem os textos como sendo testemunhos e questionar o porquê de alguns relatos memorialísticos terem sido acreditados como verdades. De acordo com o autor:

As condições para sua aceitação como tal referem-se tanto ao contexto histórico brasileiro quanto a um conjunto de debates sobre o papel da memória e do testemunho que alcança proeminência no final do século XX. (SILVEIRA, 2009, p.22)

De acordo com este trabalho, Gabeira foi peça principal para a criação da imagem de um militante ingênuo, romântico e arrependido. Sua obra estava permeada por um tom irônico, que não era apenas utilizado como recurso narrativo, mas como parte de sua memória, utilizando-a para criticar a esquerda da qual fazia parte (p.33).

Pela análise destes trabalhos e das obras de Fernando Gabeira, pode-se considerar a possibilidade de que a versão da luta armada de Gabeira fosse a que melhor dialogava com as necessidades da sociedade brasileira de redemocratização: uma versão autocrítica da luta armada e do socialismo, que via os sonhos da guerrilha como ingênuos e errôneos. Algo como: “a ditadura militar errou, mas nós também erramos”. A obra de Gabeira servia como um encerramento deste capítulo da história brasileira e aquele seria o momento de união da sociedade em prol da democracia. Isto vai de encontro com o que Daniel Aarão Reis (2014), em sua obra *Ditadura e Democracia no Brasil*, argumenta: ao invés de se debater a respeito das bases sociais da ditadura, para se obter uma análise mais profunda sobre o que foi esse momento histórico, um caminho mais seguro foi escolhido: “o de valorizar versões memoriais apaziguadoras onde todos possam encontrar um lugar.” (p.8). Sobre a obra de Gabeira, ele comenta:

Contribuição relevante nesse sentido seria proporcionada por uma série de entrevistas e memórias formuladas por ex-guerrilheiros, entre as quais se destacou, desde logo, a de Fernando Gabeira. A saga guerrilheira ganhou aí uma versão simpática e bem-humorada, suscitando uma atmosfera de indulgência e de compreensão.¹ Os que haviam se levantado com armas nas mãos, bravos jovens, generosos, mas equivocados, teriam sido apenas, inconscientemente, uma espécie de “braço armado” da resistência democrática. (REIS, 2014, p.9)

Há também alguns trabalhos que estudaram o percurso político de Gabeira, como o trabalho de conclusão de curso de Adriano Bier Fagundes intitulado *Crítica e Conciliação: a Formação Política de Fernando Gabeira a partir de sua Trilogia do Retorno*, de 2015, que tinha como intuito analisar as obras *O que é isso companheiro*, *O Crepúsculo do Macho* e *Entradas e Banderas*, também conhecidas como Trilogia do Retorno - além de algumas fontes midiáticas - para entender o impacto que as obras tiveram no período inicial de abertura política e analisar a formação política de Gabeira

pelo estudo destas três obras e a questionar os efeitos do exílio e do retorno ao Brasil nesta formação. (p.14) O artigo *O que os fortes queriam? Uma análise de O que é isso, companheiro? e Os carbonários* de Ricardo Lísias (2016), publicado na obra *estudos de literatura brasileira contemporânea n. 48*, tem como objetivo analisar a construção dos protagonistas dos livros *o que é isso, companheiro?* e *Os Carbonários*, de Alfredo Sirkis, examinando sua importância dentro das tramas narradas e as intenções políticas por trás desta construção, além de analisar as consequências na sociedade e literatura nacional. O alvo principal de análise é a categoria de narrador (p. 230). De acordo com o autor:

Os livros de Gabeira e Sirkis serviram, ainda, para recolocar o nome de seus autores em circulação. Protagonistas de momentos delicados, radicais e muito conhecidos da resistência à ditadura (o sequestro de diplomatas estrangeiros com o objetivo de obter a libertação de prisioneiros políticos), ambos pretendiam retornar à atividade política depois da anistia. O sucesso de seus relatos mostrava que tal intenção tinha respaldo: muita gente estava interessada no que eles tinham para dizer.

A maior parte da bibliografia sobre Gabeira está concentrada nas análises sobre a autocrítica do período da luta armada e na literatura de testemunho e memória, como é o caso de um dos primeiros trabalhos sobre Gabeira intitulado *Os movimentos libertários em questão*, de Cláudio Novaes Pinto Coelho de 1988. Este texto tem como enfoque principal examinar as memórias de Gabeira com intuito de esclarecer as atitudes e pensamentos dos movimentos de classe média que defendiam modos de vida alternativos, vinculados à nova esquerda. Estes movimentos tinham como objetivo questionar as relações de poder – pela defesa dos direitos das mulheres, negros e homossexuais. Esse trabalho foi originalmente apresentado em forma de mestrado em antropologia social na UNICAMP.

Ainda sobre a bibliografia, há alguns trabalhos com intuítos diferentes, como a obra *Análise contrastiva de O que é isso companheiro?, de Fernando Gabeira, e Reflexos do Baile, de Antônio Callado* escrito por Letícia Mallard, em 1981. Ele tinha como objetivo analisar a mudança da produção brasileira de literatura acarretada pela volta dos exilados. De acordo com ela, um grande número de relatos de memória, livros e entrevistas que narravam e contavam às experiências dos opositores ao regime militar começaram a aparecer neste momento histórico. Este trabalho foi parte de uma pesquisa sobre a narrativa política da década de 70 e foi discutido em um seminário do curso de Pós-Graduação de letras da UFMG.

Posteriormente temos o trabalho de Aparecida de França Villwock *A ditadura militar na história de Tabajara Ruas e Fernando Gabeira*, de 2011, pela Universidade Estadual de Maringá. O objetivo deste trabalho é analisar nas obras *O crepúsculo do macho* (1980) de Fernando Gabeira e “*O amor de Pedro por João*” de Tabajaras Ruas (1982) como os autores retratam a ditadura militar e afirma que os dois livros são um misto de História e ficção. Já o texto de Vera Follain de Figueiredo *Nos trilhos da memória (uma leitura da obra de Fernando Gabeira)* é uma obra que também analisa a constituição do sujeito e os limites tênues entre ficção e biografia pela leitura da Trilogia do Retorno, mas apresenta uma análise mais intimista, tratando da formação pessoal e familiar do personagem. O artigo *A Ditadura Militar em Xeque nas autobiografias de Marcelo Rubens Paiva e Fernando Gabeira*, de 2013, de Darlan Roberto dos Santos se propõe a relacionar a obra *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva ao contexto histórico da época, a ditadura militar. O autor afirma que a intenção do artigo é demonstrar a representatividade da autobiografia em uma época controversa e para isto realiza conexões com uma outra obra do mesmo período, que ele afirma ser de caráter de testemunho e resistência: *O que é isso, companheiro?* de Fernando Gabeira.

Levando em consideração que a segunda questão colocada por mim, a respeito do protagonismo adquirido por Fernando Gabeira após o retorno ao Brasil, já foi debatida e comentada por diversos autores, neste trabalho decidi focar na primeira questão, relativa à mudança de postura política de Gabeira. O objetivo do meu trabalho, então, é analisar alguns discursos e relatos de memória de Fernando Gabeira produzidos desde 1979 até hoje com o intuito de assinalar a suposta mudança em suas posições políticas desde os anos 1960 até aqui. Acredito que Gabeira não possuía bases sólidas em suas posições políticas anteriores, o que facilitaria a mudança de pensamento durante o exílio e redemocratização. É possível que o caldo cultural no qual o personagem estava envolvido nos anos 1960 tenha acabado levando-o a certas atitudes, como a entrada para a militância e a luta armada. Como podemos perceber nas obras *O que é isso, Companheiro?* e *O Crepúsculo do Macho*, nas quais ele admite não ter lido Marx ou mesmo conhecer a fundo outras experiências revolucionárias. Ou seja, as atitudes tomadas na luta armada podem não ter sido o fruto de uma reflexão profunda e sim um resultado das circunstâncias.

Utilizarei como fonte, principalmente, sete livros de autoria de Fernando Gabeira: *O que é isso companheiro*, de 1979, *Carta sobre a anistia, a entrevista do Pasquim e Conversação sobre 1968*, de 1979, *O crepúsculo do macho*, de 1980, *Diário da Crise*, de 1984, *Nós que amávamos tanto a revolução*, de 1985, *Onde está tudo aquilo agora? Minha vida na política*, de 2012 e *Democracia Tropical, caderno de um aprendiz*, de 2017.

Primeiramente, separei os livros em três grupos. O primeiro grupo engloba as obras *O que é isso, companheiro?*, de 1979, e *Carta sobre a anistia, a entrevista do Pasquim e Conversação sobre 1968*, de 1979 e *O crepúsculo do macho*, de 1980. Esses títulos foram selecionados por serem os relatos que Gabeira escreveu a respeito de seu passado antes e logo após retornar ao Brasil. Eles relatam a militância, a luta armada e o exílio aos olhos de um Gabeira que procurava se reinserir ao Brasil após quase dez anos. Nesta etapa, podemos perceber que Gabeira assume um tom conciliador na tentativa de se reinserir, colocando críticas fortes as atitudes tomadas no passado. A partir destes livros, Fernando Gabeira tentou expressar quem ele era, sua história e trajetória.

No segundo grupo temos os livros de 1984 e 1985, *Diário da Crise* e *Nós que amávamos tanto a Revolução*. Neste momento, nosso personagem já estava inserido no contexto político nacional, tanto que veio a fundar o PV no ano seguinte, em 1986. Estes livros, por tanto, são de uma época em que Gabeira já era uma figura pública, procurado pela mídia para debater diversas questões. Apesar da postura crítica à esquerda tradicional, ele ainda falava como um integrante da esquerda, e no centro de seu discurso estava a preocupação com a democracia, o direito das populações menos favorecidas e novos estilos de vida, mais sustentáveis, questões de gênero – processo já presente em *Crepúsculo do Macho* - além de críticas as estruturas de poder, como a mídia nacional.

O terceiro grupo de livros são os de 2012 e 2017, *Onde está tudo aquilo agora?* e *Democracia Tropical*. Esses livros também relatam as experiências de Gabeira, agora de um olhar mais distante do passado. Podemos perceber a defesa de posturas políticas muito diferentes das anteriormente defendidas, durante a redemocratização e em meados dos anos 1980.

Além das obras utilizo entrevistas, principalmente as concedidas ao *Roda Viva* em 1986, 2013 e 2017. Além destas, utilizo uma entrevista concedida por Gabeira a *BBC Brasil* em março deste ano, um texto escrito por ele e intitulado *Fantasma do Passado*,

publicado em seu site em abril e uma entrevista realizada em forma de *podcast* à Rio Bravo em outubro deste ano. Neste trabalho, estas fontes são consideradas secundárias e serão utilizadas como complemento para a análise dos livros, são, portanto, subsidiárias aos livros. Isto se explica pelo fato de eu acreditar que, para geração de Gabeira, existia certa responsabilidade em se escrever um livro, considerado algo mais sólido do que simplesmente dar uma entrevista. Era deixar sua marca, seu registro. Portanto, pressupõe pensamento e reflexão e não foram feitas no impulso, mas sim se configuram como ações premeditadas e calculadas.

Para alcançar meu objetivo e acessar minhas fontes utilizarei conceitos e reflexões teóricas a respeito de memória, virada ideológica e escrita de si. Em relação a memória utilizarei principalmente os textos de Michael Pollak e Maurice Halbwachs. Principalmente no que tange o conceito de memória enquadrada, visto que em todos os livros selecionados percebemos menção à memória. Isto serve de base para considerar o que Gabeira pensou, guardou ou omitiu sobre o seu passado.

Halbwachs, nos anos 20 e 30, sugeriu que a memória fosse entendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, algo que foi construído coletivamente. Pollak continuou os estudos neste sentido, em seus textos *Memória e Identidade Social* e *Memória, Esquecimento, Silêncio*, ele caracteriza a memória como algo que pode, em um primeiro momento, parecer individual e íntimo, mas tem uma faceta coletiva, sujeita a mudanças e flutuações. De acordo com ele, a memória é constituída por acontecimentos vividos pessoalmente e também por acontecimentos vividos por tabela, ou seja, acontecimentos que foram integrados a memória coletiva através da socialização política e histórica, gerando uma projeção e identificação com um passado específico. Outra característica da memória ressaltada por Pollak é a de que ela é seletiva: nem tudo fica. Neste ponto, Pollak sugere que consideremos o termo de Henry Rousso, *memória enquadrada*, para se referir ao processo de seleção de memórias na tentativa de manter a coesão interna e defender fronteiras do que determinado grupo tem em comum. De acordo com ele, memória enquadrada seria um termo mais específico do que memória coletiva, pois teria como função criar pontos de referência e manter a coesão. Pollak afirma memória enquadrada exige um trabalho de enquadramento, este trabalho deve estabelecer limites e satisfazer determinadas exigências. (POLLAK, 1986, p. 7)

Além disso, utilizarei a obra *A trajetória de Paulo Francis na imprensa hegemônica e contra-hegemônica brasileira (1962-1997)* de Alexandre Blankl Batista. Este trabalho de doutorado tem como intuito analisar a trajetória intelectual de Paulo Francis, que durante a juventude se dizia trotskista, posteriormente atuou na imprensa contra-hegemônica defendendo ideias nacionalistas e pragmáticas e depois entrou para a grande imprensa, na década de 1970, e foi se transformando de postura nacional-desenvolvimentista para liberal conservadora. Escolhi este trabalho por que ele se propõe a analisar a virada ideológica de um intelectual, o que irá me auxiliar a analisar a mudança ideológica de Fernando Gabeira.

Também utilizarei como base teórica a escrita de si, pois Fernando Gabeira escreveu muito a respeito de sua própria vida, de suas memórias e de sua trajetória pessoal e política. Utilizando, deste modo, a escrita de si para reconstituir a própria trajetória. Utilizarei principalmente os textos *Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos* (1998), de Contardo Calligaris, *Atenção verdades! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas* (1998), de Christophe Prochasson, *Nas malhas do feitiço: o Historiador e os encantos dos arquivos privados* (1998), de Angela de Castro Gomes e *A escrita de si* (1992), de Michael Foucault.

O objeto de análise desse trabalho é composto por uma série de temáticas selecionadas por mim que estão presentes nos textos e discursos de Gabeira, tendo como finalidade responder a perguntas sobre a trajetória ideológica do personagem em questão e suas transformações ao longo do tempo. Realizarei uma comparação entre a forma que ele abordou as referidas temáticas nas diferentes obras para identificar a mudança ideológica e de discurso e farei uma observação teórica.

Eu dividi as temáticas em três blocos, que serão os três capítulos do meu trabalho. O primeiro bloco trata das temáticas da infância, da escolha profissional, do primeiro contato com a política e adesão a resistência à ditadura e a luta armada, ou seja, este bloco é destinado a análise das memórias da vida privada de Gabeira, antes de sua projeção como pessoa pública na década de 80.

O segundo bloco trata do espectro político do personagem e engloba questões e temáticas como a esquerda, o conservadorismo e a democracia. O terceiro bloco abrange as relações do autor com os movimentos sociais vividos por ele - Anistia, Diretas Já! e o Impeachment de Dilma Rousseff -, além da temática da justiça e da reparação e da forma com a qual o personagem entende o papel do passado.

Capítulo 1

Este capítulo tem como objetivo analisar aspectos da vida pessoal de Fernando Gabeira, discutindo temáticas que estão relacionadas ao período anterior a ele se tornar uma figura pública. Por isso, as temáticas selecionadas são a da infância, o movimento estudantil secundarista – sua primeira experiência com a política –, a reação ao golpe de 1964 e a entrada para a Dissidência Comunista da Guanabara – ou seja, como ele se envolveu com a resistência à ditadura. Neste capítulo, as informações foram obtidas principalmente dos livros *O que é isso, companheiro?* de 1979 e *Onde está tudo aquilo agora?*, de 2012, pois ambos os livros se dedicam principalmente a narrar sua vida e experiência, abordando os momentos antes de 1964.

Utilizarei como base teórica, principalmente, a obra de Pollak (1992) *Memória e Identidade Social* e o conceito de memória enquadrada. Segundo o autor, a memória pode ser caracterizada como um fenômeno seletivo e construído, sujeita a flutuações resultantes do momento de fala. Porém, não é apenas a memória individual que apresenta características mutáveis. A memória coletiva também sofre alterações e pode ser considerada conflituosa, pois muitas vezes memórias de grupos diferentes entram em choque. O trabalho de enquadramento de memória é parcialmente realizado pelo historiador (p.6), principalmente quando se trata dos historiadores de instituições específicas, como de partidos ou sindicatos, os quais o trabalho é precisamente enquadrar a memória. Pollak questiona se, em relação à herança do século XIX, que considera a história como sendo em essência uma história nacional, a função do historiador não esteve vinculada a um trabalho de enquadramento da história nacional. Segundo ele, isto é mais evidente em países que se unificaram tardiamente.

De acordo com ele, além do trabalho de enquadramento da memória, há também o trabalho da própria memória. Cada vez que a memória está relativamente construída, ela realiza um trabalho de manutenção, de coerência, unidade e continuidade. Quando a história e a memória estão devidamente constituídas e amarradas, essa memória passa a trabalhar por si só.

A memória individual, por sua vez, também passa por um processo de enquadramento. O que a memória individual grava, reforça, relembra é evidentemente um resultado de um trabalho de organização, consciente ou inconsciente (p.5). Portanto, é essencial ressaltar que as memórias narradas por Fernando Gabeira passaram por um trabalho de enquadramento – propositalmente ou não – isto é, as fontes examinadas estão permeadas por narrativas viciadas e por imagens solidificadas de si e dos acontecimentos e devem ser analisadas levando isto em consideração. O personagem provavelmente omitiu, lembrou ou ressaltou memórias que se encaixassem com a imagem de si que ele gostaria de passar para o público leitor no momento da escrita. Tendo isto em vista, o meu objetivo é analisar justamente qual a imagem que Fernando Gabeira tentou construir a respeito de si mesmo nestes relatos e as contradições destas narrativas.

Uma pequena biografia

Primeiramente, antes de partirmos para a análise dos tópicos, acredito ser importante contar brevemente a respeito da trajetória de vida do nosso personagem.

Mineiro de Juiz de Fora, Fernando Paulo Nagle Gabeira, nasceu no dia 17 de fevereiro de 1941, filho de Paulo Gabeira e de Isabel Nagle Gabeira. Ele iniciou sua carreira como jornalista no final da década de 1950, enquanto completava os estudos secundários. Foi secretário-geral da União Brasileira dos Estudantes Secundários e depois, no início dos anos 1960, morou por um breve tempo em Belo Horizonte, antes de ir para o Rio de Janeiro, em 1963.

Quando veio o golpe de 1964, ele trabalhava como redator do Jornal do Brasil e em uma semanário chamado *Panfletos*, que defendia as posições da ala esquerda do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Ele se envolveu com a resistência a ditadura, participando de passeatas no centro do Rio e em 1968, entrou para a DI-GB. A

Dissidência Comunista da Guanabara, que tem origens no pré-64. Como comentado na introdução, com o AI-5 a ditadura militar endureceu e a perseguição, prisão e tortura de seus opositores se tornou comum. O ato decretava o fim das garantias constitucionais¹⁵ em nome do combate à subversão¹⁶. Embora já existissem esboços da luta armada no Brasil - como ficou aparente no caso do Movimento Revolucionário Tiradentes¹⁷ (MRT) – muitas organizações julgaram ser este o momento para se pegar em armas. De acordo com Izabel Priscila Pimentel da Silva (2013) os dados levantados pelo *Projeto Brasil: Nunca Mais*¹⁸ indicam que mais de quarenta organizações revolucionárias clandestinas atuaram no Brasil nos anos de 1960 e 1970 (p.2). Nas palavras da autora:

Essas organizações revolucionárias, embora almejassem, em sua maioria, iniciar a guerrilha rural, ficaram notabilizadas por suas ações armadas nas cidades. Para arrecadar fundos e armamentos para desencadear a tão sonhada guerrilha rural, as organizações realizaram inúmeras expropriações de armas e bancos. Essas ações urbanas também funcionaram como treinamento para os guerrilheiros e propaganda armada da revolução e, implicitamente, sustentaram os aparelhos e a infraestrutura clandestina das diversas organizações. (SILVA, 2013, p.3)

De maneira geral, antes do golpe de 1964, todos os grupos de esquerda, do PCB até as organizações que rivalizavam com ele, confiavam em sua própria força (p.3). No entanto, este otimismo sofreu um abalo após a queda de João Goulart. Neste momento, teve início um período de autocrítica, que gerou uma busca por “culpados” e um levantamento dos “erros” (p.3). De acordo com a autora, o PCB foi acusado de ter tido cautela excessiva e de conservadorismo “o PCB perdeu prestígio e influência política, sendo abalado por sucessivas e desgastantes cisões internas. O partido partia-se.” (p.4).

¹⁵ De acordo com o Art. 10 - Fica suspensa a garantia de habeas corpus, nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular. Ato Institucional Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm. **Ato Institucional N° 5, de 13 de dezembro de 1968**. Acesso em: 05 set. 2018.

¹⁶ “Considerando, no entanto, que atos nitidamente subversivos, oriundos dos mais distintos setores políticos e culturais, comprovam que os instrumentos jurídicos, que a Revolução vitoriosa outorgou à Nação para sua defesa, desenvolvimento e bem estar de seu povo, estão servindo de meios para combatê-la e destruí-la”. **Ato Institucional N° 5, de 13 de dezembro de 1968**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm. Acesso em: 05 set. 2018.

¹⁷ “O Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT), fundado em 1962, ligado às Ligas Camponesas e contando com o respaldo de Cuba, enviou militantes para treinamento guerrilheiro em algumas fazendas espalhadas pelo país. O campo de treinamento de Dianópolis, no Estado de Goiás, foi descoberto pela polícia em novembro daquele ano e, assim, exterminava-se, antes de começar, a primeira tentativa de luta armada no início dos anos 60.” DA SILVA, Izabel. **De Estudantes a Guerrilheiros: A trajetória da Dissidência Comunista da Guanabara/Movimento Revolucionário 8 de Outubro e a Luta Armada no Brasil nas Décadas de 1960 e 1970**. Revista Taller, v.2, p. 78-89, 2013. Disponível em: <https://revistataller.weebly.com/uploads/2/5/3/2/25328758/silva.pdf>. Acesso em 11 ago 2018.

¹⁸ Projeto desenvolvido por um grupo de especialistas que dedicou-se do período de 1979 até 1985 a reunir e analisar processos políticos passados pela Justiça Militar entre abril de 1964 e março de 1979. O resumo desta pesquisa esta na obra **Brasil: Nunca mais**, publicada em 1985.

Foi destas cisões do interior do PCB que surgiram duas vertentes: a Corrente Revolucionária (vários setores que se opunham a direção do PCB) e as Dissidências¹⁹ – também conhecidas como DI`s - formadas por setores estudantis. Este foi o caso da DI-GB, que veio a romper definitivamente com o PCB em 1966 (p.4). Esta organização, em meio ao contexto de radicalização do movimento estudantil e crescente mobilização encontrou terreno fértil para consolidação no meio estudantil e político do Brasil, “, garantindo seu lugar entre as organizações de esquerda mais atuantes e combativas no pós-1964 e cuja atuação, um pouco mais tarde, romperia os limites universitários.” (p.5). Além disto, segundo a autora, um ponto chamativo da DI-GB era a intelectualidade dos componentes do grupo:

A Dissidência Comunista da Guanabara também se notabilizou pela valorização da formação teórica de seus militantes. Assim sendo, ela pode ser considerada, entre as demais organizações revolucionárias, um dos grupos mais intelectualizados do período. A maioria de seus militantes – como acontecia com as demais organizações – era formada por homens jovens, oriundos das camadas médias, residentes em grandes cidades e, sobretudo, por estudantes. (SILVA, 2013, p.5)

Como comentado anteriormente, em setembro de 1969 a DI-GB realiza em conjunto com a ALN o sequestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick. Participaram da ação, além de Fernando Gabeira, Vera Sílvia Magalhães, Cláudio Torres da Silva, Franklin de Souza Martins, Cid Queirós Benjamin, João Lopes Salgado, Sérgio Rubens de Araújo Torres e João Sebastião Rios de Moura, além dos membros da ALN. As organizações exigiram a libertação de quinze presos políticos e divulgação do manifesto, escrito por Franklin Martins - e agora assinado como MR-8 - nos principais meios de comunicação do Brasil.

Após o sequestro, o grupo se dispersou e Fernando Gabeira foi preso em São Paulo²⁰, quando estava responsável pelo diálogo com o setor operário. Ao ser cercado pela polícia, tentou escapar e tomou um tiro pelas costas. O tiro perfurou o rim, o estômago e o fígado. O setor operário ao qual estava vinculado se desarticulou e ele ficou preso até junho de 1970. O sequestro do embaixador alemão Ehrenfried Von Holleben, no dia 11 de junho no Rio de Janeiro, aconteceu em ação conjunta da

¹⁹ Segundo Izabel Pimentel da Silva as DI`s surgiram em vários Estados, como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Rio Grande do Sul (p.4).

²⁰ Ele foi abrigado em São Paulo por quadros operários ligados a ALN.

Vanguarda Popular Revolucionária²¹ (VPR) e da ALN e exigiu a libertação de 40 presos políticos. Entre os quarenta, estavam os membros do MR-8 Fernando Gabeira, Daniel Aarão Reis, Vera Sílvia Magalhães e Cid Benjamin²².

O grupo seguiu inicialmente para a Argélia, que na época acolhia vários refugiados políticos de diversos países do mundo. Fernando Gabeira começou o exílio na Argélia, esteve em Cuba onde estudou Marx pela primeira vez e participou de um curso de guerrilha junto de outros integrantes da luta armada latino americana -, presenciou outro golpe de Estado, o do Chile de Allende²³, quando se refugiou com Vera Sílvia Magalhães na embaixada da Argentina, viveu em Berlim e na Suécia, onde passou a maior parte do seu exílio e trabalhou como maquinista e jornalista, debatendo sobre temáticas políticas. Em 1975, participou como testemunha do *Tribunal Bertrand Russell*²⁴, em Roma. Em 1978, Gabeira escreveu um artigo e deu uma entrevista ao *Pasquim*, analisando suas atitudes passadas, a militância e a luta armada e afirmando que pretendia voltar logo para o Brasil. Os dois textos foram publicados juntamente com sua *A carta sobre a Anistia* no ano seguinte. Ele se formou em Antropologia na Universidade de Estocolmo em 1979.

Ao voltar para o Brasil com a Anistia, também em 1979, fez grande sucesso com o seu livro que relatava sua experiências na luta armada e exílio *O que é isso, companheiro?*, publicando uma série de outros livros no decorrer dos próximos anos. Neste período suas obras foram marcadas pela presença de questionamentos sobre gênero, preocupações com o meio ambiente e com a desigualdade social, além da temática da democracia, colocada por ele como essencial e como o único caminho que o Brasil deveria trilhar de agora em diante.

²¹ Surgida em 1968 da fusão entre parcela do MNR com a dissidência paulista da POLOP. BATISTA, Alexandre Blankl. **A trajetória de Paulo Francis na imprensa hegemônica e contra-hegemônica brasileira (1962-1997)**. Porto Alegre: UFRGS., 2015. p.55

²² Podemos encontrar seus nomes no comunicado feito pelas organizações. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/40-sao-trocados-por-embaixador-alemao>. Acesso em: 30 set. 2018.

²³ Em 11 de setembro de 1973.

²⁴ Organizado pelo filósofo britânico Bertrand Russell e mediado por Jean-Paul Sartre. O **Tribunal Russell** ou **Tribunal Internacional de Crimes de Guerra, Tribunal Russell-Sartre**, ou **Tribunal de Estocolmo** aconteceu primeiramente em 1966 e 1967, mas posteriormente, tribunais foram criados nos mesmos modelos para debater violações de direitos humanos diversos. O Tribunal na América Latina focou-se nas violações de direitos humanos nas ditaduras da Argentina e do Brasil e ocorreu em Roma, em 1973.

Em 1986 foi um dos organizadores do Partido Verde²⁵, do qual foi presidente regional desde sua fundação até 1989. Filiou-se ao PT em 1986, quando disputou o governo do Rio de Janeiro pela coligação PT-PV chamada de *Frente Brasil Popular*, ficando em terceiro lugar e conseguindo 10% dos votos. Durante esta campanha suas atitudes chamaram bastante atenção da mídia, como foi no caso da ocasião em que ele defendeu a descriminalização da maconha e o Jornal do Brasil publicou uma matéria afirmando que ele defendera a liberação da maconha²⁶, ao que ele respondeu exigindo que o jornal se retratasse. Além disso, realizou uma série de atividades, dentre elas a convocação da população para “abraçar” a Lagoa Rodrigo de Freitas²⁷, muito afetada pela poluição. No dia 26 de outubro, muitas pessoas compareceram e “abraçaram” a lagoa. Em 1989 ele concorreu a presidente da República pelo PV, já com registro provisório pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). No segundo turno, ele declarou apoio ao candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, que acabou sendo derrotado por Fernando Collor de Melo²⁸.

No início da década de 1990 Fernando Gabeira mudou-se para Berlim, trabalhando para a *Folha de São Paulo*, a fim de dar cobertura ao processo de unificação da Alemanha, após a queda do Muro de Berlim²⁹ e das transformações do final da União Soviética. Em 1994 concorreu e foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro sob a sigla do PV. Durante as votações das emendas propostas por Fernando Henrique Cardoso, votou a favor do governo quase sempre, a favor da revisão do conceito de empresa nacional e da quebra do monopólio estatal nas telecomunicações, dentre outras, votando contra apenas à prorrogação do Fundo de Estabilização Fiscal (FEF). Em 1998 ele foi reeleito, mas saiu do PV em agosto de 2001 e filiou-se ao PT, criticando as posturas do ex-partido. Em 2002 foi novamente eleito, desta vez pelo PT, onde ficou até outubro de 2003, quando saiu do partido afirmando ter “sonhado o sonho

²⁵ Partido foi fundado em janeiro de 1986, no Teatro Clara Nunes, no Rio de Janeiro. Participaram da cerimônia: Fernando Gabeira, Alfredo Sirkis, Carlos Minc, dentre outro. Disponível em: <http://pv.org.br/fundacao-1986/>. O registro provisório foi concedido em 1987 e o definitivo só em 1993.

²⁶ Durante entrevista ao Roda Viva, em 1986, Gabeira comenta que por ter se posicionado a favor da descriminalização da maconha, as pessoas comentavam na rua “quem fuma e cheira vota no Gabeira”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YUP_raLMRqA&t=1231s. Acesso em: 05 ago. 2018.

²⁷ Ponto turístico do Rio de Janeiro. Os cariocas gostam de praticar esportes no local.

²⁸ Primeiro presidente eleito desde 1960.

²⁹ Derrubado na noite de 9 de novembro de 1989.

errado”³⁰ e acusando o governo de desrespeitar compromissos com questões ambientais³¹. Em entrevista à *Folha de São Paulo*, Gabeira afirmou que o "O principal defeito do atual governo é reduzir as expectativas de milhares de pessoas de um processo histórico maravilhoso a uma visão medíocre de governabilidade. É reduzir as expectativas de milhares de pessoas às decisões de um núcleo duro de pequenas pessoas"³².

Apesar de ter afirmando, ao sair do PT, que ficaria um tempo sem partido, filiou-se novamente ao PV em 2005, concorrendo e sendo eleito novamente em 2006 como deputado federal. Neste mesmo ano se posicionou contra a decisão do partido de aderir a Lula, reeleito presidente da República, afirmando que atuaria como independente na Câmara. Em 2008 Gabeira se candidatou à prefeitura do Rio de Janeiro em uma aliança com o PSDB e o PPS. E, em 2009, nosso personagem assume ter feito uso indevido da sua cota parlamentar de passagens aéreas, o que possibilitou que outras pessoas viajassem com dinheiro público. Gabeira justificou dizendo que era algo que se fazia comumente na Casa, mas cogitou abandonar a política, afirmando que iria encarar a morte política³³. Apesar de ter mencionado o afastamento político, no ano de 2010 ele se candidatou a Governador do Rio de Janeiro e terminou com 20% dos votos, em segundo lugar.

1. Infância

Partindo para a análise dos tópicos, começamos pela fase inicial da vida do personagem. Este tópico procura examinar como Fernando Gabeira retrata sua infância ao longo dos diferentes veículos de sua autoria. Em minha análise, pude perceber diferentes versões dessa memória emergindo durante a transição democrática e mais

³⁰Ler o discurso na íntegra:<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI160560-EI306,00-Leia+na+integra+o+discurso+de+Gabeira+na+Camara.html>. Acesso em: 20 set. 2018.

³¹“Uma das principais críticas de Gabeira ao governo diz respeito à maneira com que foi decidida a medida provisória que liberou o plantio de sementes de soja geneticamente modificadas no Rio Grande do Sul. Gabeira disse que vai ficar sem partido por algum tempo.” Retirado de artigo publicado na Folha de Londrina, outubro de 2003. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/politica/revoltado-gabeira-deixa-o-pt-465864.html>. Acesso em: 30 set. 2018.

³²Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1110200302.htm>. Acesso em: 30 set. 2018.

³³Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/temer-gabeira-admitem-que-tambem-participaram-da-farra-das-passagens-270344.html>. Acesso em: 22 set. 2018.

recentemente. A partir desta constatação, busquei compreender que tipo de vínculo ele estabelece com seu passado mais distante nos diferentes momentos.

Na obra *O que é isso, companheiro?*, Gabeira menciona sua infância em um trecho no qual se refere a Raul Ryff³⁴ – secretário de imprensa de Goulart, que, após o golpe de 1964, passou algum tempo no exílio e voltava para trabalhar como redator no Jornal do Brasil. De acordo com tal relato, bastaria conversar um pouco com Ryff pra aprender que havia grandes talentos no governo Goulart, além de excelentes intenções (p. 28). Ele comenta:

Os relatos de Ryff me ajudaram a lançar um olhar um pouco mais complacente em direção ao PTB. Ajudaram também a recompor uma simpatia perdida, uma simpatia que se formara na infância. A rua onde nasci e me criei era de operários da indústria têxtil de Juiz de Fora. Eles gostavam do PTB. Alguns davam o nome de Getúlio para seus filhos. (GABEIRA, 1979, p.28)

Ainda sobre sua infância, nesta mesma obra, ele continua:

Na infância, a polarização era muito grande entre PTB e UDN, esta aristocrática, com pavor da ascensão dos trabalhadores para um nível de vida melhor e de uma cultura mais popular. Recompor a imagem do PTB era de alguma maneira não se identificar com a UDN, estabelecer uma ponte entre o passado e o presente. Só uma caminhada para a esquerda, entretanto, poderia resolver o impasse mais profundamente. (GABEIRA, 1979, p.29)

Em entrevista dada ao *Roda Viva* - programa de entrevistas da TV Cultura, no ar desde 29 de setembro de 1986 – em dezembro de 1986, ele reafirma este vínculo de infância com o trabalhismo, ao ser questionado a respeito de sua opinião e relação com o Partido dos Trabalhadores³⁵:

Nós nos aproximamos muito do PT, eu pessoalmente me sinto de alguma maneira ligado ao PT, eu nasci e me criei num bairro operário, eu sempre considerei que minha tarefa como intelectual era contribuir também para que o papel e a importância dos trabalhadores na sociedade evoluísse (...) (GABEIRA, Roda Viva, 1986)

³⁴ Raul Francisco Ryff foi um dos fundadores do núcleo gaúcho da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Em 1951 trabalhou no *Correio do Povo*, ligando ao grupo que apoiava o presidente Getúlio Vargas. Foi amigo pessoal de Jango e estava na China com ele quando Jânio Quadros renunciou. Em 1964 se exilou na Europa por algum tempo, retornando em 1968, quando foi contratado como redator do Jornal do Brasil, onde Gabeira trabalhava. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/raul-francisco-ryff>. Acesso em 30 set. 2018.

³⁵ Fundado em 10 de fevereiro de 1980, São Paulo. Disponível em: <http://www.pt.org.br/manifesto-de-fundacao-do-partido-dos-trabalhadores/>. Acesso em: 20 set. 2018.

É interessante perceber que na obra mais atual - *Onde está tudo aquilo agora?* (2012) - há um esforço por parte do autor de afastar as ideias políticas da sua infância, o que fica bastante claro ao longo dos primeiros capítulos. Primeiramente, ele afirma que apesar de sempre existir uma tentação de se vasculhar na infância por sinais de predestinação, no caso dele isso não funciona (p.8), defendendo que ele não percebia a divisão política da cidade e que qualquer ideia de política ainda estava distante (p.11). Além disto, mais adiante, ele coloca: “Já eu, bem, eu era uma incógnita. Jamais tinha me declarado na luta entre liberais e trabalhistas, entre direita e esquerda” (p.16).

Ainda neste livro há três relatos relativos à política relacionados a sua infância. O primeiro deles é o relato que ele faz da personalidade de seu pai, um homem reservado, que nunca deixava claro para qual time torcia e jamais tivera romance fora de casa (p.9). De acordo com o relato de Gabeira, seu pai:

Vivia cercado de trabalhistas e era de um partido liberal, a UDN, União Democrática Nacional, que fazia oposição a Getúlio Vargas. Tinha simpatia pelo brigadeiro Eduardo Gomes, opositor de Vargas (...). (GABEIRA, 2012, p.9)

Outro acontecimento abordado por ele é o suicídio de Getúlio Vargas³⁶, que ele narra da seguinte forma: “Getulio era considerado o pai do trabalhismo no Brasil e sua morte foi tema de muitas manifestações e debates. Não me lembro de ter participado. Ao contrário, senti a morte como um alívio, pois as aulas foram suspensas e teríamos dia livre” (p.16). O terceiro relato se refere às eleições locais de sua cidade natal, as quais teriam significado seu primeiro contato real com a política, mas que, no entanto, segundo seu relato, ele não teria compreendido muito bem. De acordo com a obra, apenas um candidato conversara com ele, Wandenkol Moreira, por quem ele decidiu torcer. Sobre este acontecimento:

Tratava-se de um confronto que mais tarde eu veria em muitas eleições no Brasil. Wandenkol era um advogado criminalista, com algum prestígio na classe média, e seu adversário um populista que se apresentava como pai dos pobres, visitando os distritos mais afastados e usando a máquina administrativa como alavanca eleitoral. (GABEIRA, 2012, p.12,)

Na obra de 1979, assim como na entrevista ao *Roda Viva* de 1986, Fernando Gabeira ressalta o fato de ter nascido em um bairro operário, fazendo questão de demonstrar que o seu vínculo com os trabalhadores se constituiu na infância, em seu passado mais distante. Por outro lado, na obra de 2012, ele não menciona este vínculo

³⁶ Em agosto de 1954.

passado com o trabalhismo, além de ressaltar que seu pai votava para a UDN³⁷ e era “um liberal entre trabalhistas”, questão que não foi comentada na obra de 1979. É curioso perceber também que em *O que é isso, companheiro?* ele se refere a UDN como um partido que tinha pavor da ascensão dos trabalhadores, elitista e aristocrático, enquanto na obra de 2012 ele identifica a UDN como um partido liberal. Além disso, ele resalta que tinha simpatia pelo PTB na infância, o que ele não comenta em momento algum durante a obra mais recente, inclusive fazendo questão de mencionar que nas eleições locais torcera para o candidato que fazia oposição ao trabalhismo. Outra questão válida de atenção é o fato dele sustentar, em 1979, que durante sua infância a polarização entre PTB e UDN era muito grande, enquanto em 2012 ele parece se esforçar para afirmar que não identificava as tensões políticas durante esta fase de sua vida.

Por que ele oculta certas coisas e outras ele resalta? Como pode ser tão diferente a maneira que ele relata esta mesma fase da sua vida? Segundo Calligaris (1998), a autobiografia vem com a necessidade de expressar, confessar ou justificar algo, sendo frequentemente uma combinação dos três. O ato de falar de si, de acordo com ele, corresponde a uma necessidade cultural de reconstruir o mundo e a si mesmo (p.51). Estaria Gabeira tentando se desvincular deste laço com o trabalhismo que ele afirmou ter no passado? Essa grande diferença na forma de abordar as memórias relativas à infância pode estar relacionadas também ao que Pollak comenta a respeito do lugar de fala. Para ele, a memória sofre flutuações a partir do momento no qual ela foi articulada, as preocupações do momento, pessoais e políticas, constituem um elemento de estruturação da memória.

2. Aparecimento da política – movimento estudantil

Em algumas de suas obras, Gabeira descreve a sua iniciação na política, que teria se dado no movimento secundarista, em Juiz de Fora. De acordo com ele, os estudantes protestavam contra os donos das escolas, a quem chamavam de “tubarões do

³⁷ União Democrática Nacional, partido de tendências conservadoras fundado em 1945 em oposição a Getúlio Vargas. Muitos quadros da UDN migraram para a ARENA (partido da ditadura, que serviu como base política para o regime) após o golpe.

ensino”³⁸, além de se manifestarem contra o aumento das passagens do transporte e do cinema. Em *O que é isso, companheiro?* ele descreve este momento da seguinte forma:

Em 1958, quando dirigíamos a greve contra “os tubarões do ensino” (imaginem que falávamos assim na época), ou mesmo as manifestações contra o aumento de cinemas ou transporte coletivo, não tínhamos contato direto com o PC. Pelo menos em Juiz de Fora. Lembro-me de uma assembleia que realizamos no auditório da Rádio PRB-3. Eu estava mesa e fiz um discurso pedindo greve geral contra o aumento de anuidades. Houve certa vacilação que a gente sente no ar, mesmo enquanto não acabou de falar. Do fundo da plateia, entretanto, levantou-se um homem que era pai, sentia na carne o drama das anuidades e que, em nome dos pais, apelava para que todos seguissem a palavra de ordem de greve (...) Eu tinha 17 anos e muito pouca prática de assembleia. Foi quase como receber a visita do Papai Noel. Saiu a greve e fomos vitoriosos. (GABEIRA, 1979, p. 30-31)

Já em 2012, a maneira que ele narra seu primeiro encontro com a política se dá de outro modo:

Antes de me concentrar em literatura e jornalismo, houve a passagem pela política estudantil (...) aproximei-me da organização de estudantes secundários e tornei-me secretário-geral. Coube a mim projetar e liderar uma greve contra os tubarões do ensino. Houve um aumento da mensalidade, o que os deu pretexto para o movimento. A greve não fracassou de todo nos primeiros dias porque fechamos alguns colégios com cadeados de ferro. Confiávamos tão pouco na adesão espontânea que, além dos cadeados, fazíamos piquetes na porta de algumas escolas (...) Não me lembro se os nossos pedidos foram atendidos na greve. (GABEIRA, 2012, p.20).

Há também uma passagem referente a este acontecimento na obra de 2017, *Democracia Tropical*:

Ainda adolescente liderei uma greve de estudantes em Juiz de Fora, Minas Gerais. Era uma greve contra o aumento de preço das mensalidades, contra os tubarões do ensino, como chamávamos nos panfletos, os donos de escola. Inseguros sobre o êxito da greve, passamos a madrugada fechando os portões colegiais com cadeados (...) se alguém me questionasse sobre os cadeados, se não estávamos quebrando as regras, certamente responderia com a arrogância de alguns de nós da nossa idade: “foda-se”, estou fazendo o bem. Infelizmente, mais tarde, no começo do século XXI, no período que a esquerda governou o país, esta mentalidade acabaria redundando nas teses revolucionárias do tipo os fins justificam os meios” (GABEIRA, 2017, p. 23)

Na obra *Memória e Identidade Social* (1992), Pollak trabalha com a ideia de que a memória tem um caráter mutável e flutuante, mas que na maioria dos relatos de memória existem pontos relativamente imutáveis. O autor sustenta que ao se realizar uma entrevista de história de vida, é normal que o entrevistado volte várias vezes ao mesmo acontecimento (p. 2). Fernando Gabeira, tanto nas obras antigas quanto nas

³⁸ Encontrei uma notícia referente à luta estudantil contra o que eles chamavam de “os tubarões do ensino”: Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/386030/per386030_1959_02647.pdf. Acesso em 02 out. 2018.

atuais, parece retornar para o movimento secundarista, mesmo quando este tópico não se mostra essencial à história que está sendo contada. De acordo com Pollak, estes pontos invariáveis, aos quais o personagem constantemente retorna pressupõem um grande trabalho de solidificação de memória, como se fossem pontos que se tornaram pilares da identidade individual ou coletiva. É possível que o movimento secundarista represente um destes pilares para Fernando Gabeira.

Entretanto, apesar desta constante volta a este tópico, é importante reparar certas divergências entre o discurso de 1979 e o mais atual. No relato feito em 1979, Gabeira não se coloca como protagonista da greve - o que pode ser identificado pelo uso do verbo no plural: “dirigimos” – e assume sua inexperiência, enquanto que nos relatos de 2012 e 2017 ele reivindica a liderança do movimento, afirmando que coube a ele liderar a greve. Ademais, podemos constatar que no primeiro relato ele assegura que a greve teve sucesso, enquanto que os relatos mais recentes parecem narrar o evento sob uma ótica mais negativa – quase que desmerecendo o movimento - afirmando que tiveram que trancar as escolas e que somente por isso a greve não faliu logo nos primeiros dias. Além disso, nos relatos mais recentes, Gabeira afirma não recordar se os pedidos da greve foram atendidos. Outro ponto interessante da narrativa de 2017 é que ele aproveita o relato da greve para articular uma crítica ao pensamento e à lógica da esquerda.

3. Escolha profissional

A obra de 2012 é a que mais detalhadamente relata a escolha profissional de Fernando Gabeira, ponto que ficou um pouco esquecido nos livros dos anos 1980. Em *Onde está tudo aquilo agora?* ele reserva longos trechos para comentar a respeito do seu gosto pela literatura, que o acompanha desde a infância, e que o teria levado ao jornalismo. Porém, segundo ele, no princípio de sua carreira como jornalista, ele não estava interessado na política. Ele afirma: “(...) no entanto, meus olhos ainda não se voltavam para a política’ (p. 29). Em relação à sua experiência profissional, chama

atenção a maneira com a qual ele se refere ao seu trabalho no semanário *Binômio*³⁹, logo após se formar. No livro de 2012, Gabeira aponta que:

Fernando Zerlotini, editor-chefe do semanário Binômio, um jornal de oposição a todos os governos – nacional, estaduais e municipais – fez uma entrevista comigo, achou que eu poderia ser jornalista e me convidou para trabalhar (GABEIRA, 2012, p. 20)

Fernando Gabeira coloca que seu primeiro trabalho como jornalista era para um grupo que fazia oposição a todos, novamente dentro desta perspectiva de “nem de direita nem de esquerda”, ao passo que, nesta mesma obra, mais adiante, ele afirma que o *Binômio* estava alinhado com a UDN (p.28). Em *O que é isso, companheiro?*, a única referencia feita a à sua área profissional antes da ditadura é aos dois empregos que ele tinha na época, no *Panfleto* e no *Jornal do Brasil*:

Em 64 eu tinha dois empregos. Um era no *Jornal do Brasil*, outro no *Panfleto*, semanário da ala esquerda do PTB que, mais tarde, depois do golpe, iria sobreviver de forma autônoma como Movimento Nacionalista Revolucionário, MNR. No *JB* trabalhava como redator, no *Panfleto*, como subsecretário de oficinas. Os dois empregos tinham uma importante função para mim. Num trabalhava de acordo com minhas ideias e, no outro, trabalhava para ganhar dinheiro. (GABEIRA, 1979, p.12)

Já na obra de 2012, sua relação com o *Panfleto* é descrita da seguinte forma:

Não estranho a ausência de textos políticos nesse período. Não dominava o tema, e no *Panfleto* eu era só um repórter, uma vez que a linha política era determinada por Paulo Schilling, certamente em sintonia com Brizola: uma posição nacionalista de esquerda. (GABEIRA, 2012, p.39).

É notável a diferença de narrativa que Gabeira dá ao papel do *Panfleto* em sua vida em 1979 e em 2012. Enquanto que em um ele afirma que a ideologia do jornal coincidia com a dele, no outro ele tenta se distanciar, afirmando que ele era apenas um repórter, portanto, não compartilhava necessariamente da diretriz política do jornal. As mensagens são contraditórias, no entanto, isso não faz com que uma delas seja inválida. O que ele decidiu ocultar, assumir, ressaltar ou esquecer diz algo sobre o momento no qual os relatos foram feitos. Conforme Calligaris (1988), “omissões, acréscimos, remanejamentos são peças do puzzle do sujeito no momento de fala” (p.53) e, portanto,

³⁹ “O Binômio (1952-1964) foi um jornal alternativo de Minas Gerais, considerado um dos precursores da imprensa de resistência, mesmo sendo praticamente ignorado nas grandes obras de história do jornalismo brasileiro. Antes do período militar, o *Binômio* já trazia características que também seriam marcantes em publicações alternativas durante a ditadura: humor, irreverência, ironia, combate à força política dominante.” SILVEIRA, Alexandre. **A trajetória do Binômio, um jornal “quase independente”**. Curitiba: 2011, p.1. Disponível em: <file:///C:/Users/coester/Downloads/179-Texto%20do%20artigo-297-1-10-20160425.pdf>. Acesso em: 02 out. 2018.

falam sobre a imagem que o personagem tenta construir a respeito de si para os outros e, talvez, para ele próprio.

4. Como reagiu ao Golpe

Fernando Gabeira mudou-se para o Rio de Janeiro em 1963, dessa forma, quando o golpe eclodiu, ele morava no 200 da Barata do Ribeiro⁴⁰ e dividia o apartamento com mais quatro pessoas, todas jornalistas de início de carreira. Segundo o livro de 1979, alguns destes eram membros do Grupo dos 11⁴¹ – uma organização formada por Brizola na tentativa de resistir ao golpe (p.13). À época, ele tinha dois trabalhos, um como redator do Jornal do Brasil, outro no Panfleto⁴². Neste sentido, procurei analisar os relatos feitos por ele referentes a este período de sua vida nas obras de 1979 e 2012.

Em “O que é isso, companheiro?” Fernando Gabeira narra o dia do golpe desta forma:

Quando irrompeu o golpe de 64, ninguém ficou em casa. Os que participavam do Grupo dos 11 foram fazer fila das armas de Aragão. Nessa fila muita gente se encontrou, mas as armas não apareceram. Lembro-me de ter ido para a Cinelândia até o momento em que começaram a atirar nas pessoas, de dentro do clube militar (...) Para o Panfleto não adiantava voltar, pois os homens já haviam cercado tudo, recolhido os arquivos e empastelado a redação. Segui para o JB e encontrei um grupo de jornalistas na Rio Branco. Era o que procurava. Fomos juntos para o Sindicato dos Gráficos, onde resistiríamos. E nós, que pensávamos em resistir, acabamos sendo envolvidos na confusão geral que se armou para retirar os papéis, para escapar da polícia. (GABEIRA, 1979, p.13)

Gabeira (1979) comenta, também, sobre o momento de regresso ao apartamento, afirmando que, quando se reuniu com seus colegas de apartamento, “não era apenas o Brasil que estava derrotado. Nossas próprias caras estavam derrotadas e ficariam assim

⁴⁰ Edifício Richard, na Rua Barata Ribeiro 200, esquina com a Praça Cardeal Arcoverde, em Copacabana. São mais de 500 apartamentos, 45 por andar. Os anúncios dos anos 1950 diziam que era possível morar lá com pouca renda. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/construido-nos-anos-50-barata-ribeiro-200-fez-fama-na-cronica-policia-da-cidade-11707238>. Acesso em: 30 set. 2018.

⁴¹ “Os Grupos dos Onze Companheiros ou Comandos Nacionalistas foram um movimento de esquerda organizado pelo então deputado federal do estado da Guanabara, Leonel de Moura Brizola em outubro de 1963. Esses grupos tinham o objetivo de pressionar o presidente João Goulart para a realização das Reformas de Base. Os Grupos de Onze Companheiros tiveram vida curta e se desmobilizaram com o golpe civil/militar em 1ª de abril de 1964.” TAVARES, Tânia. **Grupo dos Onze: a esquerda brizolista: (1963-1964)**. Florianópolis: XXVIII simpósio nacional de História, 2015, p.1. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439829367_ARQUIVO_ArtigoANPUH.pdf. Acesso em: 01 out. 2018.

⁴² Como comentado anteriormente, foi semanário da ala esquerda do PTB.

por muitos dias. São aqueles momentos em que se dá o balanço e não se sabe se para e chora ou se vai ajudar os que ainda não conseguiram escapar.” (p.14)

Na obra de 2012, entretanto, ele oferece um relato divergente para o momento do golpe. Apesar de alegar que optara pelo lado que defendia o governo Goulart, ele reitera que “uma longa estrada” ainda o separava das ideias de esquerda e considera que o lado da resistência era muito plural: fazia parte dele sindicatos, estudantes, jornalistas, artistas e intelectuais. (p. 41). Sobre o momento do golpe Gabeira comenta:

Quando veio o golpe, resisti na Cinelândia e joguei algumas pedras nas ruas do centro (...) O golpe de Estado empastelou o Panfleto e o Binômio. Ele iria provocar grandes mudanças, não só na consciência política mas também no meu vínculo com a profissão (...) Envolvido com literatura e boemia, não acompanhei a preparação e o desfecho do golpe com um olhar atento em todos os elos da cadeia. (GABEIRA, 2012, p.42).

Novamente, apesar das duas versões relatarem o mesmo ocorrido, elas são bastante divergentes, a obra de 1979 dá um tom mais sério ao golpe, um tom de preocupação e inquietação que é inexistente na obra de 2012, na qual ele afirma, inclusive, estar envolvido demais com outras coisas para ter dado legítima atenção ao momento político. No relato de *O que é isso, companheiro?*, há menção ao envolvimento com o sindicato no momento do golpe, o que ele não menciona em 2012. Na obra mais recente, há menção ao grande envolvimento literário do autor, o que não é relatado em 1979. A obra de 2012 mostra um Gabeira mais despreocupado, seguindo a vida nos bares após o golpe e ainda distante da esquerda. Outro fato omitido por ele em 2012 e comentado na obra de 1979 é o fato de seus colegas de apartamento estarem tão próximos aos ideais do Brizola e terem tentado reagir ao golpe.

A imagem que Fernando Gabeira, em 2012, tenta passar a respeito desta fase de sua vida é a de um jovem jornalista que se enxergava como oposição à ditadura, mas que estava distante do trabalhismo e das ideias da esquerda: “Era uma tomada de posição visceral, embora uma longa estrada ainda me separasse das ideias da esquerda” (p.41). Por outro lado, na obra de 1979, vemos um Gabeira envolvido com o golpe, com os sindicatos e com pessoas envolvidas na resistência e com o trabalhismo. Além disso, em nenhum momento da obra de 1979 ele comenta estar distante das ideias de esquerda, inclusive alegando que, apesar de não ter tido muito contato com o PC em Juiz de Fora, a simpatia pelos comunistas era a mesma que ele sentia por qualquer um de quem a polícia não gostava (p.26).

5. O movimento estudantil e a clandestinidade

Logo no início do livro *O que é isso, companheiro?*, Fernando Gabeira (1979) narra como foi seu primeiro “encontro” com o movimento estudantil e a geração de 1968. Segundo o seu relato, ele costumava observar os protestos que aconteciam na Avenida Rio Branco da sacada do *Jornal do Brasil*, em seus intervalos de trabalho. De acordo com ele, as pessoas caminhavam e gritavam “abaixo a ditadura”, o que chamou muito a sua atenção (p.12). Em suas palavras:

Daí a pouco chamariam para voltar ao trabalho, mas a demonstração estudantil não ia sair fácil da minha cabeça. Desde 1964 que eu estava buscando aquela gente, e aquela gente, creio, desde 1964, preparava seu encontro com as pessoas olhando da sacada da Avenida Rio Branco. (GABEIRA, 1979, p.12).

E mais adiante, no mesmo livro:

Meu encontro com aquela geração de políticos pode não ter revolucionado o país, como era nosso propósito, mas revolucionou minha vida. As passeatas eram feitas em frente ao meu trabalho e jamais deixei de cair na tentação, exceto no momento mais negro da sexta-feira sangrenta. Sempre que possível, descia as escadas sorrateiramente, protegido pela cumplicidade amistosa dos companheiros de trabalho, e já estava no meio da massa. (GABEIRA, 1979, p.58).

Na obra de 1979, Fernando Gabeira alega ter passado dois meses na Europa em 1966. É válido atentar à maneira que ele relata essa viagem em 1979: “Antigamente as pessoas ricas mandavam suas filhas para a Europa quando queriam que esquecessem um grande amor. Minha esperança ao partir para a Europa, no fim de 1966, era também a de esquecer o pântano em que tínhamos nos metido e as asfixia geral que a ditadura militar tinha imposto ao país” (p35). Ele relata também uma entrevista da qual participou e em que ele afirma ter perguntado ao entrevistado, Juraci Magalhães⁴³, então ministro das Relações Exteriores do Brasil, se “Afinal, aquilo era uma ditadura?” (p. 42), o que teria resultado em sua expulsão das entrevistas posteriores e o teria deixado muito incomodado. Além deste acontecimento, ele comenta a respeito de um encontro com um estudante da Etiópia que acompanhara a situação do Brasil e queria discutir a queda de

⁴³ “No governo do general Castelo Branco, o primeiro do ciclo militar, foi nomeado embaixador brasileiro nos Estados Unidos, quando pronunciou sua célebre frase: "O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil". Em seguida, ocupou sucessivamente as pastas da Justiça e das Relações Exteriores. Com o fim do governo de Castelo Branco, em 1967, deixou a carreira política e passou a dedicar-se à iniciativa privada, tendo ocupado a presidência de diversas empresas brasileiras e estrangeiras.” Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/juraci_magalhaes. Acesso em: 30 set. 2018.

Goulart. Segundo Gabeira, o estudante segurava um livro de Wright Mill⁴⁴ sobre os marxistas e o diálogo com o rapaz o deixou inquieto:

Pensei: esse cara vai me fazer falar do Brasil, vai me dar vontade de voltar ao Brasil e, que diabo, o curso que temos que fazer aqui ainda não chegou nem a sua parte final. Uma semana depois, estava de volta ao Brasil. (GABEIRA, 1979, p.43).

De acordo com este livro, Gabeira voltou para o Brasil e se envolveu com uma tentativa de guerrilha, Caparaó, pois, segundo ele: “sentia que tinha de fazer algo” (p.44). É interessante perceber que esta vontade aparecera antes, no trecho no qual ele narra sua experiência observando os atos da sacada do Jornal do Brasil: “Quantas vezes tive vontade de saltar da sacada para ajudar alguém. Quantas vezes tive vontade de subir para sacada, para estar ao lado dos redatores amigos e comentar com eles o curso da demonstração” (p.43).

Depois de começar a participar das passeatas, com o endurecimento do regime, Gabeira entrou para a Dissidência Comunista da Guanabara e, com o AI-5, decretado em 13 de dezembro de 1968, “o golpe dentro do golpe, um golpe de misericórdia na caricatura de democracia” (p.106), começou sua vida clandestina.

Caímos, aí sim, na clandestinidade. Muitos pensam que cair na clandestinidade é vestir uma capa cinza, usar óculos escuros ou então sair de casa apenas no princípio da noite, quando o sol já desapareceu. Conosco não foi bem assim. A censura à imprensa nos forçou, imediatamente, a intensificar o trabalho em nosso jornal *Resistência*. Entre 15 de dezembro e a passagem do ano, não fazíamos outra coisa a não ser escrever rapidamente notícias, rodas o mimeografo e distribuir jornais entre todos os setores interessados. (GABEIRA, 1979, p.106).

Na obra de 2012, entretanto, ele narra sua proximidade com o movimento estudantil de outro modo. Ele também narra a ida para Europa para o curso de jornalismo, mas não comenta sobre a entrevista com o ministro brasileiro, e quando relata sua conversa com o homem etíope, o que ele diz é o seguinte:

Nosso tema era a política. Quer dizer, passou a ser política a partir do momento em que ele me abordou e disse que era lamentável a queda do presidente Goulart mas que o golpe era inevitável. (GABEIRA, 2012, p.47).

De volta ao Brasil, ele admite ter em mente a necessidade de uma revolução, embora não soubesse de que tipo. A busca por esta resposta, conforme ele, o teria

⁴⁴ Principalmente conhecido pelo seu livro *A imaginação sociológica* (1959). Charles Wright Mills foi um sociólogo americano. Mestre em arte, filosofia e sociologia, além de doutor em sociologia e antropologia. Uma de suas obras, da qual acredito ser a que Gabeira se referia, se chama “**Os marxistas**”, publicada em 1962.

levado ao livro de Caio Prado Jr. *Formação do Brasil contemporâneo*⁴⁵ (p.47). Ele explica sua aproximação com A Dissidência Comunista da Guanabara da seguinte maneira:

A Dissidência Comunista – um grupo de jovens a esquerda do Partido Comunista Brasileiro, com uma estratégia socialista -, que controlava o movimento estudantil do Rio, tinha uma resposta baseada em Caio Prado, e simpatizava com ele como um intelectual de alto nível, marginalizado pelo PCB, ao qual pertencia. (GABEIRA, 2012, p. 48,).

E em seguida coloca:

A trajetória intelectual era apenas uma das forças que me moviam. Eu gostava dos estudantes em luta, de sua irreverência. O fato de se distanciarem do velho Partidão, de apresentarem outro horizonte naquela mistura de tendências fazia com que os considerasse mais modernos (...) Os líderes do movimento estudantil queriam começar de novo, com uma visão de luta armada e um objetivo claramente socialista. Parecia uma luta do futuro contra o passado e, naquele instante, o futuro era uma invenção nossa. (GABEIRA, 2012, p.48).

Já referente ao período da clandestinidade, pós AI-5, Fernando Gabeira afirma ser um período curto⁴⁶, do qual tentou tratar em *O que é isso, companheiro?*, mas que, no entanto, nunca fizera um grande esforço para retratar. Ele comenta que este tempo parece ter se instalado em uma dimensão de memória que doía quando tentava exercitá-la, “como se fosse um músculo distendido” (p. 54). Sobre a clandestinidade, ele se questiona:

O período que se abriu com o AI-5 realmente bloqueou muitas frentes de luta política. Isso não significava que todos deveriam cair na clandestinidade. Eu não era conhecido da polícia, tinha uma excelente posição no Jornal do Brasil, dirigindo o departamento de pesquisa. Por que me precipitei? (GABEIRA, 2012, p.55).

Ao que ele mesmo responde:

Embora não exista uma só resposta, era evidente para mim que, dentro do nosso microuniverso, os clandestinos tinham mais importância. Representava uma espécie de ascensão cair na clandestinidade, deixar um rastro de silêncio entre os que ficam para trás e, apreensivos, notam a sua falta. (GABEIRA, 2012, p.55).

A primeira questão que me chamou atenção ao comparar as duas narrativas – de 1979 e 2012 – é como, na primeira, a postura do personagem parece bastante ativa, podendo-se perceber um tom combativo nas suas atitudes durante e após o golpe de

⁴⁵ Publicado pela primeira vez em 1966.

⁴⁶ Ele não é muito preciso quanto a esta informação, dando prazos diferentes em dois momentos distintos.

1964, como se seu encontro com os estudantes e a causa da esquerda já estivesse em processo de andamento antes. Uma prova desta atitude é o uso da expressão “sabe quando você sente que tem que fazer algo?” e o fato de ressaltar que: “Desde 1964 que eu estava buscando aquela gente, e aquela gente, creio, desde 1964, preparava seu encontro com as pessoas olhando da sacada da Avenida Rio Branco” (GABEIRA, 1979, p.12). Enquanto isso, a narrativa de 2012 mostra um Gabeira muito mais passivo, levado pelas circunstâncias: a sua insatisfação com a ditadura gerou a vontade de revolução, o que, por sua vez, acabou levando-o a procurar apoio em Marx, o que ao fim o levou a obra de Caio Jr - que era a base teórica da Dissidência Comunista da Guanabara. Há certo tom de justificativa nesta narrativa que não está presente na obra de 1979, como se em 2012 ele tentasse ligar sua participação na resistência a uma resposta às inspirações de intelectuais – como Caio Prado Jr - e não à uma necessidade visceral. Por outro lado, em 1979, o relato nos leva a crer que o personagem já tinha uma grande predisposição aos ideais de esquerda, mas não tivera a chance de deixar isso aflorar. Outra questão que chama atenção é o fato de ele ter omitido no primeiro relato, ou ressaltado no segundo relato, que o estudante Etíope afirmara que o golpe no Brasil era inevitável. Por que ele traria esta informação apenas no relato de 2012?

Novamente, é preciso lembrar que Gabeira está construindo e reconstruindo sua imagem a partir das narrativas presentes nos livros. Segundo Pollak, existe uma ligação fenomenológica muito estreita entre memória e o sentimento de identidade, no sentido de imagem de si, para si e para os outros. Para compreender as contradições e divergências nos relatos de memória feitos por Gabeira nas diferentes obras, é preciso levar em consideração o que Pollak diz a respeito do momento de fala: o Gabeira de 1979 estava envolvido com a redemocratização e com a luta contra a ditadura e o autoritarismo, enquanto o de 2012 vive uma circunstância histórica bastante diferente, já inserido na sociedade brasileira como uma figura pública desde os anos 80 e trabalhando como colunista da *Globo*. Este aspecto da memória, de refletir as preocupações do momento, ressalta o seu aspecto mutável e seletivo, além de demonstrar o quanto ela é um fenômeno construído ao longo da vida – na esfera individual – e ao longo da história humana – na esfera coletiva. É importante ressaltar que para Pollak, esta imagem, que a pessoa adquire e constrói ao longo da vida e apresenta para os outros e para si própria, serve não somente para acreditar na sua

própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

Capítulo 2

Este capítulo tem como objetivo analisar o espectro político do personagem histórico Fernando Gabeira e engloba temáticas como a esquerda, o marxismo, socialismo e a democracia. Considero a abordagem destas temáticas importantes já que busco analisar sua trajetória ideológica, que ao longo dos anos, em suas obras, várias vezes se referiu a estas ideias políticas. Acredito também que Fernando Gabeira se enxergue como um sujeito político ativo no meio em que vive e viveu⁴⁷.

Primeiramente, é essencial colocar que para examinar a aparente mudança de postura de Fernando Gabeira, estou usando como base a obra de Alexandre Blankl Batista intitulada *A trajetória de Paulo Francis na imprensa hegemônica e contra-hegemônica brasileira (1962-1997)*, de 2015. Estou me apropriando dos parâmetros definidos por ele para categorizar os termos “esquerda” e “direita”. O trabalho de Alexandre Batista aborda a participação do intelectual Paulo Francis em diversos periódicos da imprensa brasileira com o intuito de avaliar a postura política-ideológica dele. Ela tem como objetivo principal analisar a maneira como Francis demonstrou sua intelectualidade e a mudança desta postura. O autor comenta que a fase anterior a entrada de Francis para a *Folha de São Paulo*, em meados da década de 1970, é marcada por uma maior identificação com a esquerda e que, com o passar do tempo, o personagem sofreu uma guinada a favor do ultraliberalismo.

A tese faz uma breve análise do que tange os aspectos que envolvem a identificação com o espectro político da esquerda e da direita, de uma forma mais generalizada, para fins didáticos. Alexandre Blankl Batista (2015) comenta que os politólogos tem indicado dois espectros no eixo de formação da identidade dos partidos políticos e de indivíduo envolvidos ideologicamente na política: a esquerda e a direita, tendo a o centro como intermediário. Esta divisão teria começado a assumir importância na política a partir da Revolução Francesa, com origem no pensamento iluminista, e indicaria formas distintas de orientar políticas públicas, a economia e a sociedade (p. 48). De acordo com ele as definições dadas por Adam Smith e Karl Marx podem ser vistas como formas alternativas de gerência do Estado Moderno e tem-se relacionado a

⁴⁷ Ele parece ressaltar sua própria lucidez e constantemente faz referência a História e a seu curso. Em passagem no livro de 2017 ele afirma que seus papéis históricos ainda não se esgotaram, visto que que eles estava ali escrevendo.

esquerda com pressupostos socialistas e a direita com pressupostos liberais.

No caso dos referenciais a respeito da direita, teríamos a afinidade com a concepção de liberalismo econômico e, de acordo com Alexandre Batista, poderíamos - para fins didáticos - apresentar uma série de pressupostos a se seguir. Alexandre aponta primeiramente para a construção da legitimidade política pela tradição dos autores jusnaturalistas⁴⁸, a “evolução da democracia” por meio da liberdade individual, regulada pelo direito civil e representada pelo direito ao voto e gerência da propriedade privada. Outro destes pressupostos é o de que a sociedade fica condicionada por uma ordem social fundamentada em instituições constituídas de forma tradicional e que ela vai se adaptando de acordo com as necessidades da sociedade civil, dos grupos privados e instituições públicas. Pressupõe-se também, que o Estado deve atuar na manutenção da existência, mas sem investir nas comunidades humanas, deixando que os talentos individuais e as diferenças garantam ao ser humano um status social melhor do que o do outro (p.48)

Quando se trata da esquerda, por outro lado, podem-se destacar outros aspectos, como a centralidade sobre a temática da causa social, a busca pelo bem estar do indivíduo e da coletividade, a crítica a exploração do ser humano por outros seres humanos e a busca racional de sistematizar um modelo que permita a solidariedade e a promoção humana. Alexandre Batista cita Jacob Gorender⁴⁹, que ele classifica como sendo uma definição sintética, sem os malabarismos de cientistas políticos ou sociólogos, para exemplificar o que ele conceitua como esquerda: “Entendo por esquerda o conceito referencial de movimentos e ideias endereçadas ao projeto de transformação social em benefício das classes oprimidas e exploradas. Os diferentes graus, caminhos e formas dessa transformação social pluralizam a esquerda e fazem dela um espectro de cores e matizes.” (p.50) De acordo com Gorender a esquerda é plural em suas propostas e ações políticas, assim como a direita – dentro da esquerda, aconteceram disputas históricas que ajudam a compreender melhor as divisões entre os adeptos e simpatizantes do socialismo (p. 50).

⁴⁸Mais detalhes em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/63/edicao-1/direito-natural-e-jusnaturalismo>. Acesso em: 02 out. 2018.

⁴⁹ Historiador brasileiro de descendência ucraniana. Foi membro do PCB e durante a ditadura ficou preso por um ano no DOI-Codi em 1970. Escreveu livros como: **O escravismo colonial** e **Combate nas trevas**. Morreu em 2013 em São Paulo. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/morre-o-historiador-jacob-gorender.html>. Acesso em: 04 out. 2018.

1. Marxismo

Antes de abordarmos a maneira com a qual Gabeira se refere à esquerda, ao socialismo e a democracia em suas obras- e a análise de sua possível mudança de perspectiva política- gostaria de falar um pouco sobre a abordagem que ele oferece para a teoria marxista e o papel dela em sua vida. Em *O que é isso, companheiro?*, Gabeira (1979) confessa não ter lido Marx antes do exílio, assumindo que lhe faltava base teórica durante a militância no MR-8 (p.133). De acordo com a obra de 1980, *O Crepúsculo do Macho*, ele foi estudar o marxismo a fundo somente quando já estava no exílio, em Cuba, na casa de uma amiga americana⁵⁰ (p.58). Ele relata o seu primeiro contato com o marxismo da seguinte forma:

Caminhava diretamente para a casa de Margareth com duas edições do Capital, e passava oito horas por dia estudando. Estava maravilhado com o que lia. Um pouco assim como quem se casa por correspondência e descobre que o parceiro é bonito, ganhando uma alegria adicional. Tinha sempre me declarado marxista, sem conhecer de fato os fundamentos daquela teoria. Agora que começava a conhecer, constatava que não havia nada a reclamar, exceto, naturalmente, o atraso em tomar contato com a obra de Marx.(GABEIRA, p.59, 1980).

Nesta mesma obra, Gabeira conta que escutou atentamente ao discurso de Fidel Castro em Cuba, durante a comemoração de aniversário da Revolução Cubana, e que era fácil identificar afinidades e orientação, visto que grande parte do discurso -de acordo com ele - se dedicava a explicar os fundamentos marxistas (p.51). Gabeira conta que a leitura de *O Capital* lhe abriu um amplo campo de interrogações, o que o teria feito crer que o problema da revolução brasileira era teórico (p.96). Neste livro, há várias referências a momentos nos quais Gabeira se dedicou fortemente aos estudos, não somente no que tange o marxismo, como podemos perceber neste trecho:

Comecei a estudar Antropologia e descobria na universidade que algumas de minhas inquietações poderiam encontrar uma resposta fora do marxismo. Minha vida política, se isto se pode chamar de vida política, era intensa. (GABEIRA, 1980, p.210).

Em 1978 – já no final de seu longo exílio - Gabeira ainda reafirma um vínculo com o marxismo, como fica claro na entrevista concedida ao *Pasquim*, em Paris. Ao abordar a luta armada durante a entrevista, Gabeira diz o seguinte:

⁵⁰ De acordo com Gabeira (1980), o nome dela era Margareth e ele passava longas horas em sua casa, com ela e com sua família.

Agora, como ainda tenho fortes elementos marxistas, não raciocino em termos de causa e efeito por que a causa pode ser um efeito também. (GABEIRA, 1979, p.40).

É interessante perceber como, nas obras de 2012 e 2017, Fernando Gabeira narra o seu encontro com a filosofia marxista detalhadamente, algo que não ocorreu nas obras de meados dos anos 1980. Em ambas as obras, *Onde está tudo aquilo agora?*, 2012, e *Democracia Tropical*, 2017, ele procura explicar como veio a se relacionar com marxismo e qual o percurso mental que ele realizou até chegar a esta teoria. Nestes livros, Gabeira sugere que tudo começou com o existencialismo:

No entanto, uma visão filosófica floresceu no pós-guerra, o existencialismo, iria marcar minha juventude. Era fascinado pela liberdade de escolha de caminhos, pela ideia de que, na falta de sentido para a vida, era preciso fazer as próprias opções, cravas as unhas no abismo. (GABEIRA, 2017, p.23).

Segundo o relato de *Onde está tudo aquilo agora?*, quando jovem, ele teria encontrado no existencialismo aquilo que buscava: não tinha mais religião, nem sofria mais influência da família. Ele relata:

Com tantas amarras soltas, concordava que a vida não tinha sentido, exceto aquele que comunicávamos a ela. Ficava impressionado com a imagem literária de Sartre das unhas cravadas nas bordas do abismo para não cair em seu imenso vazio. Mas isso era mais uma atitude intelectual, ainda distante do marxismo. (GABEIRA, 2013, p.31).

E logo em seguida:

No fundo, eram ensaios psicológicos, um bom atalho para me alcançar. Abriam um itinerário diferente para a luta social. Os marxistas vinham de fora pra dentro, da análise de classes, do curso da economia; eu caminhava de dentro pra fora na busca do sentido, da ânsia de cravar as unhas na borda do abismo. (GABEIRA, 2013, p.33)

Mais adiante nesta mesma obra, Gabeira (2012) faz novamente referencia a esta ideia do abismo de Sartre⁵¹, quando relata o encontro com o estudante etíope, durante os meses que passara na Europa em 1966, ele afirma que este amigo foi o responsável por trazer de volta o impulso de buscar na história o sentido da vida, de “cravar as unhas na borda do abismo do vazio pronunciando a palavra “revolução” (p.47). Segundo ele:

⁵¹ “Para Sartre, o peso da consciência da liberdade e a responsabilidade advinda desta geram no indivíduo uma sensação ambígua, de poder e medo. O indivíduo, ao se deparar à beira de um penhasco perigoso, por exemplo, sente o medo de cair invadi-lo, sente a angústia ao pensar que nada, absolutamente nada, o impede de jogar-se lá embaixo, de se lançar no abismo.” PEREIRA, Everli Fernanda; MELLO, Tamyris Villela. O homem e a angústia existencial de Jean Paul Sartre. Psicologia - Revista Eletrônica Científica. 19º edição - Novembro. Garça: FAEF, 2012. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/yeLXnSKdgXC1odj_2014-4-16-0-34-5.pdf. Acesso em 10 dez. 2018.

O existencialismo me ajudou a chegar a essa ideia, mas eu era incapaz de dizer que tipo de revolta era adequada. Anti-imperialista, socialista, por um governo de libertação nacional ou por um governo dos trabalhadores? (GABEIRA, 2013, p.47).

Em *Democracia Tropical* Gabeira (2017) afirma que seu fascínio pelo existencialismo - que ele definiu como uma filosofia baseada na salvação pessoal e na experiência interior - o levou também a procurar sentido na história humana. “Havia uma palavra-chave para descrever esse passo, quase tão evocado na boemia intelectual como a expressão “Garçom, por favor,”: engajamento” (p.23). Esta busca pelo sentido da existência humana teria então o levado ao marxismo, como ele relata a seguir:

Através da trajetória existencial era possível dar o passo seguinte: mergulhar no mar da história, espaço já ocupado pelo marxismo, com um script completo. O mundo marchava para o socialismo e a classe eleita faria a revolução. Era a revolução proletária. Ponto. Não importava se, aquela altura, já fosse uma experiência decadente e autoritária. (GABEIRA, 2017, p.28).

Além de contar como se deu o início de sua relação com o marxismo, Gabeira se debruça a criticar fortemente a teoria, tanto em *Onde está tudo aquilo agora?* quanto em *Democracia Tropical*, como podemos perceber pela análise destes dois trechos:

O marxismo, em princípio, era o instrumento de análise. Mas o que dava base àquela luta armada era uma interpretação bem livre dos fundamentos da doutrina. Na verdade, nenhum de nós conhecia o marxismo a fundo. Nos primeiros meses parecia uma teoria generosa: onde quer que mirássemos, achávamos um insight novo sobre o que discutiam os jornais ou mesmo os teóricos burgueses. Mas esse fascínio vinha colado a um perigo que mais tarde se instalou: o conforto de ter uma opinião sobre tudo e de conhecer, de antemão, o script da história, cuja dinâmica era dada pela luta de classes que, faltamente, desembocaria no socialismo e, em seguida, no comunismo. (GABEIRA, 2013, p.63).

E em 2017, em um tópico o qual ele chamou *Teoria de Tudo*, ele afirma que o marxismo desenhava uma trajetória rígida exatamente por se inspirar na luta de classes e que ainda mais rígidas eram as regras de comportamento. Ele argumenta também que o marxismo era uma explicação completa do mundo - indicava quem eram os adversários, qual o caminho a se seguir e para onde estavam indo. O marxismo operava em uma dimensão ampla, como uma fórmula para interpretar o mundo e achar significado em cada evento isolado (p.31-32). Assim como em *O Crepúsculo do Macho*, ele narra em *Democracia Tropical* o momento que se aprofundou nos estudos marxistas, mas por uma ótica diferente:

Confesso que estudei melhor o marxismo depois que me estrepei supondo aplicar seus princípios. Já o exílio, banido do Brasil, tive um longo tempo para ler os principais livros, sobretudo *O Capital*, a obra máxima de Karl Marx. O edifício teórico me impactou não só pelo rigor dos argumentos, mas também pelos dados com os quais

trabalhava. Chegou a ser adotado por alguns como visão científica. Com toda a autoridade que atribuímos a ciência. (GABEIRA, 2017, p.32).

Ele também narra o momento em que passou estudar antropologia, como no livro de 1980:

Mais tarde, alguns meses de estudo de antropologia na Universidade de Estocolmo abririam uma janela por onde joguei fora muitas das minhas certezas sobre o marxismo. (...) Por meio do marxismo não se chegaria jamais a formular algo politicamente articulado sobre discriminação dos negros e dos homossexuais nem sobre a luta pela identidade cultural que galvanizou um leque bem amplo de minorias. (GABEIRA, 2017, p.32).

É curioso perceber como Gabeira relata de formas diferentes seu primeiro contato com os textos de Marx. Enquanto em um ele faz questão de dizer que se encantou, no outro ele realça que se espantou com a rigidez dos textos. Esta visão crítica presente na obra de 2012 não existe nas obras mais antigas. Em *O Crepúsculo do Macho*, por exemplo, ele afirma ter ficado fascinado pelo texto enquanto o lia pela primeira vez e, apesar dele afirmar neste mesmo livro que tinha questões que o marxismo não poderia resolver - o que ele foi descobrir estudando antropologia - as críticas não são intensas como as percebidas nas obras atuais, que se dedicam a esmiuçar o marxismo a procura de falhas.

O Fernando Gabeira dos anos 1980 ainda se identificava com certos aspectos do marxismo, enquanto o de 2012 aproveita cada menção para incrementar uma crítica ácida. Além disto, podemos perceber que o Gabeira de 2012 parece querer justificar a escolha tomada pelo marxismo ao afirmar que o existencialismo foi o que o levou, direta ou indiretamente, a aderir a esta filosofia. Nestas obras atuais, Gabeira cria toda uma narrativa para explicar como chegou ao marxismo, como se estivesse justificando sua antiga postura, o que não ocorre nas obras de meados dos anos 1980, nas quais ele nem se quer comenta a respeito do impacto do existencialismo em sua formação intelectual. Se o existencialismo foi tão importante a ponto de marcar sua juventude, por que não havia menção a esta filosofia nos seus outros livros?

A leitura do trabalho de Angela de Castro Gomes (1997), um trabalho que se debruça sob a problemática da pesquisa histórica em fontes privadas. Nesta obra, a autora comenta a respeito de uma ilusão da verdade, que viria da impressão de proximidade com o sujeito histórico pesquisado. Esta ilusão pode acabar fazendo com que o historiador caia na tentação de aceitar o discurso do sujeito por sentir que conhece seus sentimentos, como se, pelo fato de terem sido escritos pela pessoa em si, estas

fontes fossem constituíssem uma verdade. Neste sentido, a autora dá o exemplo de Mário de Andrade, comentando que ele provavelmente construiu, em suas obras, dois monumentais personagens: Macunaíma e Mário de Andrade. Ambos homens construídos pelo mesmo autor, se transformando e assumindo formas e cores diferenciadas ao longo do tempo (p. 126). Em suas palavras:

Contudo, se sabemos que Macunaíma é uma criação de Mario de Andrade, podemos nos enganar ao desconhecer que, em seus documentos pessoais, Mário esta rigorosamente consciente ou inconscientemente, não importa, construindo sua imagem para si e para os outros, em muitos tempos e a história. Uma imagem que pode ser múltipla, e que está presente nos documentos pessoais e em seu próprio processo de acumulação, ou seja, no seu arquivo privado. (GOMES, 1997, p.126)

Acredito que algo semelhante aconteça quando lemos obras de caráter mais biográfico, pois se cria um vínculo com o autor, uma ilusão de proximidade e veracidade do relato. Desta forma, podemos supor que Gabeira esteve, ao longo do tempo, construído a imagem de si para si e para os outros, assumindo formas diferenciadas. Para o Gabeira de 1980 falar sobre o existencialismo e colocar críticas tão intensas ao marxismo não era algo necessário, enquanto que para o de 2012 e 2017 esta crítica se torna algo essencial, comentada exaustivamente em suas obras

2. Socialismo e esquerda

A temática do socialismo e da esquerda aparecem no discurso de Fernando Gabeira desde 1978. Já nesta época, podemos perceber um sujeito crítico à lógica da esquerda e ao socialismo. Há duas críticas que são constantemente repetidas ao longo, principalmente, das obras *O que é isso, companheiro?* e *O Crepúsculo do Macho* referentes a capacidade da esquerda de “prever” o futuro (sua incapacidade de se conectar com a realidade) e ao conservadorismo de costumes. Podemos perceber essas duas questões nos seguintes trechos:

Desde que me entendo, quase todos os documentos de esquerda começam assim: mais uma vez a realidade confirmou nossas previsões; ou mesmo: o socialismo avança em todo o mundo e o capitalismo vive sua crise sem saída. Estamos nessa há muitos anos. (GABEIRA, 1979, p.38).

E sobre a questão do conservadorismo de costumes:

A descoberta do potencial conservador da esquerda no que diz respeito aos seus próprios mitos, ao embrião de uma política cultural, tudo isso marcou profundamente minha militância. Até hoje. Sempre que se anuncia algo de novo e perturbador é preciso cantar o parabéns pra você bem rápido, para que os vizinhos não desconfiem. (GABEIRA, 1979, p.63)

É importante perceber que já no início dos anos 1980, quando Fernando Gabeira estava se reinserindo a sociedade brasileira, ele já deixava claro seu afastamento da esquerda tradicional, lançando críticas ao que ele chama de “os dinossauros” da esquerda, como no seguinte relato presente na obra *O Crepúsculo do Macho*:

Só faltava a entrevista ser publicada mesmo. O que diriam as pessoas? Os velhos amigos iam se lembrar de mim? O que diriam os dinossauros da esquerda, diante daquela versão chapliniana de nossa aventura? A entrevista falava de coisas proibidas: a experiência da guerrilha urbana, o sequestro do embaixador americano, a organização da tortura na cadeia, tudo já com a perspectiva de quem fizera uma autocrítica a respeito do assunto. Seria uma bomba em caso de publicação e, certamente, o governo faria apreender o número do jornal em apenas algumas horas. (GABEIRA, p.227, 1980).

O livro *O Crepúsculo do Macho*, narra as experiências de Fernando Gabeira (1980) no exílio, passando pela Argélia, pelo curso de guerrilha em Cuba e pelo Chile antes do golpe de Augusto Pinochet⁵². Além disto, outro fator que ele afirma ter chamado sua atenção, era a falta de importância dos brasileiros no socialismo mundial, de acordo com ele, era impossível viver no mundo socialista sem perceber a falta de importância dos brasileiros. (p. 102). Na mesma obra, Gabeira relata o asilo político que vivenciou na embaixada da Argentina no Chile – após o golpe, em 1973 - até serem resgatados por um avião argentino. Enquanto narra a situação da embaixada, que abrigava várias pessoas de várias nacionalidades, ele faz um paralelo com o funcionamento de um país socialista:

E a direção daquilo é como a direção de um país socialista emergente: faltam viveres, o inimigo está cercando, sempre ameaçando invasão e, no interior, centenas de frações se digladiam pelo poder. (GABEIRA, 1980, p.161).

Na obra de 1980, Gabeira faz críticas ao socialismo, ao curso de guerrilha, à luta armada e a algumas lógicas da esquerda, mas estes trechos de seu discurso indicam que

⁵² Augusto José Pinochet Ugarte governou o Chile de forma ditatorial de 1973 até 1990. Em 2016 a Câmara aprovou um acordo que qualificou Pinochet como um “ditador, artífice de um aparato terrorista de Estado e autor intelectual do assassinato premeditado e traiçoeiro do ex-chanceler” de Salvador Allende. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/06/internacional/1475720894_534437.html. Acesso em: 18 out. 2018.

ele mantinha uma relação amigável com Cuba e também certa admiração pela Revolução Cubana.

Aquilo de ter capitulado diante de minha formação intelectual me confundia muito mais. O curso tinha uma parte dedicada à política e na realidade era, àquela altura, baseado em manuais soviéticos no que dizia respeito a marxismo. (...). Outros, como eu, estavam fascinados pelos cubanos e, mesmo reconhecendo a simplicidade dos argumentos, tendia a defendê-los. Afinal, eles chegaram ao poder, derrubando uma sangrenta ditadura a partir de pequenos grupos audaciosos e bem armados. Não será que a simplicidade a que chegaram é resultado exatamente do fato de terem feito uma revolução? Quem garantia que os mais intelectualizados, com todas as suas sutilezas, estavam certos? Afinal, a prática era o critério da verdade. Partidos ultra-intelectuais jamais chegaram ao poder; veja os alemães por exemplo, ou qualquer outro partido da Europa ocidental. (GABEIRA, 1980, p. 75)

Mais adiante, neste livro, ele conclui sua experiência cubana afirmando que os cubanos foram gentis, eram pessoas comunicativas e simpáticas e que ele sentia um bom humor na ilha que era semelhante ao do Rio de Janeiro:

A ilusão sobre um paraíso na terra se dissipava sem ressentimentos. Era como se terminasse um grande amor e fosse começar uma longa amizade. (GABEIRA, 1980, p.101).

Embora Gabeira tenha criticado fortemente o conservadorismo de costumes e alguns aspectos da esquerda, durante sua estadia na embaixada da Argentina no Chile, ele convive com um grupo de trotskistas, pelo qual demonstra simpatia:

Dentre os que lutavam pelo asilo na Argentina, havia também alguns trotskistas com os quais me dava maravilhosamente. Se um dia me encontrar com Trotsky no céu, a primeira coisa que direi é esta: “seus seguidores sempre foram simpáticos comigo e nunca me incomodaram com essa questão de comportamento, ao contrário dos seguidores daquele ali – completarei, indicando Mao Tsé-Tung com o queixo. (GABEIRA, 1980, p.163).

Podemos concluir, portanto, que apesar das críticas constantes, há passagens nas obras produzidas de 1978 até 1980 que indicam que ainda lhe restava admiração pelo socialismo, por Marx e pela esquerda. Além disso, há vários indícios de que Gabeira ainda se reconhecia como membro desta esquerda, apesar de não acreditar mais no caminho revolucionário. Neste período– ao final de seu exílio – ele reconhecia o potencial e a importância da esquerda em um país democrático, o que fica evidente nestes dois trechos, respectivamente, da entrevista ao *Pasquim* em 1978 e de um artigo pensado para ser publicado na revista *Veja*, também em 1978, chamado *Conversação sobre 1968*:

Por que um dos grandes problemas do Brasil moderno será o de identificar quem é realmente democrata. É necessário que fique muito claro que a esquerda no Brasil não está apenas fingindo de democrata, pra ganhar força, para se infiltrar. É necessário que a esquerda seja reconhecida como a única força capaz de garantir um permanente aprofundamento da democracia, atingindo o povão, atingindo dimensões da vida social onde jamais ela entrou. (GABEIRA, 1979, p. 13)

E:

Um exemplo de nossas potencialidades democráticas esta bem claro na visão de política externa da esquerda. Sempre fomos contra o colonialismo e o racismo. Sempre fomos pela luta de libertação dos africanos no momento em que a ditadura namorava o crepuscular fascismo português (...) Nosso compromisso com os irmãos africanos e nossa repulsa ao racismo branco não foi jamais uma decisão da última hora, quando a sorte já estava jogada. (GABEIRA, p.78, 1979).

Ao analisarmos as obras publicadas por ele a partir de 1980, *Diário da Crise* de 1984 e *Nós que amávamos tanto a Revolução*, de 1985, se torna perceptível que o Fernando Gabeira do decorrer desta década ainda era um sujeito que via como essencial a questão da igualdade e justiça social, da luta por melhores condições de vida para os trabalhadores e da luta pelos direitos de grupos desfavorecidos socialmente, como as mulheres, os negros e os homossexuais. Estas temáticas permeavam suas obras e discursos. Em o *Diário da Crise*, de 1984, ele coloca:

O movimento de esquerda, levado à defensiva após os anos 60, voltou-se, parcialmente, para algumas questões que antes subestimara. Surgiu o feminismo, colocando a questão do corpo; surgiu a ecologia, denunciando a destruição de reservas naturais não-renováveis; ampliaram-se as críticas à família burguesa, politizaram-se as relações interpessoais. (GABEIRA, 1984, p.136).

Outra temática recorrente nas obras deste período é a das classes sociais. Este termo aparece várias vezes ao longo da obra de 1984, como podemos perceber nestes dois trechos, o primeiro referente ao carnaval do Rio:

De longe, já se vê a rigidez das diferenças sociais marcando a própria concepção do trabalho: de um lado os blocos cinzentos da arquibancada, de outro os pequenos retângulos iluminados dos camarotes onde se moviam os ricos. Quem chegasse um pouco mais perto, veria ainda uma terceira camada: os que não tinham dinheiro para comprar nenhum tipo de ingresso (...) Essas pessoas estavam para a Passeata do Samba como as cidades satélites estão para Brasília, realidade espreitando o sonho. (GABEIRA, 1984, p.46).

E:

Enquanto na Europa e nos Estados Unidos a produção cultural se fazia acompanhar de uma produção política, mesmo dentro dos limites de uma democracia formal, aqui no Brasil havia um cuidadoso critério de seleção destinado a eliminar tudo que se referisse a conflito de classe e pudesse, indiretamente, estimulá-lo. Documentários, notícias sobre greves, filmes polêmicos, tudo isso não entrava. (GABEIRA, 1984, p.130).

Já nas obras mais atuais, podemos perceber uma enorme diferença de enfoque e na maneira que Gabeira se dirige a esquerda e ao socialismo, como fica claro neste trecho da obra de 2012:

Se a tarefa coletiva do socialismo era a de criar o homem novo, nada mais razoável que tentar essa proeza no plano individual, deixar pelo caminho as hesitações e a mediocridade do pequeno-burguês. No plano coletivo, o preço disso era a repressão e alguns fuzilamentos; no plano individual, bastava matar parte de si mesmo. (GABEIRA, 2013, p.54).

Fernando Gabeira (2012) também afirma que, em suas conversas com o embaixador, durante o sequestro, o diplomata olhava-o como se duvidasse de sua existência – como se ele vivesse em um mundo paralelo. De acordo com Gabeira, o que ele próprio dizia parecia “o texto de um manual” e o embaixador teria ficado “desolado com minha distancia da realidade” (p.64). É interessante notar que isto não é comentado na obra de 1979, na qual ele relata que eles tiveram divergências e o embaixador logo percebeu o desconforto que os envolvidos com o sequestro tinham com a arma, pois eram intelectuais (p.111).

Entretanto, de todas as obras analisadas neste trabalho, a obra de 2017, *Democracia Tropical* é a que contém a crítica mais intensa e ácida à esquerda e ao socialismo como um todo – à prática, à teoria e a seus militantes. Logo na introdução temos um exemplo disto:

Quero dizer: o processo de transição está apenas no começo e promete solavancos e sobressaltos. Graças ao impeachment, os aliados da esquerda, cuja experiência fracassou, tem de tocar o barco na tempestade. Tocar o barco significa também enfrentar os fortes ventos de Curitiba, da Operação Lava Jato. (GABEIRA, 2017, p.15).

Ele vai além, afirmando que o PT tentou implementar suas guerrilhas, esconder seus crimes e combater seus adversários, formando o maior esquema de corrupção da história. (p.18). Em suas palavras:

O projeto do PT e da esquerda bolivariana era reproduzir uma visão do século passado, adapta-la com a etiqueta de socialismo do século XXI, usando o caminho eleitoral e a conquista progressiva das instituições. (GABEIRA, 2017, p.18).

Gabeira se detém a explicar sua relação com o socialismo e a descrever ideia de “paraíso na terra”, que seria um sonho com o absoluto presente em manifestações de juventude, que buscam por perfeição e justiça nas relações humanas. De acordo com ele:

O paraíso é uma das mais poderosas imagens no inconsciente. Na versão religiosa, é um lugar no Céu. Quando Céu e Terra se fundiram, o paraíso se deslocou para a utopia, um

lugar que não existe, a ser construído na Terra. A ideia de uma revolução socialista preenchia um pouco esse desejo de um lugar na Terra onde todos os erros seriam corrigidos, haveria alimento para todos e acabaria a exploração do homem pelo homem. (GABEIRA, 2017, p.20).

E mais além:

Reconhecer as limitações ou sonhar com o absoluto é uma luta que ainda se trava na cabeça de milhares de jovens. As limitações realmente existem e é impossível ignorá-las. Já o ideal perfeito, o paraíso na Terra, tem vantagem de existir apenas na imaginação, livre dos desgastes cotidianos. (GABEIRA, 2017, p.38).

Gabeira (2017) também comenta que ao voltar do Brasil, no final de década de 1970, ele estava sintonizado com as ideias dos partidos verdes europeus e ainda tinha algumas coisas para resolver na cabeça. Porém, afirma ele, já sabia que o caminho era democrático e que a experiência socialista estava encerrada como perspectiva histórica. (p.36). De acordo com ele, ao final dos anos 1990, trabalhando como correspondente da Folha de São Paulo, foi viajar para acompanhar as consequências da queda do muro de Berlim e da desintegração da União Soviética. Ele relata:

A ruína do socialismo era tão ampla que, para quem o adotara, só restavam dois caminhos: deixá-lo para trás, como uma lembrança do século XX, ou renová-lo. Essa encruzilhada levou grande parte da esquerda a apoiar o socialismo do século XXI na Venezuela e outras experiências bolivarianas. (GABEIRA, 2017, p.36).

E mais adiante:

Tive a oportunidade de viver em Berlim depois da queda e lá tornou-se bastante clara a derrota da experiência socialista. As vezes, sinto-me tentado a afirmar que, se o Muro de Berlim tivesse caído nas cabeças tropicais, talvez não viéssemos tropeçando até aqui. A derrota do socialismo não foi reconhecida. Era preciso reiventá-lo: o socialismo do século XXI, que se tornou, em apenas alguns anos, na Venezuela, a ruína do século XXI. (GABEIRA, 2017, p.78).

Ainda sobre o Muro de Berlim ele afirma: “Os estilhaços ficaram engasgados na garganta de uma parte da esquerda latino-americana.” (p.88). Fernando Gabeira dedica um capítulo inteiro - chamado “Chavismo” - para explicar o “socialismo do século XXI” e comentar a trajetória política de Hugo Chávez. Ele argumenta que a experiência da Venezuela passou a ser uma nova esperança para a esquerda, visto que o socialismo do século passado tinha fracassado e Chávez, com seu discurso anti-imperialista, condenando políticas econômicas liberais, iniciaria, de acordo com teóricos que gravitavam em volta dele, o socialismo do século XXI. Para Gabeira o que diferenciava o socialismo do século passado para este último seria a forma de chegar ao poder: agora sem uma revolução violenta e constando com a gradativa dominação das instituições, a

começar pelo congresso e os tribunais de justiça (p. 75-76). Ainda de acordo com ele, o chavismo se apoiava em sindicatos, grupos organizados quase sempre vestidos de vermelho. “Visitei a Venezuela duas vezes no período chavista, uma delas na fronteira. Hoje nem é preciso ir ao país para sentir o fracasso econômico da experiência bolivariana.” (p.76). Para Gabeira, o *impeachment* de Dilma Rousseff indica oficialmente o fim de uma experiência de 13 anos da esquerda no poder. (p. 77). Em suas palavras:

O chamado socialismo do século XXI, que teve suas consequências mais graves na Venezuela, lançou a América do Sul um modelo que não era a marcha pelas instituições, e sim a captura das instituições. Primeiro o executivo, depois o legislativo, o Judiciário e, finalmente, a imprensa. (GABEIRA, 2017, p. 77).

Ele então coloca:

Nesse modelo, a democracia é só uma tática, não o objetivo estratégico. O populismo, no fundo, partilha dessa escolha. A diferença da experiência democrática de agora é a ausência de autocrítica. A narrativa do PT é que ele foi afastado do poder por suas qualidades e pelo bem que fez ao país. (GABEIRA, 2017, p.77).

A respeito do afastamento de Dilma Rousseff ele conta: “Assisti no século passado ao fim do socialismo real. Agora assisto aos últimos suspiros do chamado socialismo do século XXI” (p. 40). De acordo com ele, os populistas levaram o país ao buraco e tentam convencer seus seguidores de que a derrota é fruto da maldade do adversário. Ao longo desta obra, ele aponta várias vezes que o *impeachment* foi o resultado da transparência e da vontade popular. Outra crítica que ele direciona ao PT e a esquerda é a de roubar bandeiras. Para ele:

No século passado, foi possível abrir novos caminhos para uma esquerda limitada pela luta de classes. Ao cooptar as lutas emergentes e colocá-las sob sua asa financeira no Estado, a esquerda conseguiu levar algumas dessas lutas à caricatura. (...) Por mais que fale em democracia, o governo do PT a utilizou para seus próprios fins, esgrimito seu nome sempre que isso era bom para ele. (GABEIRA, 2017, p.40).

Gabeira volta a acusar a esquerda disto mais a frente, como podemos perceber nos dois trechos a seguir:

Dessa forma, eram distorcidas todas as lutas importantes que poderiam conduzir a esquerda a um encontro com o mundo moderno. Os direitos humanos tornaram-se direitos dos que pensam da mesma forma. Foi subtraída do conceito a ideia de universalidade: ou todos são humanos, ou tudo é apenas uma farsa partidária. (GABEIRA, 2017, p.128).

A esquerda, no princípio, sentiu-se desconfortável com o movimento gay. Mais tarde, passou a cooptá-lo e, sem grandes reflexões sobre o tema, assumiu como pauta de governo algumas bandeiras do próprio movimento. (GABEIRA, 2017, p.130).

Completando este raciocínio, ele argumenta que a esquerda produziu cartilhas destinadas a educar as crianças sobre orientações sexuais, mas que errou ao ignorar um grande número de famílias que queriam a exclusividade na educação sexual de seus filhos. Isto teria gerado “críticas pesadas à intervenção do Estado em temas que deveriam passar pelo crivo familiar” (p.130). Para ele, isto resultou na derrocada da própria esquerda e na desconfiança em muitas de suas bandeiras. Ele prossegue:

Uma das vítimas colaterais desse fracasso foi o conceito de direitos humanos, que só tem valor porque é universal. Muitos brasileiros passaram a vê-lo como uma luta exclusiva da esquerda, que por sua vez reduzia a humanidade aos que pensam da mesma forma que ela. (GABEIRA, 2017, p.130).

A análise dos discursos referentes à esquerda e ao socialismo ao longo das obras de Gabeira nos permite perceber uma mudança em sua postura, o que pode ser comprovado, principalmente, por dois fatores: primeiramente, a maneira pungente a que ele se dedica a criticar tudo que se relacione à esquerda, em segundo, a mudança nos tópicos abordados por ele. Enquanto nas obras antigas, apesar da crítica à esquerda tradicional, ele continuava a reforçar a importância da justiça social, aos direitos das populações menos favorecidas e à igualdade, essas temáticas foram praticamente esquecidas nas obras atuais, nas quais ele se dedica a criticar ferrenhamente um partido que, apesar das suas falhas, mudou de fato a situação social do país. Sua crítica não reconhece, inclusive, a necessidade de programas sociais que busquem a igualdade e a melhoria de vida da população. Há um abandono da questão de classe, presente nos discursos passados, e uma fixação exclusiva na questão partidária e conjuntural, o que fica evidente nas suas críticas inconsistentes a Venezuela e aos supostos vínculos do governo brasileiro com esse país; “supostos”, uma vez que os governos brasileiros nunca fizeram alusão à implementação do socialismo do século XX, quando menos à aproximação ideológica com Chavismo. Do ponto de vista econômico, o discurso de Gabeira continua pouco consistente, levando em consideração que a ruína da Venezuela, país que sofre embargo econômico dos Estados Unidos, não se compara a do no Brasil, país de economia diversificada que possui vários parceiros. A crítica à corrupção presente em seus textos é constantemente confundida com uma crítica à esquerda em si, ao socialismo e ao populismo. Devido a isto, Gabeira acaba repetindo um discurso bastante presente no ideário da extrema direita brasileira.

Outra questão a ser tratada é a de que ele claramente não se reconhece mais com a esquerda, colocando-a sempre como um sujeito fora de si, como “o outro”. Ele ainda afirma que “Era preciso superar a ilusão de que fazer política significava rumar para um lugar perfeito e estático.” (GABEIRA, p.36,2017) e condena a utopia jovem de se lutar por um mundo mais justo e igualitário, como podemos perceber nos textos de 2017. Segundo ele, este ponto de vista acabou fazendo com que ele fosse chamado de “amargurado”.

Conforme a obra de Alexandre Blankl Batista, o indivíduo que se reconhece com o ideal socialista toma consciência de si enquanto ser social, capaz de transformar a realidade social e não apenas reproduzi-la. Levando em consideração que a luta por uma sociedade mais justa e a busca do fim da exploração do homem pelo homem configurariam, de acordo com Alexandre, um dos principais pilares do espectro político considerado de esquerda, isto comprovaria que o Gabeira atual se afasta de seu passado e de suas antigas lutas.

Outro sinal interessante desta aparente virada, o que já foi comentado no capítulo anterior – é a categorização da UDN como um partido liberal, visto que em 1979 ele a considera “aristocrática, com pavor da ascensão dos trabalhadores para um nível de vida melhor e de uma cultura mais popular.” (p.29) e enxerga que se reconhecer com o PTB era rejeitar a UDN. Nas obras do início e meio dos anos 80, Gabeira repetidamente se refere aos conservadores e ao conservadorismo – termos que ele não utiliza nas obras de 2012 e 2017 – de forma a indicar que os conservadores são “os outros”, a oposição, como ficar claro no trecho da obra de 1985 *Nós que amávamos tanto a revolução* na qual Gabeira se refere a dificuldade dos conservadores em aceitar que algumas pessoas busquem transformar a realidade (p.89). Algumas outras referências ao conservadorismo como sendo “o outro” estão expressas na obra *Diário da Crise de 1984*:

Os conservadores sabem começar, mas tem pavor do fim: não aceitam sair a tempo, não tem noção do momento exato. (GABEIRA, 1984, p.63).

Nesta obra, também, há várias menções aos “jornais conservadores”:

Os jornais conservadores tem uma resposta na ponta da língua para nossa impaciência com o atraso do Brasil. Afirmam, como o Jornal do Brasil: vocês agitam, agitam e quando a coisa aperta, passam um longo período nas capitais europeias, enquanto o povo fica aqui sofrendo. Para chegar a esta conclusão, é preciso ignorar muita coisa. A

primeira é de que saímos do Brasil expulsos, na maioria dos casos, sem um tostão no bolso, nossos relógios roubados pela polícia, alguns em cadeira de roda, como foi o caso de Vera Sílvia Magalhães. Se voltamos com boa cara não foi absolutamente porque prosperamos, mas sim porque era rejuvenescedor lutar contra a ditadura. A segunda omissão é mais importante. Saímos do Brasil falando em nome de um povo que não nos reconhecia. Hoje, o povo não precisa de ninguém pra falar em seu nome (...) (GABEIRA, 1984, p.63).

A guinada para o conservadorismo presente nos discursos de Fernando Gabeira não aconteceu apenas com ele e com Paulo Francis, mas, como afirma Alexandre Blank Batista, com diversos intelectuais identificados com a esquerda e que depois vieram a radicalizar suas críticas à esquerda e ao socialismo, se posicionando ao centro ou a direita liberal. De acordo com ele, muitos foram os intelectuais que reciclaram seus discursos por uma crítica intensa as esquerdas, sob uma perspectiva mais liberal, conservadora ou social-democrata. Porém, este processo que envolveu a virada ideológica de vários intelectuais pode ter tido causas diversas e, de acordo com Alexandre Batista, estas causas não convergem para uma explicação comum e abrangente. (2015, p.10).

4. Democracia

Desde 1979 Fernando Gabeira já demonstrava que romperia com a ideia de uma revolução socialista e que o caminho correto a se tomar era o da democracia, como podemos perceber nestes trechos de *O Crepúsculo do Macho* e *Diário da Crise*:

Houve um grande debate sobre as eleições de 1974 e fui convidado a participar. Como passava os dias estudando economia, crise e coisas do gênero, fiz uma longa e convincente intervenção sobre o assunto. Convincente pelo menos pra mim. Achava que a crise econômica que se aproximava iria repercutir no bloco dominante, podendo quebrar sua solidariedade interna. Os setores descontentes iam clamar aos céus: democracia, democracia. E no Brasil, nesses momentos, sempre era possível fazer avançar as lutas populares, aproveitando-se, momentaneamente, das divergências. (...) Era preciso aproveitar aquele princípio de crise para manifestar um repúdio ao Governo militar colocando no Parlamento o maior número possível de deputados que fossem pela democracia. (GABEIRA, 1980, p.183-184)

E:

A revolução de Sartre talvez não venha. Se-quer é válido o ritmo de transformação democrática que imaginei para o Brasil. No seu lugar, está uma realidade sem os encantos de nossos esquemas mentais, mas com a grande vantagem de ser real. (GABEIRA, 1984, p.121)

Porém, como anteriormente comentado, esta postura não indicava, ainda, um rompimento com o espectro político da esquerda:

Portanto creio que a ideia de um Brasil democrático é impensável sem a esquerda. Nem os brasileiros aceitariam nem os outros povos a aceitariam. Da mesma forma, a ideia de uma esquerda não democrática é impensável no Brasil. (GABEIRA, 1979, p.79)

Em entrevista dada ao *Pasquim*, em 1978, Gabeira aborda a questão da necessidade de aprofundamento da democracia – vinculada a conquista de direitos da classe operária - e como isso influencia na diminuição do autoritarismo:

Mas nós estamos lutando pela Democracia no Brasil e nessa luta será colocada também a questão penitenciária e da tortura. Me defendo um pouco de pensar que a tortura no Brasil só acaba quando acabar o sistema, pois eu vivo hoje num país onde existe um sistema capitalista mas onde não há tortura. Aqui, a classe operária evoluiu tanto e conseguiu um nível de democracia tão grande que banuiu a tortura dos horizontes das práticas policiais. Sempre que lutamos pelas transformações sociais devemos colocar no horizonte o problema da democratização progressiva do país, e dentro deste processo o fim da tortura em todos os níveis. Um governo ditatorial é incapaz de acabar com a tortura. Só existe uma possibilidade de suprimi-la democraticamente: suprimindo o tipo de governo que temos. (GABEIRA, 1979, p.33)

Os dois trechos seguintes, também tirados da obra de 1979 que contém a *Carta sobre a Anistia*, a entrevista dada ao *Pasquim* em 1978 e um texto escrito por Gabeira intitulado *Conversação sobre 1964*, contém a visão do personagem relativa à importância e ao crescimento da democracia, além de um reconhecimento, por parte dele, da necessidade da democracia para os trabalhadores e por aqueles que lutam por melhorias em suas condições de vida.

Muitas vezes as pessoas não compreendem a importância da democracia porque não precisam tanto dela. Pros trabalhadores, porém, que vão lutar por melhorias salariais, pro cara que precisa lutar pela sobrevivência, o espaço democrático é fundamental. A classe operária precisa de Democracia. Pra poder desenvolver nossa consciência e nosso nível de organização precisamos da Democracia. Não devemos ter ilusões de que vamos transformar profundamente o Brasil sem mudar as estruturas sociais mas devemos colocar como uma das esperanças da nossa geração essa luta permanente para que a Democracia se aprofunde progressivamente. Quando digo aprofundar é o sentido de todo mundo. É democracia no interior das cadeias. É Democracia pros velhos, que hoje no Brasil são tratados como bichos, não tem garantia, não tem onde se encostar. É Democracia pras mulheres (...) A gente não pode pensar em Democracia como exercício de 100 deputados com uma bela retórica e um excelente pagamento num belíssimo Parlamento construído por excelente arquiteto. (GABEIRA, 1979, p.35)

E mais adiante:

O Brasil já não é mais o Brasil daquele período. Hoje o movimento democrático amadureceu muito, é uma realidade brasileira. O movimento estudantil, o movimento contra o custo de vida, o movimento das donas de casa em São Paulo, o movimento da Igreja, sente-se que existe um movimento democrático em curso em todos os aspectos do país. Isso mostra a gente que valeu a pena ter sobrevivido. (GABEIRA, 1979, p.61)

A obra *O Diário da Crise*, de 1984 tem como enfoque comentar e sugerir soluções para os problemas da sociedade brasileira de transição à democracia e tratar das Diretas Já! Podemos perceber a importância que Gabeira dá ao momento histórico e à luta pela democracia e liberdade, mas ele ressalta:

A democracia esta no ar. No meio de toda essa gente engravatada, humildes funcionários representam para mim a referencia básica. O que será deles agora em diante? Até que ponto o Brasil moderno compreenderá os limites de uma liberdade política sem justiça social? (GABEIRA, 1984, p. 82)

Posteriormente, ele reafirma esta preocupação:

Mesmo sem esse vínculo, os vários setores em luta vão compreender claramente que suas reivindicações dependem da conjuntura política, que a instalação de um governo central democrático é um dos pressupostos para colocar mais amplamente a questão da justiça social no Brasil. (GABEIRA, 1984, p. 121)

Ele afirma, também, que a ditadura ficará no passado, mas que não há garantias de que o Brasil esteja realmente nascendo outra vez:

Não há duvida de que a campanha pelas diretas vencerá. Mas não há nenhuma garantia de que o Brasil esteja realmente nascendo de novo, nenhuma garantia de que, após as diretas, o mesmo bloco de mediocridade não continue a pesar em nosso cotidiano. O outro é tratar com democracia os grupos que lutam por melhores condições de vida. Num país sufocado por 20 anos de arrogância e militarismo, o tratamento democrático é mais do que essencial. Mas em breve, a ditadura será apenas uma lembrança e não a única referencia comparativa. Todo mundo continuara valorizando a democracia, mas vai reclamar também um pouco da eficácia. (GABEIRA, 1984, p. 86)

Na obra de 2017, ao longo do segundo capítulo - intitulado “Democracia” – Gabeira comenta que suas duas filhas sempre viveram neste regime, mas que nem sempre foi assim. Ele conta que ele sempre valorizou a democracia, mas que no século passado ele acreditava que ela era frágil e incapaz de responder aos anseios da época. Ele relata que o governo que foi derrubado em 1964 era um governo de esquerda e populista – curiosamente, ele vem a criticar ferrenhamente o populismo nesta obra, afirmando que ainda não conseguimos combatê-lo – e que quando veio a cair demonstrou o quão frágil era a democracia (p. 20) Em suas palavras:

Um pouco mais tarde, a partir dos autores clássicos da esquerda, iria vê-la apenas como uma espécie de ditadura da burguesia, que seria ultrapassada pela ditadura do proletariado. Minha visão descrevia um caminho estreito onde era possível escolher apenas entre duas ditaduras. Uma delas, gloriosa: a ditadura do proletariado, singular visão do paraíso. (GABEIRA, 2017, p.20).

Mais adiante nesta obra ele comenta que seus últimos anos de exílio foram de céleres mudanças, visto que um dos pilares do seu edifício pessoal caiu – o da revolução socialista – por que não cairia também o da luta de classes como motor da história? Ele afirma que na visão revolucionária havia uma contradição básica entre burguesia e proletariado e que este conflito apenas terminaria com o fim de um dos polos. Ele completa afirmando que:

Afastar-se das duas ditaduras que o século nos apresentava, da direita e da esquerda, significou pra mim, finalmente, a posição correta, abriu-me os olhos para inúmeros outros fenômenos que a estreiteza política camuflava. Um deles, a destruição progressiva do planeta, a necessidade de deter ou, pelo menos, retardar esse processo. (GABEIRA, 2017, p.33).

E logo em seguida:

De todos os princípios que tentei preservar do desastre do século passado, ao lado da preocupação com o meio ambiente, os direitos humanos, a redução da desigualdade social, um dele é básico: a democracia como objetivo. Por mais que fale em democracia, o governo PT a utilizou para seus próprios fins, esgrinou seu nome sempre que isso era bom pra ele. (GABEIRA, 2017, p.40).

Assim como nas obras mais antigas, a temática da democracia permanece relevante nos textos mais atuais de Gabeira, porém, é importante ressaltar que antes, a democracia estava sempre vinculada à justiça social, causa dos trabalhadores, lutas das “minorias” e igualdade. Estavam tão entrelaçadas que ele chega a afirmar que o Brasil precisava entender os limites de uma democracia sem justiça social. Apesar deste último trecho da obra de 2017 afirmar que ele carregou a causa da luta por igualdade, não se encontra menção a isso no restante da obra, que é praticamente destinada a criticar o PT e defender que a experiência da esquerda no Brasil falhou, mas sem colocar sugestões de outras formas de se buscar justiça social, ou mesmo da importância da luta por igualdade e melhorias nas condições de vida. Isto contrasta muito com a ideia de democracia e esquerda apresentada por ele em 1979: “Portanto creio que a ideia de um Brasil democrático é impensável sem a esquerda. Nem os brasileiros aceitariam nem os outros povos a aceitariam. Da mesma forma, a ideia de uma esquerda não democrática é impensável no Brasil” (GABEIRA, p.79, 1979).

Capítulo 3

Na primeira parte deste capítulo me deterei a examinar a postura de Fernando Gabeira perante determinados marcos políticos que presenciou e participou desde 1979. Selecionei três momentos paradigmáticos dessa trajetória, quais sejam, a luta pela anistia, a campanha pelas Diretas Já e a campanha pelo *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. As fontes utilizadas para tratar desses três momentos da história brasileira e a postura de Gabeira são: trechos referentes à luta pela anistia – presentes na obra de 1979 *Carta sobre a Anistia*, Entrevista do *Pasquim* e *Conversação sobre 1968*, à campanha pelas Diretas Já! – do livro *Diário da Crise* de 1985 – e à campanha a favor do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff – encontrados no livro *Democracia Tropical* de 2017.

Ao longo da segunda parte deste último capítulo me dedicarei a analisar os discursos e relatos referentes ao passado de Gabeira na militância e na luta armada na década no final da década de 1960 e início da de 1970. Com isto, pretendo tentar compreender a maneira que o personagem se relaciona com este passado político ao longo do tempo. Por último, pretendo investigar o que ele supõe ter aprendido com este passado, além da questão do acerto de contas.

1. Anistia, Diretas Já e *Impeachment* de Dilma Rousseff.

Anistia

No texto *Carta sobre a Anistia*, Gabeira (1979) disserta a respeito da experiência adquirida com a luta pela anistia, da qual ele participou quando ainda vivia no exterior, durante o exílio. o princípio da década de 1970 houve uma grande campanha de denúncia contra os métodos repressivos do Governo brasileiro, sendo que o auge dessas denúncias teriam sido as sessões do tribunal Bertrand Russel realizados na Itália e na Bélgica. Porém, faltaria, neste momento da luta contra a ditadura, uma palavra que sintetizasse todas as aspirações, pois ali, na primavera de 1974, a perspectiva se limitava a denunciar a tortura, a repressão econômica e os índices de acidente de trabalho, nas

palavras Gabeira: “enfim a apresentação do quadro geral de uma ditadura militar de direita.” (p.10). O que faltava, segundo ele, era um palavra que funcionasse como centro tático, para onde iriam convergir os pedidos e o apoio internacional (p.10). Portanto, a anistia teria significado:

Não conheço em todo o período de militância na denuncia da ditadura brasileira no Exterior nenhuma palavra de ordem que tenha nos unido tanto quanto a anistia. De repente, e pela primeira vez, sentávamos todos juntos: democratas liberais, cristãos, pessoas com tendências socialistas e mesmo comunistas (...) Nós achamos muito mais do que uma palavra de ordem. Achávamos um modo de convivência, de ação comum, enfim a maturidade política que em certos momentos faltou na nossa história, com aquelas discussões intermináveis e incompreensíveis que acabam espantando todo mundo. (GABEIRA, 1979, p.11.).

Para Gabeira (1979), a anistia configurava uma frente ampla de luta contra a ditadura, que separara pais e filhos, mães de pais, amigo de amigo e irmão de irmão. O próprio reencontro seria, na visão dele, uma forma de luta contra a ditadura (p.11). Ele também critica a atitude do regime militar brasileiro de agir como se o passaporte fosse propriedade do governo e afirmava que a ditadura evitava a política aberta por que seu espaço de ação desprezava as eleições e contava com uma imprensa censurada. A extrema direita não fazia política aberta porque sempre contara com a ditadura (p.11).

O que parece escandaloso mesmo para um político conservador europeu não o é necessariamente para um grupo que não precisava de voto e impunha à imprensa sua própria versão dos fatos. (GABEIRA, 1979, p.17).

E mais adiante:

A anistia, portanto, não é apenas um reencontro de pessoas. É também uma luta onde trabalhadores, estudantes e intelectuais, profissionais liberais, bancários, comerciários, todos os que se movem hoje no Brasil, vão se encontrar para trocar suas ideias, para juntar forças. A anistia é união. Unir os brasileiros já é um passo na luta contra a ditadura que desde 64 não busca outra coisa a não ser a nossa separação, seja pela morte, seja pela cadeia, seja pelo exílio ou mesmo pela desconfiança, o medo e a delação. (GABEIRA, 1979, p.19).

O Fernando Gabeira do final dos anos 1970, nos últimos anos de seu exílio, se mostra fortemente inclinado à defesa das liberdades políticas e individuais, além de convocar a esquerda à união contra a ditadura. Neste momento, o personagem vincula o movimento social pela anistia à luta contra o regime militar, ao qual infere várias acusações e críticas. Podemos perceber um Gabeira bastante crítico e combativo e a análise destes trechos e dos textos e discursos produzidos por ele antes do retorno ao Brasil – *Carta sobre a Anistia, Conversação sobre 1968 e a Entrevista do Pasquim* –

nos sugerem um sujeito bastante vinculado a esquerda, condenando o autoritarismo e defendendo a justiça social.

Diretas já

Já inserido no cenário político brasileiro – em meados dos anos 80 – Fernando Gabeira se envolveu com a campanha pelas Diretas Já!⁵³. Para ele (1984), as “Diretas” foram um movimento feito com base em muito entusiasmo e amor à vida, “uma sequência de demonstrações aonde levam nossas crianças, falamos mal do governo e cantamos a esperança do dia de amanhã.” (p.72). Ele afirmava que o Movimento pelas “Diretas” continha aspectos da não-violência da proposta de Gandhi (p.72) e refletiam a vontade do povo de escolher seu presidente. Representavam, segundo Gabeira, “o grande fio de esperança com que se pode tecer o futuro próximo do Brasil.” (p.60). Para ele, nenhum outro movimento no Brasil havia conquistado uma maioria tão esmagadora como as “Diretas”. (p.57) Os comícios de um milhão teriam representado um recorde ocidental e representavam um investimento humano tão grande quanto o pacifismo europeu ou o final de uma guerra. (p.85). Já no âmbito mais pessoal, ele explica o que o momento histórico significou em sua trajetória:

Tive a oportunidade de assistir à ascensão do governo militar, correndo dos tiros na Cinelândia. Rolei barranco vinte anos, minha vida adulta desenrolou-se contra um pano de fundo verde-oliva e, agora, estarei de novo nas ruas, no meio do povo, sem as fantasias de salvador do mundo que um dia me embriagaram, querendo apenas segurar a alça de caixão a que tenho direito, sem nenhum ressentimento, em paz. (GABEIRA, 1984, p.62).

Para acompanhar a votação pelas “Diretas”, Gabeira foi a Brasília. Ele comenta que os deputados do governo olhavam espantados a manifestação, como se duvidassem que aquelas pessoas estivessem ali (p.75). Era necessário tranquilidade, segundo ele, pois o adversário estava acuado:

Um país novo está nascendo como uma criança sai da barriga da mãe e eles estão escondidos atrás dos tanques, com medo das bandeiras vermelhas, das bandeiras

⁵³ O movimento pelas Diretas Já! se desenrolou ao longo de 1983 e 1984 e envolveu vários setores da sociedade, partidos políticos, intelectuais e artistas e levou a uma série de comícios. A Proposta de Emenda Constitucional nº 5, ou Emenda Constitucional Dante de Oliveira foi proposta em 1983 e sugeria que o presidente e o vice-presidente da República fossem eleitos entre os brasileiros maiores de trinta e cinco anos e no exercício dos direitos políticos, por sufrágio universal e voto direto e secreto em eleição que deveria ocorrer no dia 15 de novembro do ano que anteceder ao término do mandato presidencial. Algumas desta informações disponíveis em: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/diretas-ja>. Acesso em: 30 out. 2018.

amarelas, das mulheres coloridas que invadem a esplanada. Por isso é preciso muita tranquilidade. Estamos diante de um adversário acuado, com medo e perdendo o contato com o real. A alegria e a força que sinto em todos nós não morrerá com nenhum desfecho parlamentar. A grande novidade é que o país inteiro tomou consciência da necessidade de dirigir o próprio destino e a grande cartada dessa transição nós jogamos e jogaremos nas ruas. Ai se decidirá nosso destino. (GABEIRA, 1984, p.75).

Gabeira (1984) ressalta que mesmo que as “Diretas” fossem aprovadas na votação do Congresso e a ditadura acabasse, era importante tratar com democracia os grupos que lutavam por melhores condições de vida, pois o risco de o país cair na mediocridade novamente após ter sido sufocado pela arrogância e autoritarismo durante tanto tempo ainda existia. (p. 86). Ele argumenta também que era essencial estar atento e se adequar às transformações que o país estava passando:

Quem vai para Brasília, nessas condições, sabe que a vitória das eleições diretas vai abrir um processo de reflexão muito mais complicado do que se podia pensar há 15 anos, ao querer resolver os problemas do Brasil com algumas ideias na cabeça e uma metralhadora na mão. Talvez haja no Congresso alguns cassetetes e bombas de gás lacrimogêneo nos impondo lágrimas. Serão apenas lágrimas de saudade. O Brasil mudou e estamos no limiar de uma nova era. Se não conseguirmos decifrar o enigma dessas transformações, seremos condenados a viver como num poema de Fernando Pessoa, sobrevivendo a nós mesmos, como um fósforo frio. (GABEIRA, 1984, p.67).

A derrota da emenda Dante de Oliveira⁵⁴ pelo governo ditatorial no dia 25 de abril de 1984, teria o mesmo significado para o Brasil, segundo ele, que a “Guerra das Malvinas”⁵⁵ teve para a Argentina: uma espécie de psicodrama nacional que revelou a verdadeira face da ditadura. (p.93):

Eles querem as diretas em 88; nós queremos agora (...) O coração do Brasil não está aqui, embora todos estejamos atentos ao que se passa no plenário. O coração do Brasil está nas ruas, nas fábricas, nos escritórios e escolas. Foi preciso compreender isto sob o intenso calor da votação para sentir-se inteiro depois desses dias em Brasília (...) Quanta força havia nas vozes dos que votaram sim. Quanta esperança no plenário aqui na porta do Congresso onde os estudantes me olham do lado de fora escrever essas linhas. O Brasil demonstrou nas ruas que não quer mais a ditadura militar. O Governo nos coloca diante de uma prova. Demonstramos que queríamos eleições diretas na maior paz. Temos de acordar hoje, apesar do Congresso, com um sorriso nos lábios e mesma frase na boca: diretas já. Não foi hoje. Termos a força de verdade, somos a maioria do país. Hoje não passa de um dia perdido no tempo. Nunca tivemos tanto orgulho de ser brasileiro como nessa semana de abril. (GABEIRA, 1980, p.83).

Outro aspecto abordado é a postura da mídia, que em geral se posicionou a favor da negociação. De acordo com Gabeira, “é hora de negociar” se tornou a ordem do dia

⁵⁴ Precisando de dois terços dos votos favoráveis e apesar do apoio popular e das lutas pelas eleições diretas, a Emenda Constitucional foi derrotada na Câmara dos Deputados e a eleição para a presidência continuou sendo indireta. Porém, a oposição rachou a base governista no Congresso Nacional, o que ocasionou a escolha de Tancredo Neves para o cargo.

⁵⁵ Colonizadas pelos britânicos em 1822, as Ilhas Malvinas ficam a 464 km da costa Argentina. Em 1982 o governo militar argentino alegou que as Malvinas deveriam fazer parte do seu território e invadiu as ilhas. A Argentina perdeu o conflito, o que levou a população argentina a sentir desgosto em relação ao regime que estava no governo.

dos jornais que ele chamava de conservadores. Estes jornais teriam se colocado da seguinte forma: quem não negociar está mantendo o “status quo”. Ele questionava: negociar o que? Para a surpresa da oposição, alguns deputados passaram a admitir isso e se dispôs a negociar. Políticos, banqueiros e alguns participantes do movimento, como Leonel Brizola, caíram na tentação de apresentar uma solução mediadora, que seria eleições em 1986, já que o governo propunha realizar as eleições em 1988 e a população queria neste mesmo ano de 1984. (p.102). Ele argumenta:

De um ponto de vista aritmético, a proposta pode ser correta, daí não se tornou escandaloso o fato de ser apresentada por banqueiros. Do ponto de vista político é um tremendo engano, porque considera equivalentes duas forças heterogêneas; 95% do povo brasileiro de uma lado e de outro lado a minoria encastelada no poder. (GABEIRA, 1984, p.102).

Vinte anos de ditadura, porém, teriam bastado para se aprender a mecânica da proposta do governo. Para ele, um governo autoritário tende a confrontar seu adversário oferecendo duas formas de ceder, uma mais dolorosa que a outra: o mal e o mal menor. (p.112). Ele questionava se era válido, por exemplo, a alternativa entre negociação e ser governado, no próximo ano, pela extrema-direita e aproveita para lançar uma crítica ao costume do Brasil de ter um acordo por cima:

Com vinte anos de ditadura, o processo de dilaceramento subjetivo foi tão intenso que os próprios políticos da oposição não percebem que um dos grandes atrasos nacionais é esse permanente desejo de um acordo por cima. (GABEIRA, 1984, p.112).

Ele coloca que a palavra negociação está, às vezes, disfarçada de outra palavra: consenso. Mas como seria possível discutir consenso levando em consideração que as forças em jogo são tão disparatadas? (p.102).

Como é possível, para efeito do consenso, reduzir a voz da maioria da população à vontade de alguns políticos conservadores como Tancredo Neves, que jamais acreditou na luta pelas diretas já e só se meteu nela para não ser atropelado pela história? (GABEIRA, 1984, p.102).

Gabeira aponta, em 1984, que a chave para superação da crise política do momento seria o desenvolvimento do movimento popular até o ponto de mostrar às forças armadas que não havia forma de governar o país sem consulta popular.

Se todos os partidos da oposição canalizassem suas energias para desenvolver o movimento popular, creio que em breve ele poderá passar à ofensiva. Os índios, se compreendo bem seu pensamento político, parecem ter percebido isso ao arrancar uma vitória na Funai. É hora de achar o caminho de transformar em realidade o que se decidiu na praça. (GABEIRA, 1984, p.113).

Sobre este momento da vida política do país ele coloca:

O país mudou e felizmente os conservadores ainda estão aí com a gente. Um pouco assustados com a multidão, de guarda-chuva, cheios de temores e cuidados, chamando o Dr. Tancredo, mas estão aí. Como se diz em Minas: entre os mortos e feridos escaparam todos. O problema agora é acostumarem com o povo na rua. (GABEIRA, p.98, 1984).

No livro de 2017, ele também aborda as “Diretas”, comentando que os militares não queriam as “Diretas” por terem medo do povo não saber escolher seu governante. De acordo com ele, os militares achavam que os eleitores seriam facilmente enganados e manipulados por demagogos e que seria necessário afastar subversivos e corruptos, começando uma nova cultura política no país. Seria necessário um processo de reeducação para tornar possível a via eleitoral novamente (p.41). Mais adiante ele comenta sobre o movimento com certa nostalgia, como podemos perceber neste trecho:

Chega a ser nostálgico aquele momento, como se fosse um retrato de família pouco antes de se fragmentar, cada um tomando seu rumo, tornando-se estranho para o outro. Havia, no entanto, um vínculo mais importante que seria rompido pelo curso da história. Líderes políticos, artistas, entidades de classe e a sociedade, juntos, tentavam construir um sistema de representação. Era uma tarefa nacional conduzida ombro no ombro. A sociedade ainda não tinha razões para se desencantar. Pelo contrário, os políticos eram vistos com simpatia, alguns já idosos como Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Leonel Brizola. (GABEIRA, 2017, p.49).

O Gabeira de 1984, já inserido no contexto social brasileiro e em plena campanha pelas “Diretas Já!”, ainda constantemente defende a justiça social e condena a ditadura, afirmando que os conservadores não gostavam da ideia de mobilização popular e criticando o costume brasileiro de aplicar um “acordo por cima”. Este Gabeira defende fortemente a democracia e condena mais intensamente a luta armada que o Gabeira de 1978, mas mantém várias características de seu discurso anterior. A crítica aos conservadores é algo constante, como podemos perceber no caso do julgamento que ele faz a participação de Tancredo Neves. É interessante atentarmos para o fato de que no relato de 1984, Gabeira critica Tancredo Neves, acusando que ele, além de conservador, jamais acreditou nas diretas e se meteu na campanha apenas pra não ser atropelado pela história. Por outro lado, em 2017, ele comenta que os políticos eram vistos com muita simpatia e dá o exemplo de Ulysses Guimarães, Tancredo Neves e Leonel Brizola. Ou seja, quando ele olha para o movimento pelas “Diretas” com os olhos de hoje, não a crítica em relação a presença de políticos conservadores ao longo do processo.

Impeachment de Dilma Rousseff

É curioso analisarmos a postura de Fernando Gabeira (2017) perante o movimento - que ele clama ter sido popular – responsável por derrubar a presidente eleita Dilma Rousseff. No livro *Democracia Tropical*, ele aborda o *impeachment* de 2016, afirmando que este não foi o primeiro *impeachment* o qual presenciou e que, se ele fosse catapultado para sessão da Câmara de Deputados sem saber o que estava acontecendo, ele provavelmente acreditaria que aquela era uma vitória dos “velhos adversários” – levando em consideração a enxurrada de votos a favor da família -. Porém, para ele, o *Impeachment* teria sido uma conquista da sociedade brasileira em conjunto com algumas instituições, além de resultado da transparência (p.34).

De acordo com ele, o afastamento da presidente foi resultado do movimento de milhões de pessoas indignadas com a corrupção e castigadas pela crise econômica. O esforço social foi o que levou a este resultado (p.28). Gabeira comenta que a transição política para 2018 vai ser complicada e que nenhuma força política sabe se chegará lá, pois a vigilância social torna o jogo mais complicado (p.28). Nesta obra ele afirma, também, que para alguns, ele é velho e amargurado, ao que ele responde desta maneira:

Para alguns deles, sou velho e amargurado. Minhas ideias são medidas pelos anos, e não pela sua consistência. Bobagem. Quando todas as cartas estiverem na mesa, será mais fácil mostrar como se enganam os que veem em 2016 uma repetição de 1964. Talvez pressintam isso, mas são prisioneiros da tese de que Dilma sofreu um golpe, e não um *impeachment*. O próprio Lula parece não compreender a diferença entre um golpe militar e um *impeachment* (...). (GABEIRA, 2017, p.40).

Para ele, os “generais”⁵⁶ da esquerda teriam levado suas tropas para um combate perdido, se refugiando na tese do golpe para mascarar as graves acusações das quais estavam sendo indiciados (p.34). Ele aproveita para criticar a postura de Dilma Rousseff de chamar o *impeachment* de golpe para a mídia estrangeira, chamando-a de insensata: “Minha senhora, no seu país não há Constituição? Quem dá a palavra final quando ela não esta sendo cumprida?” (p.34). Gabeira afirma que Dilma foi cassada por crime de responsabilidade fiscal, por financiar um rombo de milhões para criar ilusão de prosperidade e vencer as eleições. Se olharmos para o futuro, diz ele, pela ótica da transparência, a derrota vai ser difícil de explicar para as milhares de pessoas que

⁵⁶ Ele usa mais de uma vez esta expressão ao longo da obra.

acreditaram que havia um golpe em curso: elas vão perceber que foram usadas como álibi por seus líderes e está tática do PT serve para deixar ainda mais arrasado o espectro da esquerda no Brasil (p.35). E admite estar entristecido com o “espetáculo”, mas que a Lava-Jato se encarregará de não dar sossego aos petistas. Em suas palavras:

De uma certa maneira, os discursos contra o PT foram um bálsamo para o partido. Olhem quem está nos derrubando. Mas todos sabemos que não foram derrubados pela Câmara, e sim pela sociedade. Nas ruas, era o discurso do Brasil moderno, contra a corrupção, pela transparência, por serviços públicos decentes, a rejeição do populismo bolivariano. Nas ruas, havia famílias sonhando com um projeto de Brasil mais amplo; na Câmara, os deputados reduziram os destinos do país às próprias famílias. Isso marca uma distancia, mas no essencial cumpriu-se o desejo da maioria. (GABEIRA, 2017, p.35).

Também podemos perceber que ele se refere a Temer com certa credibilidade, independentemente de o atual presidente estar envolvido em casos de corrupção. A crítica a ele não se compara a feita ao Partido dos Trabalhadores e apesar de Gabeira comentar a respeito da importância de se monitorar ações do novo presidente, ele afirma que Temer parece ter formado uma equipe com visão clara de que é preciso reconquistar a credibilidade das pessoas. Gabeira também não parece ver problema no fato de Temer trazer de volta uma velha guarda de políticos para o governo, “desde que eles tenham sensibilidade” (p.48). De acordo com ele, Temer terá que navegar num mundo político desgastado, que dependeu da sociedade para chegar ao *impeachment* (p.48):

Quando Dilma entrou, na esteira de suas mentiras lembrei que não teria lua-de-mel. Vinha de uma vitória eleitoral. Temer, por tudo de errado que Dilma fez, talvez ganhe um curto período. (GABEIRA, 2017, p.48).

Os relatos feitos por Gabeira a respeito da luta pela anistia e pelas Diretas Já! nos mostram um sujeito preocupado com a democracia e com amplos setores da sociedade, ao se referir aos que integravam essas lutas, mencionou os trabalhadores, os estudantes, as mulheres e até mesmo os indígenas. Por outro lado, o Gabeira de 2017, ao mencionar o *impeachment*, argumenta que este foi um desejo da maioria, da sociedade como um todo, mesmo que só represente o desejo de uma parcela da população – a maior parte do movimento foi de classe média. Podemos notar que o conceito de movimento popular, de vontade das ruas modificou-se: enquanto nos anos 1980 ele percebia como movimento popular um movimento que englobava diferentes grupos sociais – ou seja, um grupo bastante heterogêneo - em 2017, ele usa o termo “vontade do povo” para se referir a uma manifestação que foi principalmente de classe média e

classe média alta: as manifestações *pró-impeachment*. De acordo com o artigo de Gustavo Casasanta Firmino *Classes Médias e Manifestações pró-impeachment na cidade de São Paulo*⁵⁷ a análise do perfil dos dois principais movimentos que organizaram os atos, o *Vem Pra Rua* e o *Movimento Brasil Livre* e do público que compareceu as manifestações – convocado por estes dois movimentos – torna possível afirmar que este foi um movimento principalmente da classe média, em especial alta, nos quais prevalecia a ideologia do tipo meritocrática e havia um intenso ódio ao PT (2016, p.209-210).

Por fim, é possível afirmar que o Gabeira de 1978 e 1984 apresentem semelhanças em seus discursos. Entretanto, enquanto o de 1978, que lutava pela Anistia, se mostra como um sujeito claramente vinculado à esquerda – levando em consideração seu tom bastante combativo – o de 1984 apresenta certa amenização em seu discurso⁵⁸, o que poderia talvez coloca-lo mais no espectro da centro-esquerda. Por outro lado, o Gabeira que vivenciou o *impeachment* de Dilma Rousseff se apresenta como alguém que se posiciona fortemente contra a esquerda brasileira, acusando-a de inúmeros erros, mas sem sugerir outras vias possíveis dentro da perspectiva de esquerda, vinculando a crítica a ex-presidente e ao PT a uma crítica a esquerda em geral. Este posicionamento talvez possa ser identificado mais com a centro-direita.

2.1 A luta armada e a militância

Na obra *o que é isso, companheiro?*, Fernando Gabeira (1979) relata a sua entrada para a Dissidência Comunista da Guanabara e como, a partir desta organização, acabou na luta armada. Mesmo com o decreto do AI-5, com o fechamento do quadro político e a prisão de grande parte da liderança estudantil – como resultado de Ibiúna –

⁵⁷

Disponível

em:

<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/viewFile/30466/19614>. Acesso em: 01 nov. 2018.

⁵⁸ O que pode ser percebido na questão de não haver uma grande problematização sobre os significados de democracia e também na diminuição, ao longo das obras deste período, das críticas ao sistema capitalista.

Gabeira comenta que as coisas não pareciam impossíveis, pelo contrário, começavam a estourar as primeiras ações armadas (p.80). Segundo Gabeira, toda a vez que liam notícias a respeito destas ações, o grupo se entreolhava significativamente, pois conferiam a elas muito mais valor que o movimento de massas.

O sonho de muitos de nós era passar logo para um grupo armado. Em nossa mitologia particular, conferíamos aos que faziam esse trabalho todas as qualidades do mundo. Sair do movimento de massas para um grupo armado era como sair da província para a metrópole, ascender de um time da terceira divisão para o campeonato nacional. (...) A condenação dos homens, a justiça militar, isso não é nada. Pior é a memória de quem lembra. (GABEIRA, 1979, p.80).

Ele relata também que a Dissidência Comunista da Guanabara adotou o nome de outra organização - também saída do PC - e que fora desmantelada no Paraná: Movimento Revolucionário 8 de Outubro. O MR-8 original havia se proposto a organizar a guerrilha rural e com o seu fim seu nome foi reincorporado.

O MR-8 praticamente acabara, não porque a política fosse realmente eficaz, mas sim por que ruiu ao peso dos seus próprios erros. De agora em diante nos chamaríamos MR-8, MR-8 éramos nós. Nada acabava. Íamos encarnando tudo e, nesse processo, negando a decadência que nos destruíamos gradualmente. A UNE éramos nós - os que ficamos de fora na queda de Ibiúna. (...) O PC nos chamava - quando estavam de bom humor- de patriotas equivocados. Chamávamos o MR-8 de heróis equivocados e íamos tocando o barco... O Globo nos chamava de minoria extremada, mas na cabeça da minoria extremada ainda ia tudo bem: 69 seguia seu curso, a guerrilha rural ainda não havia começado. (GABEIRA, 1979, p.89).

A partir deste momento, segundo ele, teria iniciado o treinamento militar, que acontecia nos finais de semana em uma praia deserta (1979, p.80). Em setembro de 1969, o MR-8 realizou o sequestro do embaixador americano, que deu início a uma série de outros sequestros no país. Após o sequestro, o MR-8 se tornou alvo, o que resultou na prisão e morte de alguns dos envolvidos. Em seguida, para muitos de seus membros, como Fernando Gabeira, Daniel Aarão Reis, Vera Sílvia Magalhães, Cid Benjamin e Franklin Martins o caminho a se seguir foi o do exílio.

Na obra publicada em 1979 *Carta sobre a Anistia*, a entrevista do *Pasquim* e *Conversação sobre 1968*, todos textos escritos ainda no exílio, Gabeira deixa claro que não há mais espaço para ações armadas no Brasil naquele momento e realiza uma autocrítica em relação a suas antigas posturas:

A humanidade não caminhou da forma que eu esperava com meus sonhos violentos e o quadro que ela apresenta hoje é distinto das minhas expectativas. Há um abismo entre o que a nossa geração de 68 esperou e o que a realidade é de fato. “O que que deu no mundo?” Houve um avanço - houve - mas não no sentido e na profundidade que a gente esperava. (GABEIRA, 1979, p.61).

Quando questionado pelo repórter - na entrevista ao *Pasquim* - se ele ainda pensava da mesma forma que em 1969, quando justificou o sequestro do embaixador americano Charles Elbrick afirmando que estava “liberando o país”, Gabeira responde que é importante inserir uma autocrítica a respeito do que foi feito:

(...) Essa mulher que os viu de metralhadora e foi embora dizendo: “até um dia”, simboliza muito o povo brasileiro, que não nos detestou. Pelo contrário, acompanhou o que a gente fez, mas não se meteu. Estávamos liberando pessoas que, na maioria, nem sabiam que estavam sendo liberadas e que em grande parte não achavam que era esse o caminho da liberação. Não nos hostilizaram mas também não se comprometeram. (GABEIRA, 1979 ,p.56).

Porém, fica bastante claro que, neste momento, Gabeira não condenava completamente a luta armada que aconteceu no Brasil. Ele argumentava que a luta que houve no Brasil não poderia ser comparada à luta feita por organizações como as Brigadas Vermelhas⁵⁹. Ao ser questionado a respeito desta organização ele responde:

(...) E imediatamente senti um arrepio de não nos sentirmos identificados com esse tipo de ação por estar compreendida num outro contexto. Esses grupos nasceram e se criaram num contexto de democracia mas nós somos uma geração de políticos surgidos no contexto de uma ditadura militar sem ter tido a oportunidade de lutar política aberta. Muitos saíram direto das escolas pra guerrilha urbana. O que se vê hoje na Itália, Alemanha e o Japão é um pouco distinto da situação que houve no Brasil. (GABEIRA, 1979, p.32).

Gabeira defende, também, que no Brasil, durante a ditadura militar, ninguém soube ao certo que caminho trilhar e que o fato da luta armada não ter sido o caminho correto não significa a absolvição de outras posições que também estavam equivocadas (1979, p.56).

No Brasil a gente foi Tateando. A crítica verdadeira veio de baixo, do próprio movimento. Agora é que se está encontrando novos caminhos, ninguém naquele período achou o caminho certo, o que significava então pelo menos não deixar que a guerrilha se reduzisse a um vazio político. A guerrilha polarizou o que havia de mais combativo, de mais disponível, na nossa geração. Cometemos erros políticos muito sérios que são evidentes mas nossos erros não absolvem outras posições. O importante é que todas as posições comecem a ouvir mais o povo brasileiro pra saber o que eles pensam e o que querem. (GABEIRA, 1979, p.56).

No trecho citado acima podemos perceber certo orgulho em relação ao movimento de resistência que se deu ao longo da década de 1960, o que volta a aparecer no final da obra:

⁵⁹ Organização que teve origem no movimento estudantil no final da década de 1960 na Itália, que se identificava com o marxismo-leninismo e maoísmo e pregava a via revolucionária – em contraste ao PC italiano.

O movimento estudantil, o movimento contra o custo de vida, o movimento das donas de casa em São Paulo, o movimento da Igreja, sente-se que existe um movimento democrático em curso em todos os aspectos do país. Isso mostra à gente que valeu a pena ter sobrevivido. Muitos morreram no caminho, muitos foram torturados, mas valeu a pena. O Brasil, em muitos aspectos, está resistindo à ditadura. (...) ver os líderes brasileiros, condenados pela ditadura ao ostracismo e à morte no exílio, voltarem e serem importantes para o país. Valeu a pena ter sobrevivido pra ver o Brasil aos poucos se livrando da ditadura. (GABEIRA, 1979, p.61).

Entretanto, em *O Crepúsculo do Macho*, livro lançado em 1980 e que serve como uma continuação ao livro *O que é isso, companheiro?*- por narrar às experiências do personagem ao longo de seus anos no exílio - podemos perceber certa amargura relacionada a este passado militante. Ao longo da obra há críticas às antigas posturas políticas e à luta armada, principalmente quando ele se refere ao curso de guerrilha em Cuba. Gabeira (1980) comenta que se agia como se uma ampla guerra de guerrilhas tivesse eclodido no continente (p.78), quando na realidade, se ignorava a situação real do Brasil, onde os poucos companheiros que restavam não tinham nem lugar para dormir e se jogavam em um ônibus para circular durante toda a madrugada apenas para readquirir forças para continuar fugindo da polícia (p.79). Esta frustração fica bastante perceptível neste trecho:

Só não podíamos imaginar que aquela atividade gigantesca onde demos o melhor de nossos esforços, onde apareceram, sobretudo os momentos de fome, nossos piores defeitos, era completamente vã. (...) O que dizer da sensação que experimento ao reconhecer que sou um excelente atirador de bazuca, agora que marcho suavemente para minha aula de dança, a apenas algumas horas de começar meu trabalho como porteiro noturno de um pequeno hotel da Cruz Vermelha? (GABEIRA, , 1980, p.78).

E mais ao final da obra, quando ele também expressa essa frustração ao se referir a sua relação com seu vizinho na Suécia:

Tínhamos algo em comum, uma cumplicidade capaz de unir profundamente dois homens: ambos estivemos presos e ambos éramos agora pacíficos cidadãos, sem nenhuma importância política, o que, no fundo, ambos tínhamos muita dificuldade em aceitar. GABEIRA, , 1980, p.199).

Ainda nesta obra, Gabeira faz referência à cisão do MR-8, que aconteceu devido a parte do grupo achar correta a volta ao Brasil e a outra parte discordar. Ele comenta que não optou por nenhum dos lados, pois acreditava que eles seriam inconciliáveis. De acordo com ele, durante o tempo que passara na Europa, houve tempo para estudar e reavaliar antigas posturas, “de recapitular nossos erros, de confrontar análises mais sofisticadas da situação mundial” (p.123). Ele coloca:

Se a salvação do Brasil dependesse de um grupo de pessoas conhecidas pela polícia, reduzidas a praticamente nenhum dinheiro em caixa e nenhum esconderijo para se refugiar, isto significava que a própria salvação não existia.(GABEIRA, , 1980, p.124).

Neste momento, no Chile pré golpe, em 1973, Gabeira afirmava já não acreditar na luta armada. Esta postura teria o levado a ser considerado “desbundado”:

Ambos os grupos nos consideravam desbundados, um termo utilizado na época para as pessoas que deixavam a luta armada. Como tínhamos tipo um passado militante e dispúnhamos de uma formação intelectual, procurávamos dar aquele recuo a maior dignidade possível, contribuindo de longe. O termo desbundado iria me perseguir ao longo dos anos. Na medida que o exílio avançava, ganhava novas conotações.(GABEIRA, , 1980, p.125).

Apesar das críticas à luta armada, ao curso de guerrilha e à lógica de parte da esquerda, podemos perceber, em alguns trechos da obra de 1980, o orgulho em fazer parte da resistência, como é o caso nos dois trechos que seguem. O primeiro relata a experiência ainda sobre a experiência no Chile, quando ele teria se dedicado a dar aulas de defesa militar nas fábricas:

Estava fazendo exatamente o que queria: transmitir meus conhecimentos para um povo em luta. Na medida do possível, iria combater com eles, arriscar minha vida pelo seu processo. Quem sabe não venceríamos e a revolução socialista iria se consolidar no Chile? Aí seria o caso de ficar para construir, ou seguir caminho em busca de processos novos, correr o mundo em busca das revoluções até que chegasse a vez da nossa e então iríamos parar para sempre (...).(GABEIRA, 1980, p.129).

A segunda acontece durante o exílio político na embaixada da Argentina, também no Chile, após o golpe de Pinochet sob o governo de Allende:

Senti muita ternura por ela e por todos nós, um exército batido sim, meio amarrotado ali sobre os colchões nus, mas firme verbalmente. A palavra era nosso dom e por que não embalar a todos com sonoros discursos antiimperialistas? (GABEIRA, , 1980, p.158).

Este mesmo orgulho presente desde 1979 pode ser percebido na obra de 1984, de um Gabeira já inserido na sociedade brasileira, envolvido na Campanha pelas Diretas. Nesta obra (1984), ele conta o caso do Cabo Anselmo e de sua entrevista dada a Istoé. Anselmo foi líder da rebelião dos marujos em 1964 e passou para o lado adversário posteriormente, denunciando ex- companheiros e militantes (p.35). Ele comenta que a revista o chamou de “Anjo da Morte”. Sobre a postura do cabo Gabeira comenta:

Na entrevista, conta que estava vacilando quanto à natureza da luta armada. Muita gente vacilou, deixando simplesmente de atuar, buscando o caminho do exílio voluntário, enfim, achando outras saídas que não a da guerrilha. Entre vacilar e passar para o lado do adversário, sem nenhum tipo de coação, há um salto gigantesco e inexplicável na entrevista de Anselmo.(GABEIRA, , 1984, p.39).

Gabeira argumenta que as ideias alinhadas por Anselmo durante a entrevista, sua frieza perante a morte da própria companheira, sua admiração pelo Delegado Fleury e sua complacência com a violência e a tortura são reveladores de uma visão de mundo (1980, p.41).

Nesses vinte anos de golpe militar, a aparição de Anselmo reforça em todos nós o orgulho de termos um dia combatido ao lado dos nossos mortos. E a tranquilidade de olhar isto de longe e dizer: lá esta o Cabo Anselmo que se passou para o lado deles, reaparecendo no vigésimo aniversário. Parabéns para o golpe, parabéns para o Cabo Anselmo. Eles se merecem.(GABEIRA, , 1984, p.41).

Também nesta obra ele faz uma reflexão a respeito das consequências da ditadura militar:

Vinte anos de ditadura militar liquidam com os melhores projetos individuais e tornam muitas pessoas amargas e ressentidas. No entanto, são incapazes de evitar que se continue sonhando com um novo país, com uma nova pessoa humana. . (GABEIRA, , 1984, p.140).

E:

Gente e governo, por mais poderosos e arrogantes que sejam, sempre acabam. Quero ser apenas uma das milhares de vozes que vão repartir a extrema-união. Favor morrer em com calma. Descanse em paz. Bem ou mal, com esse regime morre uma parte de minha vida.(GABEIRA, , 1984, p.67).

No livro *Nós que amávamos tanto a revolução*, Gabeira (1985) também levanta a questão da luta armada na Alemanha e Itália, reafirmando que lá ela se deu dentro de uma democracia formal, enquanto no Brasil ela foi uma reação a uma violenta ditadura militar que não abria possibilidade de um questionamento pelo viés político. (p.82). Além disso, ele não condena a luta armada como um todo, como fica claro ao final do livro, quando ele afirma que a autocrítica que ele fez dos anos 1960 não significa uma recusa de aceitar a lutar armada que alguns povos são obrigados a desenvolver, diante da intolerância e incapacidade das classes dominantes em aceitarem transformações, como o caso da Nicarágua e da África do Sul (p.89). Porém, ele lembra que o processo de mudança passa, necessariamente, por uma revisão dolorosa e que colocar a violência como forma de luta, em pleno ano de 1985, não caberia (p. 89).

Este livro de 1985 narra a experiência que Gabeira teve com Daniel Cohn⁶⁰, que na época gravava um documentário a respeito dos jovens que participaram do

⁶⁰ “Deputado Europeu do partido ecologista Die Grünen, da Alemanha, Daniel Cohn-Bendit é co-presidente do grupo parlamentar Grupo dos Verdes/Aliança Livre Europeia. Foi um dos principais líderes

movimento de 1968. O questionamento do trabalho de Cohn gira em torno do que se tornaram as pessoas que participaram de 1968; até que ponto elas mantêm uma unidade com o seu passado de lutas. Nas palavras de Gabeira “Até que ponto se integraram no sistema e olham o jovem que um dia foram como se olhassem para um incômodo estranho?” (p.6). Gabeira afirma que não está nos documentário como representante do Brasil, pois havia outras pessoas muito mais significantes e sim por que:

(...) Faço parte apenas, apenas porque Daniel, lendo acidentalmente um dos meus livros na França e sabendo de minhas atividades atuais no Brasil, considerou que existia na minha trajetória uma curiosa unidade entre passado e presente. (GABEIRA, 1985, p.6).

É interessante perceber que o Gabeira de 1985 ainda se reconhecia e se conectava com seu passado político, dando uma ideia de continuidade desta pessoa que ele foi nos 1960.

(...) não somos mais os mesmos daquela época, mas que, no entanto, há alguma coisa nos ligando àquela época. Ou melhor dizendo – alguma coisa que sempre existiu e existirá em nós que, na década de 60, explodiu em forma de manifestação de rua e convulsões sociais. (GABEIRA, 1985, p.85).

Ele comenta que os conservadores adorariam ver estas pessoas que participaram de 1968 se acomodando, “levando a vida a sério” nas palavras dele (p.88). Neste sentido ele prossegue:

(...) O que parece impossível aos conservadores é a ideia de que uma pessoa busque permanentemente transformar a realidade, que ela não se canse e se dedique afinal a ganhar resignadamente a vida, enquanto as injustiças sociais continuam a crescer. (GABEIRA, 1985, p.89).

Ao final desta obra, assim como na do ano anterior, Gabeira também se despede dos anos 1960, encerrando um período de sua vida:

É com um grande prazer que deixo os anos 60 e abro a janela para entrar uma lufada de ar fresco. Dentro de mais algumas décadas vamos nos encontrar de novo e dar um novo balanço. (GABEIRA, 1985, p.90).

Entretanto, ele reafirma sua postura combativa, deixando claro que está disposto a continuar lutando e tentando alterar a realidade social – uma das características do pensamento de esquerda:

Pela cumplicidade que se estende entre nós companheiros que em vários países continuam, de diferentes maneiras, tentando transformar o real, posso dizer que não

estudantis dos movimentos populares de maio de 68 em Paris. Na época, foi chamado de "Danny, o vermelho" devido à cor do cabelo e à sua postura política de esquerda.” Disponível em: <https://www.fronteiras.com/conferencistas/daniel-cohn-bendit>. Acesso em: 05 nov. 2018

conseguimos nos curar do desejo do impossível. E nem da certeza eterna de que somos condenados à imperfeição, projeto sempre inacabado. (GABEIRA, 1984, p.90).

Esta vontade de alterar a realidade e o desejo pelo impossível, porém, não estão mais presentes no discurso dos livros de 2012 e 2017. Pelo contrário, como analisado no capítulo anterior, Gabeira parece condenar este desejo pelo impossível, afirmando que aceitar a realidade é necessário e abre mais possibilidades. Como referenciado no capítulo anterior, para ele, a ideia de utopia é muito poderosa e está diretamente ligada à ideia do paraíso, um lugar onde ninguém passaria fome e acabaria a exploração do homem pelo homem. (2017, p.20). Se nos anos 1970 e 1980 ele foi acusado de “desbundado”, atualmente esta postura lhe custou ser chamado de amargurado, ao que ele responde:

Aceitar a realidade não significa amargura. Talvez por isso tanta gente se refugie na ilusão e persiga tantos moinhos. Aceitar a realidade abre caminho para novas ideias, reinvenções. (GABEIRA, 2017, p.40).

Outra questão interessante de se atentar é que este orgulho do passado, esta continuidade que ele afirma ter - na obra de 1985 - com as lutas anteriores parece ter se rompido nas obras atuais. Em “Onde está tudo aquilo agora?”, de 2012, Fernando Gabeira inicia com uma reflexão a respeito do passado:

No momento em que escrevo, ainda estou vivo. Quero dizer que não esgotei meus papéis históricos. Cinquenta anos de vida pública. Não pretendo concluir, apenas fechar um ciclo. “O passado é um país estrangeiro, fazem coisas estranha por lá”, escreve L.P. Hartley no romance *O mensageiro*. Concordo somente com o final: “fazem coisas estranhas por lá”. (GABEIRA, 2012, p.7).

Já na obra de 2017, como analisado no capítulo passado, Gabeira se distancia da esquerda e faz severas críticas a ela. Na passagem a seguir ele faz menção a seu passado:

Quando vejo jovens gritando “golpe” e outros slogans da esquerda, sinto ternura pelo passado, mas também inquietação. É possível que o mal triunfou. A eles está sendo negada uma saudável crítica. No seu lugar, uma visão monolítica. Num tempo de reconstrução política e econômica, revolução digital e aquecimento planetário, que papel terá uma esquerda se insistir no papel de vítima? (GABEIRA, 2017, p.77-78).

Enquanto nas obras dos anos 1980 podemos perceber um Gabeira que acredita que o passado valeu a pena não podemos observar isso nas obras de 2012 e 2017, começando pelo próprio título da obra de 2012 *Onde está tudo aquilo agora?*. Outra questão é que, em determinado momento da obra de 1980 – *O Crepúsculo do Macho* –

ele afirma que, apesar de ter se encerrado a ilusão de paraíso na terra que ele tinha de Cuba, ela encerrava sem ressentimento, como se acabasse um amor para começar uma amizade (1980, p.101) quando ele menciona Cuba nesta obra de 2017, ele se refere desta forma:

Tantas mortes, tanto exílio, tanta tortura, os fuzilamentos inaugurais da revolução, tudo isso valeu a pena? Olhando para o lado, para Costa Rica, os românticos teriam um tema para refletir. (GABEIRA, 2017, p. 143).

2.2 Acerto de contas e lições do passado

Neste último tópico, pretendo analisar brevemente o que Fernando Gabeira supõe ter aprendido com o passado e com o autoritarismo, além da questão do acerto de contas, isto é, do débito que a ditadura tem com as pessoas que sofreram as consequências do regime: exílio, morte ou tortura. Esta questão aparece nos textos mais antigos de Gabeira, nos quais podíamos perceber certa revolta em relação aos crimes cometidos pelo regime militar. Logo na introdução do livro de 1979, *Carta sobre a Anistia, Entrevista do Pasquim e Conversação sobre 1968*, ele alerta:

Há um aspecto que gostaria de desenvolver. O de que ninguém vai nos devolver os anos que nos roubaram. A única maneira de cobrar é isolar a extrema-direita e impedir que isto aconteça de novo. Não é uma tarefa só para políticos, como não foi a do isolamento do fascismo italiano, do nazismo alemão. (GABEIRA, , 1979, p.4).

Além da necessidade de se isolar a extrema direita, é ressaltada a importância de se gerar, pela produção de artistas, como romancistas, cineastas e compositores, a sensação que se tem em relação a Hitler e aos campos de concentração até hoje: a de que isto não pode se repetir. (p.5). Ele volta a questionar:

Os políticos podem dar o balanço do número de mortos, do número de cassados, refugiados, banidos. Mas quem dará o balanço dos projetos humanos que se frustraram, dos abraços que se negaram, dos beijos paralisados, tudo por medo? Quem dará o balanço do medo que nós tivemos? Às vezes, como no meu caso, tive medo até de fazer medo, deixando de contato com centenas de amigos, de quem sentia muita saudade, aqui no frio e no gelo. (GABEIRA, , 1979, p.4).

Já no texto “A Carta da Anistia”, na mesma obra, Gabeira chama atenção para a necessidade de que amplos setores democráticos do Brasil tomem consciência do que aconteceu nos piores momentos da ditadura, afirmando que casos como o de Vladimir

Herzog, Rubem Paiva e Manuel Fiel devem ser apurados até as últimas consequências (p.14). A simples concessão da anistia, segundo seu argumento, não resolveria a situação, pois não serviria como uma solução mágica:

É necessário que exista um controle social sobre o aparato repressivo, que se saiba como funciona, que verbas dispõe, que métodos utiliza. É preciso um exame muito profundo de todo esse mecanismo que foi sendo montado ao longo desses anos que adquiriu uma certa autonomia. (GABEIRA, 1979, p.14,).

Na entrevista dada ao *Pasquim*, em 1978, também presente na mesma obra, ele discorre um pouco a respeito do que foi a tortura no Brasil e da necessidade de se entender e divulgar o que ela representou antes de se punir os torturadores. Ele se coloca contra a tortura no geral – não somente no caso dos presos políticos - e argumenta que teremos caminhado em direção à democracia quando a tortura for banida das investigações policiais e for democratizado o processo de cumprimento de pena e interrogação. Ele reforça: “minha preocupação é compreender a democracia como algo que tem que atingir o povão”. (p.30). Neste sentido, ele também aponta para a responsabilidade histórica dos Estados Unidos em relação à tortura a nível continental, comentando que havia toda uma estratégia para deter e destruir todos os movimentos de esquerda que poderiam representar algum perigo para a visão americana (p.29). Ele argumenta que a tortura não atingiu somente os guerrilheiros, mas que centenas de outras pessoas foram torturadas até por emprestarem livros (p.37). Ainda sobre a tortura e o autoritarismo no Brasil ele alerta:

Somos de um país onde os organizadores da tortura em nível continental são nome de rua. A gente não pode ver isso como acidental porque existe algo muito mais sério no sentido social. (GABEIRA, 1979, p.29).

Novamente nesta entrevista, assim como na “Carta sobre a Anistia”, ele toca o assunto do acerto de contas da ditadura:

Não há uma família no Rio de Janeiro ou em São Paulo, pra falar de duas cidades, que não tenha sido tocada por isso, que não tenha um membro que tenha sido sequestrado, que tenha sido retirado de casa, que não tenha alguém que perdeu bons anos de sua vida dentro de uma paranoia real, porque estava realmente sendo perseguido. Esses anos, nos roubaram! Como é que vão explicar os casais que se desfizeram, os pais que eles separaram dos filhos, os anos que tomaram da gente? (GABEIRA, 1979, p.39).

Outra questão levantada por ele é a de que existia uma relação dialética entre a repressão e o que era chamado de extrema esquerda, pois o aparato repressivo se baseava não somente na destruição da esquerda, como também na sua sobrevivência.

Precisavam que a esquerda fosse destruída, para que os órgãos de repressão tivessem mais verbas, dadas na base da eficácia, mas precisavam também que estes grupos continuassem existindo. De acordo com ele, haveria até a possibilidade de fabricar as ações armadas. Ele argumenta:

Não está fora do nosso horizonte a possibilidade futura de eles a fabricarem pra justificar os velhos automatismos repressivos. A gente te que estar preparado para isso, observando também que todos os atos que forem realmente ameaças para um processo democrático vão partir da direita organizada, com possíveis penetrações nos organismos de segurança. Isso inclusive é histórico. Essa ideia de fabricar o medo do comunismo já surgiu em 37 com o Plano Cohen. (GABEIRA,1979, p.39 -40).

Mais adiante na mesma obra, Gabeira afirma que o momento de reinserção no cenário político brasileiro era uma questão delicada. De um lado, a esquerda tinha que lidar com os próprios equívocos, o fato de ter errado a respeito do que aconteceria no Brasil, e do outro tinha que lidar com a direita que estava, segundo ele: “atenta aos nossos passos e querendo utilizá-los para bloquear o processo democrático em curso” (p.77). Na obra do ano seguinte, *O Crepúsculo do Macho*, ele fala sobre o efeito da derrota para a extrema direita no continente latino-americano:

Havia interiorizado a derrota no Continente e vivia de maneira infeliz. Suprema vitória dos ditadores latino-americanos que não nos condenavam apenas ao exílio, mas também a infelicidade. Aceitávamos esta pena, sem nenhuma precisão. (GABEIRA,1980, p.192).

Ao longo do ano de 1984, com a ditadura dando sinais de estar chegando ao seu fim, ele lança seu livro *Diário da Crise*. Ao longo deste livro, que, em grande parte, se dedica a tratar das Diretas Já!, ele aborda a questão de como lidar com o fim daquele governo. Gabeira (1984) comenta que “os homens do sistema” estavam fazendo de tudo para dilatar a “noite de vinte anos” e que não percebiam os sinais da aurora (p.63). Ele conta que o general Golbery do Couto e Silva chegou a formular uma teoria de que o Brasil passava, alternadamente, por fases de liberdade e de ditadura. Segundo Gabeira, Golbery não era capaz de imaginar a história de forma diferente, que não fosse mecânica ou petrificada. Para ele, o que tornava difícil esta transição era a insistência dos militares em não se retirarem do poder, bem como a questão da falta de uma derrota propriamente dita por parte do governo:

Para mim, o que segura tudo são os militares. Não por medo ao revanchismo e muito menos aos processos de corrupção, pois estes no Brasil são tratados com infinita complacência. Eles seguram porque seguram, quero dizer, porque eles não foram derrotados como deveriam ser. (GABEIRA,1984, p.58).

Ainda no que tange o final da ditadura, nesta mesma obra, ele comenta que um governo autoritário tende a confrontar seu adversário oferecendo duas formas de ceder, uma mais dolorosa que a outra: o mal e o mal menor. (p.112). A ideia de negociar com o governo se tornou a palavra de ordem dos jornais e ele atenta para o perigo desta possibilidade: valeria a pena a alternativa entre negociação e ser governado, no próximo ano, pela extrema direita? (p.112). Ele alerta:

Com vinte anos de ditadura, o processo de dilaceramento subjetivo foi tão intenso que os próprios políticos da oposição não percebem que um dos grandes atrasos nacionais é esse permanente desejo de um acordo por cima. (GABEIRA, 1984, p.112).

Para se consolidar a democracia no Brasil, não bastaria apenas uma eleição direta, seria necessário lidar de forma democrática com os grupos que pedem por melhor qualidade de vida, além de uma reorganização nacional, para organizar a questão agrária, redefinir a relação econômica com o exterior e oferecer uma resposta urgente às misérias das massas. (p.64). Ele atenta mais uma vez para o fato de que a falta de propostas por parte da oposição durante as “Diretas”, ou seja, a falta de uma conquista que poderia ser vista nacionalmente como uma conquista da oposição, acaba abrindo espaço para o aparecimento de um candidato conservador (p.87):

O resultado de tamanha hesitação é uma enorme brecha para um candidato conservador que apresente uma política repressiva, mas, de qualquer maneira, uma política e que isso arrebate os votos urbanos. (GABEIRA, 1984, p.87).

Ele também ressalta, em 1984, que as reformas sociais que poderão atenuar a violência na sociedade brasileira ficarão mais viáveis quando for conquistada a confiança da população e que a força militar repressiva deve desempenhar um papel secundário e cada vez menos importante na sociedade brasileira (p.193). Tanto em 1979 quanto em 1984 há uma forte ênfase na importância de se riscar do horizonte de possibilidade um novo período autoritário e ditatorial no Brasil. Isto pode ser percebido nos seguintes trechos, de 1979:

A História do Brasil se alterna entre períodos democráticos e períodos ditatoriais e chegou o momento de darmos um salto de qualidade para que, quando vier a Democracia, não exista mais ditadura no Brasil. É necessário que este círculo seja rompido. Acho que a construção desse salto de qualidade está no horizonte da nossa geração. Pois, essa geração, por ter conhecido profundamente 15 anos de ditadura, tem uma responsabilidade superior. Hoje, qualquer advertência no sentido de que algo possa conduzir a uma nova ditadura deve ser um momento de profunda reflexão. É evidente que não queremos capitular, impedindo nossas conquistas fundamentais, mas nossa principal preocupação é garantir a Democracia. (GABEIRA, 1979, p.35)

E depois de 1984:

Apesar da sucessão de fechamentos e aberturas, chega-se a um ponto em que as condições para superação dessa alternância estão socialmente dadas, quero dizer, em que a ditadura seja para sempre varrida do espectro das possibilidades. (GABEIRA, 1984, p.64)

O cenário é bastante diferente quando nos referimos às obras de 2013 e 2017. A preocupação com a necessidade de se aprender com o passado já não existe dentro do discurso, o que se evidencia logo no início da obra de 2017:

Debate sobre a luta armada, exílio, ditadura militar, marcas do passado recente. Prometi nunca mais discutir isso. De certa forma, cumpri a promessa. Não falo. Apenas escuto lamentos do passado. Como sofremos, etc. Choros de uma derrota pretérita. (...) No entanto, preciso voltar ao passado. Queria despojá-lo das ações do tipo: o torturador acionou a máquina de choque; fugimos da polícia pela porta lateral, armados de um revólver 38. Como será concentrar-me apenas na essência do que supponho ter aprendido? (GABEIRA, 2017, p.17).

Podemos notar, também, que Gabeira se relaciona de outra forma com o sentido da história e do passado:

É complicada a relação do inconsciente de cada um com seu papel histórico. Muitos grandes líderes podem estar apenas querendo alcançar uma posição idêntica ou mais alta que a do pai. Outros talvez estejam lutando pelos pobres para expiar um complexo de culpa. Podem até ter sucesso. Mas, por precaução, anoto apenas: projetar e combater fantasmas no processo histórico é uma das grandes armadilhas no caminho. (GABEIRA, 2017, p.90)

Além disto, os pronunciamentos de Gabeira que datam deste ano de 2018 contam uma história bastante diferente das obras do período de 1979 a 1985. Esta preocupação, característica das primeiras obras, com o aprofundamento da democracia e com a questão de estarmos atentos a sinais de autoritarismo, não existem mais. Ao invés disto, em um artigo publicado no jornal *O Globo*, em março de 2018, ele faz afirmações a favor da intervenção militar no Rio. Ele conta que, por conta deste ponto de vista, ele foi chamado de “general”. Esta “implicância” teria começado com sua visão positiva a respeito do papel do exército no Haiti. Ele afirma ter estado com o exército duas vezes no Haiti, em pontos avançados da Venezuela e no Rio Negro (2018). Segundo ele:

Não tenho o direito de encarar o Exército com os olhos do passado, fixado no espelho retrovisor. Além de seu trabalho, conheci também as pessoas que o realizam. Nesse momento de intervenção federal, pergunto-me se o Exército, para algumas pessoas da esquerda e mesmo alguns liberais da imprensa, ainda não é uma espécie de fantasma que marchou dos anos de chumbo até aqui, como se nada tivesse acontecido no caminho. (GABEIRA, 2018).

Já em entrevista a *BBC*, também em março deste ano, ele afirma que a morte de Marielle Franco significou uma grande perda para todos – independentemente das posições políticas -, pois ela vinha denunciando casos de violências em Acari, área de tradição de violência policial e se posicionando a favor dos direitos humanos. Entretanto, ao ser questionado a respeito de uma possível ligação da morte de Marielle com a intervenção militar - da qual Marielle fora nomeada relatora, para fins de monitoração da operação - ele foi bastante incisivo:

Acho muito difícil ligar a morte dela à intervenção federal. Muitas comissões estão sendo criadas para monitorar a intervenção, não seria isso que motivaria uma represália. (...) Não acredito que tenha sido a intervenção militar que a matou. Mas sua morte poderia ser, potencialmente, uma reação a intervenção federal por parte dos setores da polícia que estão sendo atingidos. Mas isso são crenças minhas. (GABEIRA, 2018).

Em seguida, a *BBC* questiona o fato da intervenção no Rio ter sido convocada às pressas, sob críticas de ser uma manobra política do presidente Michel Temer, ao que ele responde argumentando que o Rio é um estado arruinado pela corrupção e incompetência: “ Eu vejo a intervenção federal com os olhos do Brasil de hoje. Não acredito que vá haver nenhum tipo de desrespeito aos direitos humanos”. (GABEIRA, 2018). E em relação à frase do general interventor Villas-Bôas, a respeito de não poder ter risco de uma nova *Comissão da Verdade* ao fim da intervenção ele responde:

Eu acho que foi uma frase inadequada. Não há essa possibilidade, simplesmente porque hoje, ao contrário dos anos de chumbo, nós temos total transparência. A imprensa é livre, ela pode noticiar o que quiser. Hoje não haveria nada escondido. Tudo vai ter que ser transparente. (GABEIRA, 2018).

A *BBC* então afirma que esta transparência não ficou visível na primeira coletiva de imprensa com o interventor, que, pelo contrário, demonstrou uma cultura militar bastante avessa à comunicação. Gabeira refuta afirmando que isto ocorreu apenas na primeira entrevista e argumenta:

O que acontece é que os militares tiveram um grande período no poder e existe uma grande desconfiança a respeito deles. E um desconhecimento de como eles se transformaram neste período. Eu compreendo as preocupações das pessoas. Mas acho que estão trabalhando com os fantasmas no passado. (GABEIRA, 2018).

Por fim, a análise dos discursos e relatos feitos na década de 1980 e atualmente nos revelam um indivíduo bastante diferente. Não somente ele parece ter se afastado do espectro político e ideológico da esquerda, mas parece desconsiderar o passado, em

muitas ocasiões, como se tentasse se desvincular dele, o que dá fim à ideia de continuidade do sujeito que se identificava com as lutas políticas de seu passado.

Se antes Fernando Gabeira pregava manter o exército em um papel secundário na sociedade, isto não é mais verdade atualmente, visto que ele é um grande defensor da intervenção federal no Rio de Janeiro, defendendo que as pessoas que estão preocupadas com a possível violência e autoritarismo por parte do exército estão vivendo no passado. Embora tenhamos relatórios a respeito desta ação que mostram que a intervenção custou caro e não teve quase nenhuma eficácia⁶¹, Gabeira a defende intensamente. É relevante consideramos também as alegações feitas por Gabeira em entrevista ao *podcast* da Rio Bravo⁶² em 26 de outubro deste ano em relação a Jair Bolsonaro:

Eu estou acostumado a discutir com ele em muitas circunstâncias, então eu tenho uma tática para lidar com o Bolsonaro diferente da tática que eles optaram. Eu tenho uma tática de tentar entende-lo, não só por ele, pela amizade que possa existir entre nós, mas pelo fato dele representar parte da população considerável. (GABEIRA, 2018)

Segundo Gabeira, desde antes de ele ser um candidato bem sucedido, Bolsonaro já expressava várias coisas que eram pensadas por parte da população brasileira:

(...) então é necessário ter com Bolsonaro, no meu entender, uma visão construtiva, porque se parte pra ideia de que é um fascista, que é um nazista, você perde um pouco o contato com a possibilidade realmente de não só falar com ele, mas falar com os eleitores dele também, porque os eleitores dele não são essas pessoas que são descritas nas visões alarmistas. Já se disse que o Brasil é insano, que as pessoas são fascistas... Eu acho que é preciso pensar bem e conhecer bem o que está por trás desse apoio. (GABEIRA, 2018).

Se antigamente Gabeira alarmava para a importância da sociedade controlar o aparato repressivo, funcionando como reguladora, para impedir qualquer possibilidade de retorno do autoritarismo, isto não é mais identificável nos discursos atuais, marcados pelo apoio ao exército, à intervenção militar e pela convivência com o discurso de cunho bastante autoritário de Jair Bolsonaro. Enquanto o Gabeira de 1979 considera essencial que no Brasil seja desenvolvido, a exemplo da Alemanha e da Itália, uma sensação de “isto nunca mais pode acontecer” e que o povo esteja alerta a qualquer sinal de algo que pudesse conduzir a uma nova ditadura - se isto ocorresse, era necessário uma longa

⁶¹ Por exemplo: <https://www.ucamcesec.com.br/textodownload/a-intervencao-acabou-quanto-custou-infografico/>. Acesso em: 15 nov.

⁶² Disponível em: <https://player.fm/series/podcast-rio-bravo/podcast-512-1>. Acesso em: 15 nov. 2018.

reflexão (1979, p.35) -, o Gabeira de 2018 não demonstra inquietações em relação às claras apologias do capitão à tortura e à ditadura militar.

Considerações Finais

Este trabalho procurou tratar a trajetória política de Fernando Gabeira e analisar a possível virada ideológica que o personagem sofreu ao longo de sua vida. A análise dos relatos de memória do personagem, nos mostra que a imagem que o Fernando Gabeira dos anos 1980 queria passar de si diverge, em vários sentidos, da imagem de si que ele tenta passar na atualidade.

Além disso, o exame das obras do período de 1979 até 1985, se torna bastante perceptível que há certa linearidade na atuação política do personagem. Muitas das lutas defendidas em 1978 e 1979 são as mesmas dos livros lançados ao longo dos anos 1980, sendo a luta pela justiça social e pelo aprofundamento da democracia um destes pontos em comum. Além deste ponto, o Gabeira deste período se mostra fortemente contrário ao autoritarismo e, constantemente, se refere pejorativamente ao conservadorismo e aos políticos conservadores. Ele mesmo reconhece esta “unidade entre passado e presente” na obra de 1985 – *Nós que amávamos tanto a revolução* – quando comenta que ele e outros “companheiros” continuavam, em vários países diferentes, tentando alterar o real, não estando curados do “desejo do impossível” (p.90).

Porém, esta linearidade presente nos primeiros anos de seu retorno ao Brasil se rompeu em algum momento da vida do personagem, pois o Fernando Gabeira de 2012 em diante se mostra como alguém bastante diferente do sujeito dos anos 1980. Como comentado ao longo dos capítulos, ele vincula a crítica ao PT a uma crítica intensa à esquerda como um todo, além de pouco mencionar igualdade ou justiça social em seus discursos.

Por fim, a análise das fontes nos permite sustentar que Fernando Gabeira, passou, sim, por mudanças em seu discurso político e ideológico. O próprio personagem reconhece o seu distanciamento do passado, como fica claro no trecho da obra de 2012 a respeito de seu passado: “fazem coisas estranhas por lá” (p.7). Embora este trabalho não tenha conseguido abordar as variadas fases da vida do personagem, pra tentar compreender em que momento esta virada ideológica se deu, é possível assinalar grandes mudanças em sua postura dos anos 1980 até hoje-.

O Fernando Gabeira que sequestrou o embaixador americano lutou pelas “Diretas”, denunciou os crimes da ditadura militar e andou de tanga de crochê nas praias do Rio de Janeiro se assemelha em pouco com o que atualmente defende a intervenção militar no Rio, argumenta que o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff foi resultado da vontade da sociedade como um todo, chama a UDN de partido liberal, tira fotos ao lado de membros do MBL e pede compreensão para com Jair Bolsonaro.

Fontes e Bibliografia

Objetos de Análise

GABEIRA, Fernando. **O que é isso, companheiro?** Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2016 (1979).

GABEIRA, Fernando. **Carta sobre Anistia, A Entrevista do Pasquim, Conversação sobre 1968.** Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

GABEIRA, Fernando. **O Crepúsculo do Macho.** Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

GABEIRA, Fernando. **Diário da Crise.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1984.

GABEIRA, Fernando. **Nós que amávamos tanto a revolução.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1985.

GABEIRA, Fernando. **Onde está tudo aquilo agora? Minha vida na política.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GABEIRA, Fernando. **Democracia Tropical.** Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.

GABEIRA, Fernando. **Roda Viva:** 22/12/1986. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YUP_raLMRqA&t=1231s. Acesso em: ago. 2018.

GABEIRA, Fernando. **Roda Viva:** 14/01/2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lulauhIUAB0&t=449s>. Acesso em: ago. 2018.

GABEIRA, Fernando. **Roda Viva:** 06/03/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BXAf50WcVki&t=649s>. Acesso em: ago. 2018.

GABEIRA, Fernando. **Entrevista concedida a Podcast Rio Bravo:** 26/10/2018. Disponível em: <https://soundcloud.com/riobravoinvestimentos/podcast-512-1>. Acesso em: nov. 2018.

GABEIRA, Fernando. **A Luta Contra Fantasmas.** Gabeira.com.br, 2018. Disponível em: <http://gabeira.com.br/a-luta-contr-fantasmas/>. Acesso em: ago. 2018.

GABEIRA, Fernando. **BBC Brasil:** 17 mar. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43406090>. Acesso em: jul. 2018.

Reportagens e links:

BRASIL. **Ato Institucional n.5, de 13 de dezembro de 1968.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm. Acesso em: set. 2018.

BRASIL. Lei n. 6.683, de 28 agosto de 1979. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6683.htm. Acesso em: set. 2018.

Câmara dos deputados. **Diretas Já – 30 anos do movimento**. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/diretas-ja>. Acesso em: 15 out. 2018.

CPDOC. **A Era Vargas: dos anos 20 a 1945**. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/juraci_magalhaes. Acesso em: 22 set. 2018.

Encyclopædia Britannica. **New Left**. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/New-Left>. Acesso em: ago. 2018.

FOLHA DE LONDRINA. **Revoltado, Gabeira deixa o PT**. Out. 11.2003. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/politica/revoltado-gabeira-deixa-o-pt-465864.html>. Acesso em: set. 2018.

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO. **Daniel Cohn-Bendit**. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/conferencistas/daniel-cohn-bendit>. Acesso em: 18. Nov. 2018.

G1. **Morre aos 90 anos o historiador Jacob Gorender**. 11 jun. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/morre-o-historiador-jacob-gorender.html>

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. **40 são trocados por embaixador alemão**. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/40-sao-trocados-por-embaixador-alemao>. Acesso em: ago. 2018.

O GLOBO. **A tanga de crochê de Fernando Gabeira marca o comportamento dos anos 80**. Rio de Janeiro, 27 jul. 2013. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/a-tanga-de-croche-de-fernando-gabeira-marca-comportamento-dos-anos-80-9224227#ixzz5ZFCy3Mgw>. Acesso em 10 set. 2018.

O GLOBO. **Temer e Gabeira admitem que também participaram da farra das passagens**. 20 abril. 2009. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/temer-gabeira-admitem-que-tambem-participaram-da-farra-das-passagens-270344.html>. Acesso em: set. 2018.

O GLOBO. **Construído nos anos 50, Barata Ribeiro 200 fez fama na crônica policial da cidade**. Rio de Janeiro: 25 fev. 2014. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/construido-nos-anos-50-barata-ribeiro-200-fez-fama-na-cronica-policial-da-cidade-11707238>. Acesso em: 20 set. 2018.

PARTIDO VERDE. **Fundação (1986)**. Disponível em: <http://pv.org.br/fundacao-1986/>. Acesso em: ago. 2018.

PUCSP. **Direito natural e jusnaturalismo**. Enciclopédia Jurídica da PUCSP. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/63/edicao-1/direito-natural-e-jusnaturalismo>. Acesso em: 30 set. 2018.

SILVEIRA, Wilson. Folha de São Paulo. **Adeus, Companheiro. Gabeira confirma saída do PT após esperar Dirceu em vão**. São Paulo: 11 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1110200302.htm>. Acesso em: 20 set. 2018.

- SIRKIS, Alfredo. **Uma biografia de luta pelos seus ideais**. Disponível em: http://www.sirkis.com.br/interna_biografia_anos60.shtml. Acesso em: set. 2018.
- TERRA. **Leia na íntegra o discurso de Gabeira na Câmara**. 15 out. 2018. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OII60560-EI306,00-Leia+na+integra+o+discurso+de+Gabeira+na+Camara.html>. Acesso em: set. 2018.

Referencial Bibliográfico

- ALMEIDA, Valesca de Souza. **A LUTA ARMADA NA MEMÓRIA COLETIVA EM TEMPOS DE REDEMOCRATIZAÇÃO**. Revista Encontros, v. 12, n. 23, 2014. Disponível em: <http://cp2.g12.br/ojs/index.php/encontros/article/view/298>. Acesso em: Ago. 2018.
- BATISTA, Alexandre Blankl. **A trajetória de Paulo Francis na imprensa hegemônica e contra-hegemônica brasileira (1962-1997)**. Porto Alegre: UFRGS, 2015
- CALLIGARIS, Contardo. **Verdades de autobiografias e diários íntimos**. Revista Estudos Históricos, v. 11, n. 21, p. 43-58, 1998.
- COELHO, Cláudio Novaes Pinto. **Os movimentos libertários em questão: a política e a cultura nas memórias de Fernando Gabeira**. UNICAMP, 1987. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279153/1/Coelho_ClaudioNovaesPinto_M.pdf Acesso em: ago. 2018.
- DA SILVA, Izabel. **De Estudantes a Guerrilheiros: A trajetória da Dissidência Comunista da Guanabara/Movimento Revolucionário 8 de Outubro e a Luta Armada no Brasil nas Décadas de 1960 e 1970**. Revista Taller, v.2, 2013. Disponível em: <https://revistataller.weebly.com/uploads/2/5/3/2/25328758/silva.pdf>
- DA SILVEIRA, Pedro Telles. **A memória suturada: discussão sobre o testemunho dos militantes de esquerda na redemocratização brasileira (1977-1984)**. Londrina: Revista Reflexões, 2009.
- DOS SANTOS, Darlan Roberto. **A DITADURA MILITAR EM XEQUE NAS AUTOBIOGRAFIAS DE MARCELO RUBENS PAIVA E FERNANDO GABEIRA**. Literatura em Debate, v. 7, n. 12, p. 139-149, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/1042>. Acesso em: Ago. 2018.
- DE FIGUEIREDO, Vera Follain. **Nos trilhos da memória (uma leitura da obra de Fernando Gabeira)**. O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira, v. 6, p. 263-274, 1988. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/viewFile/4236/4082. Acesso em: Ago. 2018.

- FAGUNDES, Adriano Bier. **Crítica e conciliação: a formação política de Fernando Gabeira a partir de sua Trilogia do Retorno**. Porto Alegre: UFRGS, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/132395>. Acesso em: Ago. 2018.
- FIRMINO, Gustavo Casasanta. **Classes Médias e Manifestações pró-impeachment na cidade de São Paulo: uma análise dos movimentos e manifestantes**. Revista de Ciências Sociais, n. 47, p. 209 – 227, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/viewFile/30466/19614>. Acesso em: 20 out. 2018.
- GOMES, Ângela Maria de Castro. **Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados**. Revista Estudos Históricos, v. 11, n. 21, p. 121-128, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, trad. Laurent León Schaffter 1990.
- LÍSIAS, Ricardo. "O que os fortes queriam? Uma análise de O que é isso, companheiro? e Os carbonários." *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* 48, 229-246, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S231640182016000200229&script=sci_abstract&lng=es. Acesso em: Ago. 2018.
- MALARD, Letícia. **Análise contrastiva de O que é isso, Companheiro?, de Fernando Gabeira, e Reflexos do Baile**, de Antônio Callado. O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira, p. 75-120, 1982. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/viewFile/4125/3989. Acesso em: Ago. 2018.
- PEREIRA, Everli Fernanda; MELLO, Tamyris Villela. **O homem e a angústia existencial de Jean Paul Sartre**. Psicologia - Revista Eletrônica Científica. 19ª edição - Novembro. Garça: FAEF, 2012. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/yeLXnSKdgXC1odj_2014-4-16-0-34-5.pdf. Acesso em 10 out. 2018.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- PROCHASSON, Christophe. **Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas**. Revista Estudos Históricos, v. 11, n. 21, p. 105-120, 1998.
- REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio Janeiro: Zahar, 2014.
- ROLLEMBERG, Denise. **Esquecimento das memórias**. O golpe de 1964 e o regime militar. São Carlos: Ed.UFSCar, 2006, pp. 81-91. Disponível em: http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/ESQUECIMENTO_DAS_MEMORIA_S.pdf. Acesso em: Ago. 2018.
- RUSCHEL, Davi Arenhart. **Entre risos e prantos: as memórias acerca da luta armada contra a ditadura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/37806>. Acesso em: Ago. 2018.

- SANTOS, Rafael. **Jornalismo literário e cinema: uma análise de O que é isso, companheiro?** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016. Disponível em:
<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/3174/5/Rafael%20Fonseca%20Santos.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018.
- SILVEIRA, Alexandre. **A trajetória do Binômio, um jornal “quase independente”**. Curitiba: 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/coester/Downloads/179-Texto%20do%20artigo-297-1-10-20160425.pdf>. Acesso em: 02 out. 2018.
- SYRKIS, Alfredo. **Os Carbonários**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 1980.
- TAVARES, Tânia. **Grupo dos Onze: a esquerda brizolista: (1963-1964)**. Florianópolis: XXVIII simpósio nacional de História, 2015, p.1. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439829367_ARQUIVO_ArtigoAN_PUH.pdf. Acesso em: 01 out. 2018.
- VIEIRA, Liszt. **A busca: memórias da resistência**. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.
- BENJAMIN, Cid. **Gracias a la vida: memórias de um militante**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2013.
- VILLWOCK, Aparecida de França. FIUSA, Alexandre Felipe. **"A DITADURA MILITAR NA HISTÓRIA DE TABAJARA RUAS E FERNANDO GABEIRA**. Maringá: seminário de pesquisa PPE. 2011. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2011/pdf/5/113.pdf. Acesso em: Ago. 2018.